

GERALDO TADEU SOUZA

**A CONSTRUÇÃO DA METALINGÜÍSTICA
(FRAGMENTOS DE UMA CIÊNCIA DA LINGUAGEM
NA OBRA DE BAKHTIN E SEU CÍRCULO)**

**Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Letras, Área de
Semiótica e Lingüística Geral**

Orientadora: Profa. Dra. ELISABETH BRAIT

SÃO PAULO

2002

A Kim

Aos meus filhos: Caíque e Tarsila

Agradecimentos

O desenvolvimento desta pesquisa contou com a colaboração de vários amigos em vários níveis que se misturaram: institucionais, familiares e íntimos.

Gostaríamos de agradecer, em primeiro lugar, à nossa orientadora Prof. Dra. Beth Brait pela paciência e confiança no resultado deste trabalho.

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pela bolsa de doutorado e ao seu parecerista pelo acompanhamento no desenvolvimento do trabalho com seus comentários críticos e indicações de determinados caminhos para a pesquisa.

Aos Professores Doutores João Wanderley Geraldi e Maria Adélia Ferreira Mauro, pelas contribuições durante o Exame de Qualificação do projeto desta tese.

Aos Professores Doutores Boris Schnaiderman, Arlete Cavalieri e Homero Freitas de Andrade, e à amiga Maria de Fátima Bianchi, pelas conversas sobre o mundo cultural russo.

Um agradecimento especial à Professora Doutora Anna Rachel Machado.

Aos colegas dos grupos de estudos bakhtinianos mantidos por nossa orientadora nesta Universidade e também na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ao Jason e ao meu irmão Ivan pelas referências bibliográficas encontradas.

Aos amigos que nos ajudaram com as crianças.

À minha pequena e grande família que me ensinaram o exato sentido do “pensamento participativo” de Bakhtin e seu Círculo.

RESUMO

O estudo teórico da obra de Bakhtin e seu Círculo demanda um aprofundamento em vários contextos: um estudo historiográfico da obra em relação ao contexto russo de sua produção; um estudo comparativo das traduções em que a obra, escrita originariamente em russo, circula e é interpretada no Ocidente; e a busca de uma, entre múltiplas entradas na obra, que nos permita avançar nos seus estudos da linguagem.

Neste trabalho, recuperamos fragmentos da construção de uma ciência da linguagem - a Metalingüística -, comparando duas obras de 1929 - *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Volochinov) e *Problemas da obra de Dostoiévski* (Bakhtin) - com a segunda edição do livro de Bakhtin sobre Dostoiévski - *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963), onde Bakhtin menciona pela primeira vez, publicamente, essa nova ciência. Essa comparação revelou que já nos livros de 1929, o objeto da Metalingüística - as relações dialógicas e a palavra bivocal - estavam propostos; e que há uma transição de uma Filosofia marxista da linguagem e uma Sociologia da palavra, nos primeiros, para a Metalingüística.

Na primeira parte da tese, levantamos alguns aspectos gerais da obra tais como: 1) as relações das fontes primárias com o contexto histórico russo; e 2) alguns problemas de tradução de categorias relacionados com o nosso tema.

A segunda parte, trata da evolução do problema do diálogo na própria construção da Metalingüística e de sua orientação filosófica, a partir dos seguintes contextos: a Filosofia marxista da linguagem (Volochinov) em relação com o problema do diálogo; as relações entre a Sociologia da palavra e a Metalingüística; e, por último, as relações da Metalingüística com a Lingüística.

Os resultados da pesquisa apontam para uma reinserção da Metalingüística nos estudos bakhtinianos atuais, como uma entrada importante para a análise dialógica da linguagem.

ABSTRACT

The theoretical research of Bakhtin and his circle's works require an indepth study of various contexts: a historiographical study in relation to the Russian context of its production; a comparative study of translations in which the work, written originally in the Russian language, circulate and is interpreted; and the demand of a context, among the multiple entries in that work, which allowed us to go further in their study of language.

In this work, we recover some fragments of Bakhtin's science of language, that is, Metalinguistics, comparing two works from 1929 - *Marxism and Philosophy of Language* (Voloshinov) and *Problems of Dostoevsky's Art* (Bakhtin) - with the second version of Bakhtin's book on Dostoevsky - *Problems of Dostoevsky's Poetics* (1963), where for the first time Bakhtin mentions this new science. The comparison reveals that in the 1929's works the object of Metalinguistics - dialogical relationship and double-voiced word - was already proposed, and that there is a transition from the first two works to the second, from a Marxist philosophy of language and Sociology of words to Metalinguistics.

In the first part of the thesis, we show some general aspects of the work such as: 1) the relationships between the primary database and the Russian historical context and 2) some problems of translation of categories related to our theme.

The second part, tries to show the evolution of the problem of dialogue in the construction of Metalinguistics and its philosophical orientation on the following contexts: Marxist philosophy of language related to the problem of dialogue; from the Sociology of words to Metalinguistics; and, finally, the relationships between Metalinguistics and Linguistics.

The results of the research point to a reinsertion of Metalinguistics in Bakhtin's current studies as an important context for the dialogical analysis of language.

A construção da Metalingüística
(Fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu Círculo)

Sumário

Tabela de Abreviaturas	07
Apresentação dos problemas	08
I - A obra como unidade da comunicação dialógica	16
1 - As fontes primárias e o contexto histórico	16
2 - Alguns problemas de tradução na vida plurilingüe da obra	49
A - Metalingüística ou Translingüística?	51
B - Discurso quase direto ou Discurso indireto livre?	65
C - Palavra bivocal ou Discurso bivocal?	67
D - Gêneros discursivos ou Modos, registros, fórmulas...?	74
II - A construção da Metalingüística	79
1 - Filosofia marxista da linguagem e o problema do diálogo	79
2 - Sociologia da palavra e Metalingüística	105
A - Discurso quase direto e Palavra bivocal	127
3 - Metalingüística e Lingüística	136
Considerações Finais	163
Bibliografia de Bakhtin e seu Círculo	167
Bibliografia Geral	170
Anexo: “Lista cronológica da obra: 1912-1996”	

Tabela de Abreviaturas

- AH - “O autor e o herói” (1922-1924)
- AP - “Apontamentos 1970-1971”
- DR - “O discurso no romance” (1934-1935)
- DVDA - “Discurso na vida e discurso na arte” (1926)
- FEC - *Freudismo: um esboço crítico* (1927)
- MFL - *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929)
- MFEC - *O Método Formal na Escola Literária* (1928)
- PCMF - “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (1924)
- PGD - “O problema dos gêneros do discurso” (1952-1953)
- PHDR - “Da pré-história do discurso romanesco” (1940)
- PMCH- “A propósito da metodologia das ciências humanas ((1974)
- POD - *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929)
- PPD - *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963)
- PRLD - “Para uma reelaboração do livro sobre Dostoiévski (1961-1962)
- PT - “O problema do texto “ (1959-1961)
- Rab - *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1965)
- SFA - *Sobre a Filosofia do ato* (1919-1921)

Apresentação dos problemas

*“El método dialógico de la búsqueda de la verdad se opone a un monologismo **oficial** que pretende **poseer una verdad ya hecha**, se opone también a la ingenua seguridad de los hombres que creen saber algo, es decir, que creen poseer algunas verdades. La verdad no nace ni se encuentra en la cabeza de un solo hombre, sino que se origina **entre los hombres** que la buscan conjuntamente, en el proceso de su comunicación dialógica”.*

(PPD, Bajtin, 1986:155)

*“A veces resulta sumamente importante echar una nueva luz a un fenómeno conocido y aparentemente bien estudiado mediante una **problematización renovada**, vislumbrar sus aspectos nuevos por medio de una serie de preguntas dirigidas intencionalmente”.* (MFL, Voloshinov, 1992:153)

“Dialogismo do nosso pensamento sobre as obras, as teorias, os enunciados, e, de uma maneira mais geral, do nosso pensamento sobre o homem”.

(PT, Bakhtin, 1992D:349)

No seu livro sobre Rabelais, Bakhtin cita uma cena da *commedia dell'arte* em

que um gago tenta falar uma palavra complicada para Arlequim e não consegue. Ele “faz esforços terríveis, sufoca, cobre-se de suor, abre a boca bem aberta, treme, asfixia-se, sua face incha, seus olhos saem das órbitas: Tem-se a impressão de que vai experimentar as dores e os espasmos do parto”. Aí Arlequim vem em socorro do gago de uma forma inesperada: dá-lhe uma cabeçada no ventre e a palavra complicada vem ao mundo.

Não vou explicar aqui a gestação desta tese, mas as sensações do gago são as mesmas que compartilhei ao procurar algum porto seguro para olhar criticamente para a obra de Bakhtin e seu Círculo como um todo. Trilhar caminhos em que interagem vida, arte e ciência, numa conjuntura política revolucionária nem sempre são fáceis, menos ainda quando o produto dessa interação é concebido numa língua que desconhecemos: a língua russa. E é dentro dessa aventura que nos propusemos um estudo teórico dessa obra enciclopédica.

A atividade do pesquisador, num primeiro momento, tende, e realmente é o que fizemos, a se aventurar em todas essas fontes, conhecê-las, anotá-las, se perder nelas, como que um aprendizado - uma “boêmia intelectual” - onde as questões de entrada acabam perdendo valor, visto que outras, muito mais importantes, acabam se destacando da obra e nos forçando a um diálogo novo com a multiplicidade de planos em que ela é entretecida.

As infinitas possibilidades de elaboração de uma tese frente à uma obra tão rica e múltipla, ao lado da grande quantidade de informações obtidas durante a pesquisa e da dificuldade em processá-las, se revelaram também o nosso maior problema na hora de escolher o tema principal para dialogar com essa obra como um todo.

Perseguimos a sua originalidade enfrentando vários obstáculos, seja por “pedras no caminho” como as variantes terminológicas das traduções, que por vezes dificultavam a compreensão dessa originalidade, como também, pelo desconhecimento do entorno da obra no que se refere a outras correntes mais poderosas, no contexto russo e europeu de sua época, em estudos da linguagem e de estética, além de não termos acesso a fontes de muitos estudiosos importantes, não só russos (Iakubinski, Vinogradov) como alemães (Spitzer), que contribuíram para a construção de um ponto

de vista novo sobre a linguagem.

Do ponto de vista interior à obra, ela se revela como um grande simpósio situado sobre fronteiras porosas, dando voz a quase todas as correntes de seu tempo, apropriando-se e redefinindo conceitos da tradição e de sua contemporaneidade, que exigiram de nós uma leitura muito atenta, para não tornar deles as vozes de outro que criticavam, cujos pontos de vista particulares Bakhtin e seu Círculo procuravam enriquecer, como no caso da lingüística, por exemplo. Nesse caso particular, os estudiosos russos não só apontavam para outros ângulos sobre o mesmo fenômeno estudado pela lingüística - o ângulo sócio-ideológico e dialógico em relação à palavra-enunciado - como também, incentivavam uma expansão das análises lingüísticas para além da frase, alcançando até os livros de grandes tomos.

O tema que se revelou nuclear para ler a obra tanto do ponto de vista filosófico como das teorias da linguagem, foi a da própria construção de uma nova ciência da linguagem que Bakhtin chama de Metalingüística.

Para nós, esse deveria ser o caminho que nos levaria a uma outra leitura de Bakhtin e seu Círculo, a contemplar a transição de suas investigações filosóficas da linguagem - uma Filosofia marxista da linguagem -, para uma nova ciência da linguagem.

Embora recuperando apenas fragmentos para a abordagem do nosso problema, consideramos que uma leitura da obra que se aprofunde nessas proposições podem ir muito além das relações dialógicas que iremos recuperar neste trabalho. Na realidade, o estudo poderia ser desenvolvido de modo mais amplo, desde as relações do ato com a linguagem, contidas no manuscrito *Sobre a Filosofia do Ato*. Devido à dificuldade que tivemos em elaborar as complexas relações entre a Filosofia moral (Filosofia do ato), a Estética da criação verbal e a Metalingüística, decidimos, neste trabalho, nos ater às relações entre a Filosofia marxista da linguagem e a Metalingüística.

O que pretendemos, de maneira modesta, é nos colocar, enquanto leitor crítico da obra, num lugar onde as influências e as interações mútuas das obras do Círculo possam ser recuperadas e reinterpretadas, a partir de um tema determinado: a construção da Metalingüística. A empreitada é muito difícil, mas acreditamos poder

descrever, no desenvolvimento deste trabalho, uma primeira aproximação, ainda que fragmentária, de uma possível compreensão de parte da obra, de sua originalidade.

Para abordar a obra como um todo, ou pelo menos sua parte que de algum modo se tornou conhecida, nos vimos, durante a pesquisa, diante de três caminhos metodológicos.

O primeiro, interno a Bakhtin e seu Círculo, nos possibilitou recuperar algumas inter-relações dialógicas estabelecidas entre as fontes (na verdade traduções dessas fontes) com vistas a construir uma idéia da especificidade do pensamento de Bakhtin e seu Círculo em Bakhtin e seu Círculo, formando como que um diálogo interno da obra. Na realidade esse diálogo só é possível pela inserção entre as obras publicadas de uma série de manuscritos, notas, cartas, publicadas em sua época, ou postumamente.

Há um intenso diálogo entre os textos dos membros do Círculo na construção de um ponto de vista novo sobre a linguagem e sobre o diálogo. Tentamos flertar esse diálogo de vários modos: por citação de autores do Círculo, por citações das vozes de outros externos ao Círculo, pela construção de uma cronologia dos textos - do manuscrito à publicação, articulando essas relações em torno da construção da Metalingüística.

O segundo caminho metodológico nos ajudou a recuperar alguns dados do contexto russo contemporâneo e de outros estudiosos dos problemas abordados pelo Círculo no sentido de descobrir as diferenças entre esse pensamento e a obra que é nosso objeto, ou seja, as diferenças que os ajudam a problematizar a linguagem de um modo original. Tal idéia implica em tentar perceber como Bakhtin e seu Círculo escolhem seus problemas e em que as suas respostas a esses problemas são, também, respostas a enunciados de outros sobre o mesmo tema e sobre os mesmos problemas de outras perspectivas.

O último caminho metodológico envolve um estudo comparativo das traduções da obra em várias línguas, assim como o cotejo com a obra original em russo, no que se refere a alguns termos específicos. É nesse terceiro ponto de vista que percebemos algumas categorias de Bakhtin e seu Círculo sendo construídas pelos tradutores da obra para cada obra em particular, perdendo, muitas vezes, a relação com as obras

anteriores e posteriores desse grupo de estudiosos russos. O conjunto da obra possui vários tradutores em cada língua, o que dificulta em muito uma análise da dialogicidade interna da obra.

De qualquer modo, tal avaliação é possível não só pela comparação de várias traduções de uma mesma obra, como também pela recorrência à fonte original para tentar se aproximar de uma compreensão mais ativa dos termos, os quais adquirem, à revelia do autor, um universo de variantes para os termos numa mesma obra, numa mesma língua e, também, nas várias línguas. Esses problemas atingem categorias fundamentais como gênero, autoria, plurilingüismo e outras. Para complicar esse problema um pouco mais, devemos ressaltar que, em alguns casos, essa bivocalidade dos termos é própria das fontes primárias, isto é, da própria atração de Bakhtin e seu Círculo pela variedade de termos que recobrem um mesmo fenômeno.

Entretanto, podemos superar essas dificuldades se conseguirmos, dentro dos caminhos metodológicos escolhidos, mostrar a originalidade do pensamento de Bakhtin e seu Círculo sustentando-se por si, na sua dialogicidade interna, superando as divergências entre os vários bakhtines que ressoam nas traduções e comentários de outrem da obra como um todo. Para tanto, teremos de construir a obra como um mosaico de fragmentos dos vários Bakhtines, Volochinovs e Medvedevs, orientando-os para o nosso problema.

Achamos que o atual estágio das pesquisas, sobre Bakhtin e seu Círculo no Brasil nos permite colocar os problemas que apresentamos de um modo que sua intenção não seja apenas criar uma polêmica determinada em torno das diversas traduções da obra. Nosso objetivo não é esse. Só queremos mostrar que, ao sairmos dos limites do Bakhtin publicado em nossa língua, poderemos perceber a complexidade dos problemas centrais de sua ciência da linguagem.

Nesse sentido, procuramos colocar em diálogo Bakhtin e seu Círculo e seu mundo e, ao mesmo tempo, Bakhtin e seu Círculo em nosso mundo, ou seja, uma aproximação da obra no universo de tradutores e de comentadores, para daí retirar os fragmentos com os quais pretendemos apresentar o processo com que construímos nosso ponto de vista sobre a Metalingüística.

Os resultados de nossas escolhas - o tema e os caminhos metodológicos de seu estudo - são apresentados em duas partes: 1) a obra como unidade da comunicação dialógica; e 2) a construção da Metalingüística.

Dentro da primeira parte, construímos, no primeiro capítulo - “As fontes primárias e o contexto histórico” -, um horizonte mínimo para situar a obra como um acontecimento histórico, em meio ao espaço da Revolução russa e de seus desdobramentos, construindo as relações entre a obra e o seu tempo. Articulamos as fontes do Círculo com pessoas e tradições dos estudos russos e não-russos de estudos da linguagem e outros, que nos ajudem a reler Bakhtin, tanto do ponto de vista da orientação filosófica como da orientação lingüística, recuperando fragmentos de vozes nessas duas esferas de circulação da obra. Os problemas das traduções de alguns termos, principalmente os relacionados com a Metalingüística, nos vários Bakhtin/Bakhtine/Bajtin, é o tema do segundo capítulo.

Na segunda parte da tese, tratamos, especificamente, da construção da Metalingüística a partir de algumas obras e ensaios de Bakhtin e Volochinov. A proposição da Metalingüística é feita por Bakhtin de maneira bem prosaica, em se tratando da proposição de uma ciência: aparece em ensaios e manuscritos na forma de notas de poucas linhas e, publicamente, pela primeira vez, em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963), no que ele chama de “observações metodológicas prévias”. Num lugar onde o fenômeno da polifonia no romance é abordada, Bakhtin vai elevar o seu diálogo com a lingüística, no interior dos estudos da linguagem em sentido amplo, na vida e na cultura, ao seu mais alto grau. Lingüística e Metalingüística serão colocadas em pé de igualdade, como estudos complementares de um mesmo fenômeno: a palavra-enunciado.

A dialogicidade interna da obra como um todo, em relação ao nosso tema, é enorme. Nossa tarefa consiste em procurar alguns “fios dialógicos” que possam nos guiar na sua avaliação, que mostre as inter-relações dialógicas entre Bakhtin e seu Círculo, na própria constituição de uma nova ciência da linguagem.

Essa nova ciência, muitas vezes, acaba sendo substituída por uma idéia, a idéia de “dialogismo”, a qual, se não for ancorada num contexto efetivamente bakhtiniano,

pode ficar solta no ar, sem que se percebam os problemas de linguagem apontados por Bakhtin e seu Círculo, em torno do enunciado concreto, do gênero, das relações dialógicas e da palavra bivocal.

Às vezes, como diz Volochinov, é preciso colocar o problema de um outro ponto de vista, para que a sua complexidade venha à tona e a riqueza desse tipo de análise seja revelada. A tarefa que nos propomos é essa mesma, a de mostrar a partir do ponto de vista da construção da Metalingüística, um outro modo de olhar para a obra como um todo, e encontrar, efetivamente, os “elos perdidos”, os “ecos dialógicos” de reflexões que se desenvolvem, pública ou privadamente, durante cerca de 60 anos e que continuam a ressoar ainda hoje, seja por “reacentuação” ou não, sob a rubrica “dialogismo”.

Como a obra se constrói de modo caleidoscópico, ao centrar o foco sob um aspecto teórico das obras, todas os outros aspectos importantes se revelam conjuntamente e organicamente a partir desse novo centro. Assim sendo, os objetivos dessa parte, que acabaram por se tornar temas de seus capítulos, são:

- 1) apresentar a Filosofia marxista da linguagem, proposta por Volochinov, a partir de sua relação com o problema do diálogo;
- 2) apresentar a transição de um ponto de vista sociológico para o ponto de vista dialógico a partir do confronto entre, por um lado, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929) e *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e, por outro lado, *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963); e
- 3) apresentar a relação entre a Metalingüística e Lingüística

Em muitos comentadores, a obra de Bakhtin e seu Círculo é envolta numa orientação anti-lingüística que não tem fundamento. Só um estudo dos contextos de estudos da linguagem em que Bakhtin e seu Círculo formulam seus pontos de vista pode determinar qual é a posição deles em relação à lingüística. Sem uma visão clara desses contextos, toda a crítica se perde e estudar Bakhtin e seu Círculo em Bakhtin e

seu Círculo torna-se uma tarefa quase impossível.

Nosso objetivo principal com este trabalho é reler a obra, levando em consideração a Metalingüística, seu objeto - relações dialógicas e palavra bivocal - como um poderoso instrumento de estudo do problema da palavra na palavra, do enunciado no enunciado, do “homem no homem”. Colocar esse problema é a tarefa que tentaremos realizar ao longo deste trabalho.

Nas considerações finais do trabalho, amarramos os aspectos tratados ao longo da pesquisa e que possibilitou que um determinado fio condutor do conjunto da obra, revelador da multiplicidade de abordagens de Bakhtin e seu Círculo, ganhasse simplicidade e clareza. Esse fio dialógico, que nos possibilita acompanhar uma certa leitura da obra, está totalmente orientado aos estudos da linguagem e do diálogo, ou mais precisamente, às transformações dos estudos lingüísticos na época de Bakhtin e seu Círculo: de fins dos anos 20 aos anos 70 do século passado.

I - A obra como uma unidade da comunicação dialógica

1 - As fontes primárias e o contexto histórico

“No existe nada muerto de una manera absoluta:
cada sentido tendrá su fiesta de resurrección.

Problema del *gran tiempo*”

(PMCH, BAJTIN, 1982:393).

Bakhtin e seu Círculo vivem num tempo de crise filosófica, política e científica, e a revolução socialista e sua orientação marxista penetra no interior da obra de modo bastante original, principalmente, a idéia de materialismo histórico e de materialismo dialético transposta aos estudos em psicologia, literatura e linguagem.

Num período de grande atividade coletiva, esse repensar a tradição a partir do ponto de vista marxista é abordado, também, por outros estudiosos e de outros ângulos, oferecendo possibilidades de releitura às quais Bakhtin e seu Círculo irão, não apenas contrapor orientações contemporâneas, como formular e dar continuidade às suas investigações filosóficas-científicas dialogando, criticando, construindo com sua obra um documento dialógico importante, um grande banquete das idéias de seu tempo.

Procuramos nos aproximar desse estado de crise filosófica e científica, construindo as relações entre a obra e o seu tempo, e seus desdobramentos póstumos. Articulamos as fontes do Círculo com pessoas e tradições dos estudos de linguagem russos e europeus, que nos ajudem a reler Bakhtin, tanto do ponto de vista da orientação filosófica quanto da orientação lingüística, retomando fragmentos de suas vozes dispersos na obra como um todo.

As publicações de Bakhtin e seu Círculo são em número muito maior do que conseguimos elencar aqui, tanto do ponto de vista exterior quanto interior ao período

selecionado. O objetivo principal dessa nossa reflexão em torno das fontes primárias é, antes de relacioná-las aos contextos dos tradutores e comentadores, tentar procurar elementos para uma reflexão da obra enquanto resposta ao contexto russo e europeu de estudos da linguagem: de fins dos anos 10 aos anos 70 do século passado¹.

Não pretendemos abordar cada obra em particular, mas compor em linhas gerais um quadro de compreensão do conjunto da obra, que nos permitirão avançar no estudo de nosso problema: a construção de uma nova ciência da linguagem. Para tanto, nos serviremos de cartas, notas em periódicos e outras informações que julgarmos pertinentes para uma aproximação mais clara dos temas que ocupavam, então, o projeto filosófico-lingüístico bakhtiniano e de seu círculo, fontes essas que serão parcialmente citadas durante esta apresentação da obra.

A obra como um todo, como a conhecemos, se constitui de vários manuscritos, revistos pelo autor para publicação ou não, livros realmente publicados pelo Círculo no seu tempo, além de edições póstumas de ensaios manuscritos sem preparação pelo autor, ou seja, ela é, como a conhecemos hoje, um cruzamento de um cronotopo público com um cronotopo privado, ou seja, somos leitores de Bakhtines diferentes daqueles de seu tempo, não só por podermos reinterpretar as suas proposições a partir de um certo distanciamento histórico, mas também por termos acesso a fontes que eram desconhecidas pelos seus leitores contemporâneos, excetuando-se, em alguns casos, membros do seu Círculo.

Essa distância entre a data dos manuscritos e sua publicação constitui um dos problemas para se analisar a evolução do pensamento de Bakhtin, já que de sua estante recheada de manuscritos vão surgindo de acordo com a vontade dos responsáveis pela sua obra, textos que podem modificar e, segundo muitos dos comentadores acabam modificando a própria natureza da evolução das idéias desse Círculo russo de estudos da linguagem, apontando para novas entradas na obra, e, como na história do ovo e da galinha, buscando origens para esse pensamento, às vezes até no sentido adâmico mesmo, sentido esse sempre criticado por Bakhtin e seu

¹ Em anexo, apresentamos uma “Lista cronológica da obra: 1912-1996”, com as publicações de vários membros do Círculo, além do próprio Bakhtin: Volochinov, Medvedev, Pumpianski, Iudina e outros.

Círculo, na atribuição da autoria de todas as obras a Bakhtin.

Pensar a obra como um acontecimento histórico nos levaria, por um lado, a excluir todos esses manuscritos privados enquanto realidades concretas, públicas, efetivamente conhecidas por seus leitores e participantes ativos do processo de compreensão de fenômenos da linguagem sob o ponto de vista da literatura, da filosofia, da psicologia e da lingüística, isto é, participantes da cadeia de comunicação dialógica de seu tempo. Mas, por outro lado, quando comparamos as idéias desses mesmos manuscritos com outras publicações de membros do seu Círculo, percebemos uma unidade de pensamento, notadamente em relação à linguagem e à obra verbal (o enunciado concreto), como que uma circularidade de idéias que atravessam a obra como um todo, enriquecendo suas possibilidades heurísticas.

De qualquer modo, enquanto possibilidades heurísticas, tanto os manuscritos publicados fora do seu tempo quanto os livros ou ensaios presentes na cadeia histórica da comunicação dialógica, são fontes de investigação para o leitor atual. Dada a riqueza das idéias, parece que a única saída é carnavalizar a obra, aproximar todas fontes para o eixo do grande tempo. Mas essa carnavalização da obra pública pela obra privada não pode também atingir níveis tais que a própria existência do Círculo, de seu trabalho conjunto e da obra efetivamente publicada fique à deriva, como que se a forma em que o pensamento conjunto é efetivamente publicado não tenha sua devida importância heurística.

Nossa própria opção de problematizar a construção da Metalingüística a partir de um maior aprofundamento em três obras - *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963) - é resultado dessa tentativa de compreender o problema a partir da complexidade da obra efetivamente publicada no seu tempo.

Assim sendo, nossa idéia é construir um horizonte apreciativo para refletir sobre a obra do Círculo de Bakhtin e de seus membros - Volochinov, Medvedev, Pumpianski, Iudina, Vaginov, Kanaev, Kagan etc. que contemple, por um lado, a cronologia das obras e suas relações dialógicas históricas do ponto de vista científico, autoral etc. nos desdobramentos da Revolução Russa e, por outro lado, o percurso que leva Bakhtin e

seu Círculo à construção de uma nova ciência da linguagem: a Metalingüística.

Dividimos nossa reflexão sobre a obra em períodos, dos anos 10 do século passado aos anos 00, procurando apresentar um contexto histórico dos fatos mais importantes e, simultaneamente, ir apresentando os acontecimentos relacionados com a obra ou não que dão o tom aos estudos da linguagem. Nosso intuito é apenas criar um contexto mínimo para refletir sobre a obra em sua relação com a sua história e com a história do seu tempo: guerras mundiais, revolução socialista, construção do estado soviético, etc.

Talvez essa não seja a melhor forma de pensar a obra como um acontecimento histórico, enquanto unidade da comunicação dialógica, mas é aquela que nos pareceu a que melhor permitiria conjugar fontes de origens tão diversas em sua participação na construção de um horizonte possível de reflexão sobre os seus enunciados anteriores, presentes e posteriores.

Anos 10

Os anos 10 estão marcados pelo início e fim da I Guerra Mundial, a Revolução de 1917 - a abdicação de Nicolau I e a ascensão de Lenin. O sentimento anti-germânico leva à mudança do nome da cidade de São Petersburgo para Petrogrado na busca de uma sonoridade russa. E o novo governo - socialista - vai decretar a separação entre Igreja e Estado.

Este é um período do manifesto futurista “Uma bofetada no gosto do público” (1912), do aparecimento do movimento acmeísta e da linguagem transmental de Krutchônîk e Kliébnikov, tendências estéticas de que se ocuparão formalistas como Chklóvski - “O lugar do futurismo na história da linguagem” (1913). Em 1913, Górkî retorna do exílio e funda a “Associação Livre para o avanço e desenvolvimento das ciências positivas”, principalmente a sociologia.

Do ponto de vista dos estudos da linguagem, dois acontecimentos merecem destaque: a fundação do Círculo Lingüístico de Moscou (por Brik, Jakobson e outros)

em 1915 e, no ano seguinte, o início das atividades, em Petrogrado, do grupo *OPOIAZ* (Sociedade para o estudo da linguagem poética), que tinha entre seus membros aqueles que viriam a ser chamados de “formalistas” como Chklóvski, Iakubínski, Eichenbaum e outros. Nesse mesmo ano, o *OPOIAZ* publica as suas *Coletâneas sobre a teoria da linguagem poética*.

Neste período, as publicações do Círculo aparecem em quatro periódicos - *Novaia studiia*, *Apollon*, *Den'iskusstva* e *Vneshkol'noe obrazovaniie*. Não conseguimos encontrar referências ao primeiro periódico, onde são publicados artigos de Medvedev, quando esse ainda não participava do Círculo de Bakhtin, sobre poetas simbolistas como Kuzmin, Ivanov e Inokênti Ânienski. Há ainda artigos deste sobre a morte de Tolstói (07/11/1910), e sobre o neo-impressionismo.

O periódico *Apollon* foi lançado em 1909 com o objetivo de reviver a Petersburgo clássica, envolta nos ideais de um complexo neoclássico - a nova Petersburgo. A partir de 1912, ele passa a ser o centro de divulgação das idéias e poesias do movimento acmeísta (ou adamistas) que reunia o poeta Gumilióv e teve a participação de Ana Akhmátova. É em *Apollon* que Pumpianski (um dos membros do Círculo de Bakhtin) publica artigos, em 1917, sobre a Reconciliação de Disputas Artísticas e sobre uma exposição de arte contemporânea finlandesa na Casa Dobichinaia².

Em 1919, Chklóvski publica *Sobre a arte da revolução*. Nesse mesmo ano, em *Vneshkol'noe obrazovaniie* (não encontramos referência a esse periódico), Medvedev publica um artigo sobre o Congresso da Província de Vitebsk sobre a Educação de Adultos. É o ano também da primeira fonte assinada por Bakhtin.

O quase manifesto “Arte e Responsabilidade” foi publicado em Nevel, no periódico *Dia da Arte -Den'iskusstva* -, o qual, imbuído do espírito da revolução bolchevique, buscava uma arte livre que iria transformar o mundo. Para Bakhtin, essa arte livre deveria passar pelo eixo da responsabilidade para com a vida: “El arte y la vida no son lo mismo, pero deben convertirse en mí en algo unitario, dentro de la

² Nadezha Dobichinaia (nascida Fishman) foi a primeira *marchande* profissional do país; ela organizava exposições dos artistas, vendia suas pinturas e dirigia seus trabalhos (VOLKOV, 1995:290). Foi no seu Bureau Artístico que, em 1914, se realizou a exposição “Última Exibição Futurista de Pinturas 0,10 (Zero-Dez)”, dominada por pinturas de Malevich, inclusive o “Quadrado Negro sobre fundo Branco”. Aí emergia do grau zero da pintura, o Suprematismo malevichiano.

unidad de mi responsabilidad” (BAJTIN:1985:12). Nesse texto, parece residir o fundamento das propostas de uma Filosofia Moral (Filosofia do ato) e de uma Filosofia Estética (Estética da criação verbal) que Bakhtin desenvolve nos manuscritos de 1919-1924.

Aparecem, posteriormente, um artigo de Kagan sobre o neokantiano Herman Cohen (1842-1918); uma carta (1914) de Anna Akhmátova (poeta do acmeísmo) para Medvedev (publicada no periódico *Avrora* em 1988).

Do ponto de vista da obra, um dos fatos mais importantes nesses anos é a atitude de Bakhtin em relação à arte e aos estudos literários, à relação entre a arte e a vida no contexto da “minha responsabilidade”. Essa atitude se tornará mais clara nos manuscritos da década seguinte, nos quais a base do pensamento de Bakhtin começa a ser construída dentro de uma maior complexidade nos ensaios e livros publicados por ele e por seu Círculo. Embora essa base se constitua, em relação a Bakhtin, de manuscritos que só teremos conhecimento após a sua morte.

Anos 20

Na década seguinte, encontramos um período de grandes mudanças em torno dos desdobramentos da Revolução de Outubro: início da NEP (1921); declarada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1922); morte de Lenin (1924); a cidade de Petrogrado muda o nome para Leningrado (1924); Stálin ascende ao poder; a adoção do Primeiro Plano Quinquenal (1928) e outros eventos - assim como um período de grande efervescência cultural, marcaram a Rússia e União Soviética dos anos 20.

Em 1921, são fundados, entre outros, dois institutos: a Associação russa de Institutos de Pesquisa em Ciências Sociais (RANION), na Universidade de Moscou, e o Instituto para Estudos Comparativos de Literatura e Línguas do Oeste e Leste (ILYaZU), na Universidade de Leningrado. Nesse último, Volochinov desenvolverá trabalhos de metodologia dos estudos literários, ainda nos anos 20, durante o período

de sua graduação na Faculdade de Filologia da Universidade de Leningrado. É tempo de disputas e conciliações entre o método formal e o método sociológico.

Na esfera oficial de estudos da linguagem, duas tendências vão entrar em confronto. Os formalistas têm grande representatividade no período, publicando vários estudos sobre a linguagem poética. Mas uma outra linha de estudos da linguagem começa a aparecer: o marrismo. Nikolai Marr renomeia a sua Teoria Jafética (1908) para “A nova teoria da linguagem”, publicando em 1927 *A teoria jafética: o programa de um curso geral de lingüística*, obra em que procurava a evolução do pensamento lingüístico além de Saussure, a partir de uma lingüística verdadeiramente materialista. Nos estudos literários, a obra de P. N. Sakulin - *O método sociológico nos estudos literários*, publicada em 1925, é criticada em *ensaios* de Volochinov e Medvedev por se ater apenas à aplicação do método sociológico a problemas de poética histórica, deixando intocáveis os problemas de teoria poética, caminho esse que o Círculo irá trilhar em seus ensaios e obras publicadas.

SAKOULINE, P. N. “De première source”, In: *Pietchat'i Revoloutsia*³, 1924

Donc, au risque de passer pour éclectique aux yeux de B. M. Eikhenbaum, je soutiens qu'en histoire littéraire la méthode sociologique n'est pas seulement possible, mais indispensable, et que, en y ayant recours, nous ne cédon pas un pouce de domaine autonome qui appartient de droit à la science de la littérature. Je développerai ces idées dans le livre que j'ai annoncé. Et ce sera là, peut-être, cette “sociologie spécifique” que Eikhenbaum semble prêt à tolérer”

(In: CONIO, 1975:41)

Medvedev, além de reitor da Universidade Proletária de Vitebsk (desde 1917), torna-se editor do periódico *Arte (Iskusstvo)* no qual são publicados artigos de todas as facções culturais do período, incluindo o próprio Medvedev, Volochinov e Malévitch. Em *Arte*, Medvedev publica críticas teatrais (1921), um artigo sobre a produção artística (1921) e outro sobre a morte de Aleksandr Blok⁴ (1921). Volochinov dedica seus textos

³ Número especial dessa revista cultural consagrado ao formalismo.

⁴ Se Viatcheslav Ivanov era o poeta preferido de Bakhtin, podemos crer que, devido à grande quantidade de

à música: filosofia da música (1921), 40º. Aniversário da morte de Mússorgski, e Beethoven.

Ainda em 1921, Kagan (outro membro do Círculo) publica o artigo “Como a História é possível? Alguns problemas fundamentais da Filosofia da História” em *Zapiski Orlovskogo gosudarstvennogo universiteta n.1*. Em 1922, Medvedev publica, em Petersburgo, um artigo em memória de Aleksander Blok; e Pumpianski (outro membro do Círculo), uma conferência de 02 de outubro de 1921, realizada na Associação Livre de Filosofia, sobre Dostoiévski e a Antigüidade.

De volta a Petrogrado, Medvedev edita, entre 1922 e 1924, um jornal de teatro *Zapiski Peredvizhnogo teatra P. P.*. Segundo Clark & Holquist, o jornal era inspirado num grupo de teatro experimental, fundado em 1903, que pretendia levar o teatro às massas.

Artigos de Medvedev e Volochinov sobre teatro, crítica poética e música também são publicados nesse periódico. Há artigos de Medvedev sobre escritores russos e ocidentais como Púchkin, Turgueniev, Tolstói, Ivanov-Razumnik, Balzac, Gide e Shakespeare; poetas simbolistas como Blok, Biéli e Inokenti Ânienski; poetas acmeístas como Gumilióv e Kusmin; e futuristas como N. Assiéiev; artigos sobre o impressionismo, expressionismo e psicologia da criação. E, também, artigos sobre o Teatro e o Estúdio e sobre Piotrovski (teórico do TRAM⁵). Ainda nesse periódico, encontramos resenhas de Volochinov sobre uma de suas paixões: a música. Ele escreve sobre Nietzsche, o filósofo-músico; Tchaikovski; Beethoven; a história da música -, além de um poema sem título e um soneto.

Pavel Medvedev escreveu vários ensaios críticos e a introdução para edição de obras de V. V. Muizhel (1926), Boris Lavrenev (1926), Blok (1927, 1928), Shishkov (1927), Olga Forsh (1928) e Tolstói (1929). Em 1922, ele publica uma resenha sobre uma biografia de Dostoiévski e “Um Hamlet do Século 20” no mesmo número (31) do periódico *Zhizn'Iskusstva*, o jornal cultural mais prestigiado de Petrogrado na época.

No período de 1925-1929, aparecem muitos artigos de Medvedev e Volochinov

artigos e resenhas dedicadas a obra de Aleksander Blok, esse era o poeta preferido de Medvedev.

⁵ O TRAM (Teatro da Juventude Operária) foi criado em 1922, como um simples estúdio amador, na Casa da Educação Comunista, conquistando, rapidamente, um grande público (VOLKOV, 1995:401).

no periódico *Zvezda* (*A estrela*). Esse jornal literário de Leningrado abarca alguns dos ensaios cuja autoria é atribuída a Bakhtin como, por exemplo, “Palavra na vida, palavra na poesia” (*Zvezda* n. 6, 1926), publicado por Volochinov, e que trata de dar um novo enfoque à poética sociológica, a partir de uma abordagem teórica da obra literária, de sua estrutura imanente.

Medvedev publica em *Zvezda* sobretudo resenhas de livros de autores como: Boris Pilniak, Ilia Erenburg, S. Klychkov, Ioland Neifel’d (sobre Dostoiévski e a psicanálise); Tomashevski (formalista), Zhirmunski (associado aos formalistas), A. P. Chapygin, Viktor Chklóvski (formalista), Mikhail Kosakov, Púchkin, Avodt’ia Paneva, Dostoiévski e Turgueniev (Correspondência). Além disso, há vários artigos sobre Aleksander Blok e, ainda, resenha sobre o Almanaque *Zemlia i fabrika* (*Terra e Fábrica*).

É em *Zvezda*, também, que Medvedev publica seus artigos sobre o método formal e sobre o método sociológico, que mais tarde, formarão o eixo dialógico sobre o qual desenvolverá o livro *O Método Formal na Escola Literária: Uma Introdução Crítica à Poética Sociológica* (1928). Encontra eco nesse livro um outro artigo de Medvedev, publicado no periódico *Literatura i marksizm* (n. 3, 1928), sobre as tarefas urgentes face a uma ciência histórico-literária - “*Ocherednye zadachi istoriko-literaturnoi nauki*”.

Crítica a “O método formal na escola literária” (1928)

“The book accomplishes its task - a critical introduction to sociological poetics - despite a number of shortcomings.

The formulation of the basic task of literary scholarship as that of specification is absolutely correct. The basic relationship to formalism as to a good enemy, the criticism of it on its own grounds, the attention to the problems it raises, the striving to critically approach their solution and thereby the solution of the essential task of our scholarship - the establishment of a sociological poetics - all these things make the book interesting, valuable, and very necessary today” .

*(M. K. Dobrynin in **Literatura i marksizm** 1 (1929); in: MEDVEDEV, 1991:xv)*

O livro de Volochinov, *Freudismo: Um Esboço Crítico* (1927) tem seu tema

apresentado anteriormente no artigo “Além do social: sobre o Freudismo” (*Zvezda* n. 5, 1925). É nesse ensaio e livro que Volochinov, ao tratar das “reações verbais” cita o artigo de Vigótski “A consciência como problema da psicologia do comportamento” (1925), além de discutir categorias como *discurso interior*, *enunciado* no contexto da sessão de psicanálise e seus participantes - o analista e o paciente, já orientados para uma visão de linguagem enquanto comunicação (gênero) e interação discursivas, ou seja, dialógica.

Tenemos conciencia de nosotros mismos porque la tenemos de los demás y por el mismo procedimiento por el que conocemos a los demás, porque nosotros mismos con respecto a nosotros mismos somos lo mismo que los demás con respecto a nosotros. Tengo conciencia de mí mismo sólo en la medida que para mí soy outro, es decir, porque puedo percibir outra vez los reflejos propios como nuevos excitantes. Entre el hecho de que yo pueda repetir en alta voz la palabra dicha en silencio y el hecho de que pueda repetir la palabra dicha por outro no hay ninguna diferencia, como tampoco la hay en principio en los mecanismos: uno y outro son un reflejo reversible - un excitante” (VIGOSTSKI, 1991:57)

Marxismo e Filosofia da Linguagem (1929) - o livro de maior sucesso do Círculo no Brasil - tem seu tema antecipado em “As últimas tendências do Pensamento Lingüístico no Oeste” (*Literatura i markism* n. 3, 1928). Esse último é “um resumo de três capítulos do livro do autor *Marksizm i filosofiya yazyka (osnovnye problemy sociologicheskogo metoda v nauke o yazyke)* que foi publicado pela seção de Leningrado da editora Gosizdat [1ª. edição 1929, 2ª. edição, 1930]”⁶. Desse livro nasce uma proposta de uma Filosofia marxista da linguagem, cujas categorias principais são *enunciado*, *interação verbal (diálogo)*, *tema e gêneros do discurso*.

Um outro periódico - *Contemporâneo Russo* [*Russkii sovremennik*], ligado ao Comitê para Literatura Contemporânea e aos formalistas, publica em seu número 3 de 1924, um artigo de Medvedev sobre as peças e projetos dramáticos de Aleksander Blok. Para Bocharov, “esta publicação, que congregava as maiores forças literárias, e

⁶ Ver SHUKMAN, Ann. *Bakhtin School Papers*, p. 47.

que estava sobre a patronagem de Górkí (da Itália), foi a última tentativa de criar um jornal independente e livre das pressões políticas” (BOCHAROV, 1994:1015). É ainda, segundo conversas de Bakhtin com o mesmo Sergey Bocharov, para *Russkii sovremennik* que Bakhtin escreveu o ensaio “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”. Esse ensaio não foi publicado em 1924 porque o periódico, considerado ‘ultrareacionário’ pelos escritores proletários da imprensa soviética do período, foi fechado no final desse mesmo ano. Ele só é publicado, em 1975, em *Voprosy literatury i éstetiki* [Questões de literatura e de estética].

Talvez seja mesmo essa influência dos escritores proletários no contexto soviético que faça surgir no ano seguinte, um ensaio crítico-biográfico, escrito por Medvedev, sobre o famoso poeta proletário russo Demyan Bedny.

“O Vitalismo Contemporâneo”, artigo publicado por Kanaev e atribuído por ele a Bakhtin, aparece no jornal científico popular *Chelevoek i priroda* [O Homem e Natureza] em 1926. Em Paris, no periódico *Zveno. Ezhenedel’nyi literaturnyi zhurnal* são publicados artigos do irmão de Bakhtin, Nikolai Bakhtin - “Fé e Conhecimento” (1926), “F.F.Zelinski” (1926), e “Quatro Fragmentos” (1928).

Um ensaio de Medvedev sobre Sergei Grigoriev aparece no número 25, de 1927, do *Krasnaia Niva*. Vaginov (outro membro do Círculo), e que também pertenceu ao grupo dos *Oberiuts*⁷, publica seu romance *Kozlinaya Pesn’* [A Canção do Sátiro]⁸, no qual satiriza as atividades dos Círculos naquela época (em Vitebsk e Leningrado), principalmente do Círculo, ao qual ele pertenceu, de Bakhtin.

Muitas fontes primárias, não publicadas nesses anos, foram sendo publicados posteriormente, a partir do fim dos anos 70, nos periódicos *Voprosii literatury*, *Prometei*, *Den’poezii*. No primeiro, é publicado, parcialmente, o ensaio de Bakhtin “O autor e o herói na atividade estética”, escrito entre 1922 e 1924. Esse mesmo ensaio vai ser publicado em 1979, na edição póstuma da coletânea *Estetika slovesnogo tvorchestva*

⁷ Os *oberiúti* (Sociedade da Arte Real) era uma agremiação que reunia vários escritores e que, segundo Boris Schnaiderman, em *Os escombros e o mito*, “mostrava os absurdos do cotidiano soviético numa época em que, embora ainda não se tivesse imposto a norma do “realismo socialista”, já eram atacados violentamente aqueles que se afastavam de uma literatura de orientação social, calcada nos padrões oitocentistas” (SCHNAIDERMAN, 1997:88). Eles lançaram o seu manifesto em 1928.

⁸ Há uma tradução em inglês desse romance, por Benjamin Sher, e publicada pela Sher Publishers (1997) com o

[*Estética da criação verbal*]. Juntamente com o manuscrito de *Sobre a filosofia do ato* (1919-1921)⁹ foi publicado, também em 1986, um manuscrito de um fragmento situado entre esse ensaio e “Autor e Herói na atividade estética” (1922-1924). Esses ensaios, junto com o já citado “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, formam o conjunto de ensaios nos quais Bakhtin constrói os alicerces de sua Filosofia Moral (Filosofia do Ato responsável) e de sua Filosofia Estética (Estética da criação verbal).

“Actualmente estoy escribiendo un trabajo sobre Dostoieski que espero poder terminar próximamente; he aplazado por lo pronto el trabajo ‘El sujeto moral y el sujeto del derecho’”
(trecho de carta de Bakhtin a Kagan de 18/01/1922 In: BAJTIN, 1982:197).

“M.M. Bajtín sigue trabajando sobre un libro dedicado ao problema de la filosofía moral.”

(Nota de la revista *Iskusstvo* (1921, núm. 1, marzo, p. 23, Vitebsk))

Em *Prometei* (1980), são publicadas Notas sobre Conferências de Bakhtin, tomadas por sua aluna R. M. Mirkina em 1920, e entre 1925 e 1927. Essas conferências tinham, entre outros, os seguintes temas: romances de Tolstói (*Anna Karenina*, *Guerra e Paz*, *Ressurreição*); Andréi Biéli, Sologub; “O que é Arte?” (famoso tratado de estética escrito por Tolstói) e “O Mestre e o Homem”. E, por fim, em *Den’ poezii* aparecem dois fragmentos de um texto escrito por Bakhtin no início dos anos 20.

Cartas trocadas entre Bakhtin e Kagan, e entre Volochinov e Kagan, no ano de 1921, assim como Notas Autobiográficas de Kagan, foram publicadas em Paris, em 1981, em *Pamiat’. Istoricheskii sbornik* n. 04. Já nos anos 90, uma carta de Ossip

título *The Tower*.

⁹ Para se ter uma idéia do estado dos manuscritos veja o que diz o editor S. G. Bocharov sobre as condições em que se encontrava *Sobre a Filosofia do Ato*: “The reader should bear in mind that the author himself did not prepare these manuscripts for publication; that is why the expositions in these texts assumes at times the form of thesis-statements and summaries. The manuscripts have come down to us in very poor condition; some words in them could not be deciphered, while others have been deciphered conjecturally... This difficult labor of deciphering the manuscripts and preparing them for publication was carried out by L. V. Deriugina, S. M. Aleksandrov, and G. S. Bernshtein” (BOCHAROV, In: BAKHTIN, 1993C:xxiv).

Mandelstam endereçada a Medvedev, de 1928, aparece no número 1 do periódico *Avrora*.

É em 1929, que Bakhtin publica seu primeiro livro - *Problemas da Obra de Dostoiévski*, um estudo dessa obra a partir da idéia da construção de um novo tipo de romance - o romance polifônico. Esse livro, como atesta carta de Bakhtin a Kagan, já estava sendo elaborado desde o início dos anos 20.

Trecho de crítica de Lunatcharsky a POD, Nóviy Mir, 1929

Somente a desintegração interna da consciência de Dostoiévski, concomitantemente com a desintegração da jovem sociedade capitalista russa, levou-o à necessidade de auscultar e reauscultar os processos do início socialista e da realidade, criando para esses processos as condições mais desfavoráveis ao socialismo materialista.

(In: BAKHTIN, 1997:35)

No encaminhamento que nos interessa dar ao nosso trabalho, convém ainda ressaltar alguns trabalhos de lingüistas e historiadores da arte nesse período, aos quais Bakhtin e seu Círculo vão responder, tanto no plano russo (e soviético) como no contexto europeu, refletindo e refratando o cruzamento dos estudos literários e de psicologia com os estudos da linguagem. Trata-se dos trabalhos de Jakubinski e Vinogradov, no contexto russo, e da Escola de Genebra (Saussure e Bally) e da Escola de Vossler (principalmente Leo Spitzer), e de Wölfflin no contexto europeu. Convém ressaltar também a influência da obra de Ernst Cassirer, de 1923, *Filosofia das formas simbólicas*, principalmente o primeiro volume cujo tema é a linguagem¹⁰.

¹⁰ Ver tradução brasileira desse livro: São Paulo, Martins Fontes, 2001. Há informações de que Volochinov trabalhou numa tradução dessa obra para o russo, mas desconhecemos se a tradução foi terminada ou se foi publicada. De qualquer modo, há referências ao trabalho sério de Cassirer não só na obra de Volochinov, como

Wölfflin, *Conceitos fundamentais da História da arte*, 1922

A evolução do linear ao pictórico, i.e., a evolução da linha enquanto caminho de visão e guia dos olhos, e a desvalorização gradativa da linha: em termos mais gerais, a percepção do objeto pelo seu aspecto tangível em contornos e superfícies, de um lado, e um tipo de percepção capaz de entregar-se à simples aparência visual e abandonar o desenho “tangível”, de outro. No primeiro caso, a ênfase recai sobre os limites dos objetos; no segundo, a obra parece não ter limites. A visão por volumes e contornos isola os objetos: a perspectiva pictórica, ao contrário, reúne-os. No primeiro caso, o interesse está na percepção de cada um dos objetos materiais como corpos sólidos, tangíveis; no segundo, na apreensão do mundo como uma imagem oscilante”

(WÖLFFLIN, 1984:15)

Ao assistir ao diálogo de Bakhtin e seu Círculo com essas fontes, acabamos por perceber que o que está em jogo não é uma originalidade terminológica. A grande idéia de Bakhtin e seu Círculo é o ângulo sob o qual eles vão, com o uso da mesma terminologia, construir o espaço, o tempo e o sentido de seu próprio pensamento: a sua concepção de linguagem, da obra verbal (enunciado concreto) e dos gêneros discursivos, principalmente pelo estudo da palavra na palavra (discurso no discurso, enunciado no enunciado). Essa concepção de linguagem, orientada por uma Filosofia marxista da linguagem e por estudos de problemas teóricos da linguagem, principalmente aplicando-os à relação entre a vida e a arte, na interação entre o ângulo sociológico e o ângulo dialógico no sentido mais amplo do termo, constitui-se, para nós, o próprio alicerce da Metalingüística proposta por Bakhtin, publicamente em 1963, na versão ampliada de *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929).

“Je connais bien les livres *La méthode formelle en critique littéraire* et *Le marxisme et la philosophie du langage*. Les défunts V. N. Volochinov et P. N. Medvedev étaient m^{es} amis; à l’époque où furent écrits ces livres, nous travaillions en contact étroit. Bien plus, à la base de ces livres et de mon travail sur Dostoïevski se trouve une conception **commune** de la langue et de l’oeuvre verbale. De ce point de vue, Vinogradov a tout à fait raison. Je dois souligner que l’existence d’une conception commune et de contacts dans le travail ne diminue ni l’autonomie, ni l’originalité de chacun de ces livres. En ce qui concerne les autres travaux de Medvedev et de Volochinov, ils se situent sur un autre registre et ne reflètent pas cette conception commune, je n’ai pris aucune part à leur rédaction.

Je partage encore aujourd’hui la conception de la langue et du discours qui est exposée dans ces livres de façon incomplète et pas toujours assez claire, bien qu’en trente ans celle-ci ait connu, cela va de soi, une certaine évolution.”

(Carta de Bakhtin a V. V. Kozhinov de 10-1-1961 In: DEPRETTO,1997:191)

Os anos 20 terminam com a prisão de Bakhtin, acusado de conspirar contra o regime soviético, e com uma petição sua ao Comissariado de pessoas com problemas de saúde, datada de 02 de setembro de 1929, a qual juntamente com a resenha de Lunachárski e a interseção de Górkí e Kagan junto às autoridades soviéticas, parecem ter contribuído para que ele não fosse enviado para as Ilhas Soloviéstkie.

Anos 30

Os anos 30 marcam a morte de Volochinov (em 1938, de tuberculose), de Nikolai Marr (1934) e a prisão de Medvedev, também em 1938, numa expurgo do quadro docente da Academia Militar de Tolmachev. Bakhtin estava exilado no Casaquistão. Era o tempo do “realismo socialista”, do segundo e terceiro Planos Qüinqüenais, do reconhecimento da U.R.S.S. pelos Estados Unidos (1933), do I Congresso dos Escritores Russos (1934), dos expurgos stalinistas e da II Guerra Mundial.

Textos do cronotopo público e textos do cronotopo privado que só conheceremos em publicações posteriores se misturam nos periódicos *Zvezda*, *Literaturnyi sovremennik*, *Literaturnyi Leningrad*, *Stroika*, *Zalp*, *Krasnaia gazeta* e *Voprosy literatury*.

Em 1930, Medvedev publica introdução a um livro de Blok para a Editora Priboi. Pumpianskii publica vários ensaios nos volumes de Turgueniev para a Editora Gosudarstvennoe izdatel'stvo. Volochinov apresenta o seu ensaio “Estilística do discurso artístico”, em 3 partes - “O que é linguagem?”; “A construção do enunciado”; e “A palavra e sua função social” - em 3 edições do periódico *Literaturnaia ucheba*, além do artigo “Nas Bordas da Poética e da Lingüística”, o qual é uma crítica à obra do lingüista russo Viktor Vinogradov, numa coletânea sobre Literatura e Marxismo da editora Priboi.

Em *Zvezda*, aparecem uma resenha da obra de Vinogradov - *Sobre a Prosa Artística* - assinada por Volochinov (1930), resenha essa que seria importante conhecer já que o livro de Vinogradov contém críticas aos trabalhos de Bakhtin e seu Círculo, e texto sobre o 10º. aniversário da morte de Aleksander Blok, por Medvedev (1931). Em *Zalp* (1931), Medvedev escreve sobre o tema da guerra na obra de Boris Lavrenev. E, em *Stroika*, Medvedev comenta cartas não publicadas de Aleksander Blok. Ainda sobre Blok, ele escreve sobre o 10º. aniversário da morte do poeta simbolista russo na *Krasnaia gazeta* (1932).

A Editora *Leningradskii pedagogicheskii institut* publica, em 1933, um texto de Medvedev com o título “Uma chave metodológica para um Curso sobre a História da Literatura Russa sobre o Imperialismo e na Época da Revolução Proletária”. As teorias da autoria eram, segundo Clark & Holquist, um dos temas que interessavam a Medvedev, o que resultou no livro de 1933 “Do livro ‘No Laboratório do Escritor’ ” [*Iz knigi ‘V laboratorii pisatelii’*].

No periódico *Literaturnyi sovremennik* aparecem textos de Medvedev sobre Aleksander Blok (1934 e 1936) e o Almanaque de Eduard Bagritskii (1936). Uma resenha para um livro de Górkii (1934) da Editora Gorkom pisatelei; “Blok depois de Os doze”, no periódico *Literaturnyi Leningrad* (1936); e um ensaio sobre o romance de V.

V. Kiukhel'becker, da editora *Khudozhestvennaia literatura* (1937), formam o conjunto de fontes de Medvedev publicados ou escritos nos anos 30. Medvedev publica, também, uma edição revisada de seu livro sobre o método formal (1928), intitulado *Formalismo e Formalistas* (Leningrado, Izdatel'stvo pisatelei, 1934), investindo com maior contundência numa retórica anti-formalista.

Muitas das fontes desse período pertencem ao cronotopo privado de Bakhtin e de outros membros do seu Círculo. Não eram de conhecimento de seu leitor contemporâneo, embora possamos reconhecer em alguns deles o diálogo com obras publicadas em anos anteriores por membros do Círculo.

O ensaio "Sobre os poemas narrativos de Púchkin", escrito por Kagan em 1937, é publicado somente em 1974, pela editora *Sovetskii pisatel'*. Esse ensaio mereceu uma ficha de leitura de Bakhtin no ano de 1973, conforme publicação em Paris, na *Pamiat'. Isotircheskii sbornik* n. 04, de 1981. Nesse mesmo volume, são publicadas várias cartas de Kagan à sua esposa Sofia, datadas de 1936 e 1937.

Entre 1934 e 1935, Bakhtin escreve o ensaio "A palavra no romance" que só se tornará público, na Rússia, em 1972 (*Voprosy literatury* n.06) e em *Questões de literatura e de estética* (1975). "Da Pré-história da Palavra Romanesca" e "Formas de Tempo e de Cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica)" - os dois escritos entre 1937 e 1938 - aparecem, posteriormente, na coletânea da obra de Bakhtin publicada em 1975 - *Questões de Literatura e de Estética* -, sendo que existe uma publicação anterior parcial em *Voprosy literatury* (1974).

Esses estudos sobre o romance de várias perspectivas - material (palavra), histórica (gênero) e cronotópica (tempo e espaço) - se revelarão fundamentais para a compreensão das obras-primas de Bakhtin - *O problema da poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. Convém ressaltar que os estudos de Bakhtin sobre o romance não é só um estudo sobre o romance, mas um estudo que se situa no cruzamento dos estudos das línguas modernas - o nascimento das línguas modernas -, do plurilingüismo e do riso.

A obra de dois membros do Círculo - Volochinov e Medvedev - tem a sua base bibliográfica definida. Daqui para a frente, pouca coisa desses dois teóricos russos irão

aparecer. Os textos a que temos acesso revelam que as questões que Volochinov discute neste período, dialogam em sua maioria com sua obra do fim da década anterior - *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), o mesmo ocorrendo com Medvedev em relação a *O Método Formal na Escola literária* (1928).

Na segunda parte da tese, mostraremos que há também um intenso diálogo entre o livro de Volochinov, *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) e as duas versões do livro de Bakhtin sobre Dostoiévski - *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963), principalmente no que se refere ao problema do diálogo e da Metalingüística.

Anos 40

Em tempos de II Guerra Mundial, testes de bombas atômicas, invasão germânica da União Soviética, do 4º. e 5º. Planos Quinquenais, Bakhtin, além de buscar o título de doutor no Instituto Górkii de Literatura, em Moscou, com sua tese sobre Rabelais, escreveu alguns ensaios que conhecemos por publicações posteriores. Na reabilitação póstuma de Medvedev, em 1956, temos a informação do ano oficial de sua morte - 1941 (Clark, K. & Holquist, M., 1984:264), deixando-se de informar que ele tinha sido fuzilado.

Trechos da defesa de Bakhtin à tese sobre Rabelais

... I, as a scholar, can be a revolutionary as well... I solved the problem [of Rabelais] in a revolutionary way...

... I am an obsessed innovator... Obsessed innovators are very rarely understood...

... Laughter liberate us from fear, and this work of laughter... is an indispensable prerequisite for Renaissance consciousness. In order to look at the world soberly, I must cease to be afraid. In this, laughter played a most serious role...

... But this is the life that interested me, it is deeply progressive and revolutionary... Excuse me if I have not satisfied you with my answers, I am so exhausted, and it shows".

(In: EMERSON, 1997:95-96)

No periódico *Voprosy literatury* (n. 1, 1970) aparece o ensaio de 1940 “Epos e Romance”. *Voprosy filosofii* (n. 1, 1992) publica as notas de 1944 sobre “Adições e Mudanças em *Rabelais*”. E o artigo “Rabelais e Gógol”, de 1940 revisado em 1970, é publicado em *Kontekst 1972*. Tanto o primeiro quanto o último texto são reunidos posteriormente na coletânea de Bakhtin - *Questões de Literatura e de Estética* - de 1975.

O ensaio de 1941 “A propósito dos fundamentos filosóficos das ciências humanas” foi publicado parcialmente em *Kontekst 1974*, e inspira o ensaio de 1974 - “A propósito da metodologia das ciências humanas”, também de Bakhtin, publicado em *Estética da Criação Verbal* (1979), considerado o último texto escrito (ou revisado) pelo autor. Um Relatório Autobiográfico, escrito por Bakhtin em 1944, aparece em *M. M. Bakhtin v Saranske*, da Editora *Izdatel'stvo Saranskogo universiteta*, editado por Boriskin, V. M. e outros.

Em 1996, Bocharov e Gogotishvili editam a coletânea *Sobranie sochinenii T.5 Raboty 1940-kh - nachala 1960-kh godov* que contém textos de Bakhtin de 1940 a 1960. Dos textos que não aparecem em outra publicação, e que a data em que foram escritos não são apresentadas pelo *Bakhtin Center*, constam, entre outros, os seguintes ensaios: “Sobre a estilística romanesca”; “Multilinguagens como pré-requisito para a evolução do discurso romanesco”; “Sobre Flaubert”; “O problema do sentimentalismo”; “Sátira”; “Linguagem na literatura”; e “Sobre Maiakóvski”. Esse último, revelador das idéias de Bakhtin sobre a poesia, tendo como fundo dialógico, da mesma forma que no estudo do romance, a idéia do riso e do carnaval. Além desses textos, há o “Index do conteúdo dos cadernos de notas” de Bakhtin números 1 e 2.

“... Como o futurismo entendia o futuro (*resp.* a contemporaneidade). Uma linha salutar nele (no futuro) (Khliébnikov). Era preciso tatear o futuro na contemporaneidade. No início é a rua desprovida de linguagem, depois - a classe organizada. Uma mostra de como veio à luz esse futuro no poema “Lenin”. Quando o futuro solidamente triunfara, tornou-se possível sua reunificação com as tradições heróicas do passado (surgiu também uma perspectiva para a seleção). Primeira fase - rompimento com o passado, com o passado na contemporaneidade (a vulgaridade, a mesquinhez, a ordem burguesa), o suporte é a rua. A tentativa de heroificação da contemporaneidade em Whitman (8). 1. Maiakóvski e o tempo. 2. Maiakóvski e a linguagem (a escolha da linguagem). 3. A escolha do tom e do ritmo. 4. A impressão do auditório. 5. Maiakóvski e os nossos dias. Maiakóvski e o tempo. Começar mostrando a importância do tema do tempo em Maiakóvski, a sua constante sensação do tempo, a partir de uma seleção das citações sobre o tempo dos versos; a reflexão sobre a distância temporal desde “Como fazer versos” (9). E já em seguida a colocação aprofundada do problema e a digressão histórica...”

(BAKHTIN, M. “Sobre Maiakóvski” In: BOCHAROV E GOGOTISHVILI, 1996:50-62)

Dois temas nos parecem predominantes neste período. Por um lado, o tema do carnaval e da carnavalização, presentes não só na tese de Bakhtin sobre Rabelais, que, após mudanças e adições, se tornará a sua segunda obra-prima - *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*¹¹ - publicada em 1965, como também no projeto de seu livro sobre Maiakóvski; e, por outro lado, as relações entre a Filosofia e as Ciências Humanas.

Anos 50

A morte de Stálin, a ascensão de Krushchev, a condenação do “culto da

¹¹ Na realidade o título original é mais adequado aos propósitos teóricos bakhtinianos - *Tvorchestvo Fransua Rable i narodnaia kul'tura srednevekov'ia i Renessansa (A obra de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento)*, pois é em torno da obra (desse enunciado concreto) que Bakhtin estuda a transição da cultura popular entre essas duas épocas.

personalidade”, o prêmio Nobel de literatura para Boris Pasternak (1958), são alguns dos fatos marcantes dos anos 50 soviéticos.

Do ponto de vista dos estudos da linguagem, começa o período da derrocada do marxismo como tendência oficial do período estalinista. Em crítica do próprio Stálin, que, segundo algumas fontes, teriam sido escritas, na verdade, pelo lingüista V. Vinogradov, toda a idéia da língua única e da língua como superestrutura, características do marxismo, serão dadas como não tendo nenhuma credibilidade científica, embora já fosse a tendência oficial, nos estudos soviéticos de linguagem, há pelo menos 20 anos.

Bakhtin escreveu entre 1952 e 1953, um de seus ensaios mais importantes: “O problema dos gêneros do discurso”. Este ensaio foi publicado, parcialmente, em 1978 no periódico *Literaturnaia ucheba* n. 1 e, posteriormente, em *Estética da criação verbal* (1979). Em notas preparatórias a esse texto, Bakhtin dialoga com o texto assinado por Stálin, escrito por Vinogradov, lingüista esse sempre presente nos ensaios de Bakhtin e seu Círculo. A queda do marxismo e da visão de língua única inerente a ele parece que constitui o fundo dialógico no qual Bakhtin retoma o problema dos gêneros discursivos já presentes nas obras de Volochinov (*Marxismo e Filosofia da Linguagem*) e de Medvedev (*O método formal nos estudos literários*) dos anos 20, bem como em ensaio dos anos 30 - “A palavra no romance” -, principalmente no capítulo que trata do plurilingüismo.

“A group of younger comrades have asked me to give my opinion in the press on problems relating to linguistics, particularly in reference to Marxism in linguistics. I am not a linguistic expert and, of course, cannot fully satisfy the request of the comrades. As to Marxism in linguistics, as in other social sciences, this is something directly in my field. I have therefore consented to answer a number of questions put by the comrades.

QUESTION: Is it true that language is a superstructure on the base?

ANSWER. No, it is not true.

The base is the economic structure of society at the given stage of its development. The superstructure is the political, legal, religious, artistic, philosophical views of society and the political, legal and other institutions corresponding to them.

Every base has its own corresponding superstructure. The base of the feudal system has its superstructure, its political, legal and other views, and the corresponding institutions; the capitalist base has its own superstructure, so has the socialist base. If the base changes or is eliminated, then, following this, its superstructure changes or is eliminated; if a new base arises, then, following this, a superstructure arises corresponding to it.

In this respect language radically differs from the superstructure. Take, for example, Russian society and the Russian language. In the course of the past thirty years the old, capitalist base has been eliminated in Russia and a new, socialist base has been built. Correspondingly, the superstructure on the capitalist base has been eliminated and a new superstructure created corresponding to the socialist base. The old political, legal and other institutions, consequently, have been supplanted by new, socialist institutions. But in spite of this the Russian language has remained basically what it was before the October Revolution.

What has changed in the Russian language in this period? To a certain extent the vocabulary of the Russian language has changed, in the sense that it has been replenished with a considerable number of new words and expressions, which have arisen in connection with the rise of the new socialist production, the appearance of a new state, a new socialist culture, new social relations and moral, and, lastly, in connection with the development of technology and science; a number of words and expressions have changed their meaning, have acquired a new signification; a number of obsolete words have dropped out of the vocabulary. As to the basic stock of words and the grammatical system of the Russian language, which constitute the foundation of a language, they after the elimination of the capitalist base, far from having been eliminated and supplanted by a new basic word stock and a new grammatical system of the language, have been preserved in their entirety and have not undergone any serious changes they have been preserved precisely as the foundation of the modern Russian language”

(Stálin, J. *Pravda*, June 20, 1950 In: prepared for the Internet by David J. Romagnolo (June 1997) - www.marx2mao.org/Stalin).

Os textos publicados por Bakhtin, neste período, são uma resenha da obra de Victor Hugo *Mary Tudor*, no periódico da Mordóvia *Sovetskaia Mordoviia* n. 245, de 1954; “Algumas Observações” no mesmo periódico (n. 5, de 1958); e uma resenha da obra de Merkushev *Na rassvete* em *Sovetskaia Mordoviia* n.96, de 1958.

Do cronotopo privado de Bakhtin, a revista *Dialog. Karnaval. Kronotop* publicou, no número 4 de 1993, cartas de Ludina para Bakhtin e esposa datadas de 1956. Nesse mesmo número da revista, há cartas de 1941-1946 trocadas entre o teórico e a grande pianista.

Se na década anterior, Bakhtin já discutia as relações entre a Filosofia e as Ciências Humanas, é no texto escrito entre 1959-1961 - “O problema do texto em lingüística, filologia e Ciências Humanas” - que Bakhtin vai falar, pela primeira vez, da Metalingüística, criando um lugar nas ciências humanas - ainda que de modo experimental - para o tipo de estudos da linguagem desenvolvidos por ele e por seu Círculo desde o final dos anos 20. *Texto, discurso e enunciado* são categorias que se inter-substituem - comunicação discursiva (cadeia textual), gêneros discursivos (gêneros textuais), texto como enunciado - na reflexão de Bakhtin sobre as funções do texto e dos gêneros textuais, como que colocando variantes para o mesmo problema que se resumem no final desse ensaio: “Las unidades de la comunicación discursiva, esto es, los enunciados completos, son irreproducibles (aunque pueden ser citados) y están vinculados mutuamente mediante relaciones dialógicas” (PT, BAKHTIN, 1986:320)..

Anos 60

Os anos 60 marcam um período político entre Krushev e Brezhnev, onde Iuri Gagarin torna-se o primeiro homem a ir para o espaço. São também os anos da construção do Muro de Berlim, do Prêmio Nobel de Literatura para Mikhail Sholokhov e da primavera de Praga. No início deste década, a redescoberta de Bakhtin por alunos

do Instituto Górkii de Literatura, em Moscou, entre os quais V. V. Kozhinov, representa o começo de um reconhecimento da obra do Círculo tanto no mundo russo (e soviético) como no Ocidente, como que um seu renascimento no “grande tempo”.

As cartas de Bakhtin para Kozhinov, escritas entre 1960 e 1963, aparecem nos números 05/06 de *Literaturnaia ucheba*, em 1992. Entre os temas destas cartas estão: Volochinov, Medvedev, a publicação dos livros sobre Dostoiévski (revisado e ampliado) e Rabelais, e Soljenítzin.

Ainda sobre cartas, há duas de Bakhtin a Kanaev, sobre Goethe, de 11 de outubro de 1962 e janeiro de 1969, que aparecem na edição russa de *Estética da Criação Verbal*; e também, algumas cartas de Iudina do período de 1962 à 1966, publicadas em *Dialog. Karnaval. Kronotop* n. 04 (1993). Nas cartas dessa última são citados, entre outros, Beckett, Camus, Chopin, Khlebnikov, Malévitch, Pasternak, Chostakóvitch, Akhmátova, Blok, Tchécov, Ivanov, Shakespeare, Vaginov, Siniavski, Soljenítzin, Rabelais e Vinogradov. Muitos desses nomes são emblemáticos de alguma área da história das artes e da ciência, seja russo ou ocidental, seja de vários períodos históricos e, grande parte deles, marcam presença na obra do Círculo.

As “Notas de 1962-1963” foram publicadas na mesma coletânea citada anteriormente, organizada por Bocharov e Gogotishvili, *Sobranie sochinenii T.5 Raboty 1940-kh - nachala 1960-kh godov* - em 1992. A *Konteskt 1976* publica “Sobre a revisão do livro sobre Dostoiévski”, a qual aparece também na edição russa de *Estética da criação verbal* (1979).

A reedição revisada do livro sobre Dostoiévski, em 1963 e a edição do livro sobre Rabelais, em 1965, que consideramos as duas obras-primas de Bakhtin compõem o quadro no qual Bakhtin começa a ser reabilitado na então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Ainda nos anos 60, *Voprosy Literatoury* n. 8, 1965, publica o ensaio “O Enunciado no Romance”, que em 1968 aparece no número 12, da revista francesa *Langages*, aliás o primeiro texto de Bakhtin publicado em francês, justamente num número que a revista dedica à Lingüística e Literatura, com apresentação de Roland Barthes.

“Les recherches qui sont présentées ici ont une certaine unité nationale. Quelques chercheurs étrangers ont bien voulu se joindre à nous, sans parler des grands initiateurs, tels Roman Jakobson et Mihail Bakhtine dont la présence nous est particulièrement précieuse; mais pour l’essentiel, il s’agit plutôt d’un travail français”

(BARTHES, R. In: *Langages*, n. 12, dec/68, p.5).

As duas obras-primas de Bakhtin - *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média. O contexto de François Rabelais* - são fontes principais para uma leitura da obra do Círculo. Parece-nos que tudo que foi feito anteriormente converge para esses dois livros: os estudos sobre o ato e sobre o romance, a poética e a estilística sociológicas, o enunciado (a obra) e os gêneros discursivos. Aqui se concentram as análises concretas de Bakhtin em sua maior amplitude e profundidade. Daqui saem os fios dialógicos para a construção de uma nova ciência da linguagem - a Metalingüística; a relação entre gênero e enunciado; a polifonia; o plurilingüismo, a estratificação social da linguagem, a história da vida e a história da arte - o carnaval e a carnavalização, o romance e a romancização. Tudo isso revelando uma visão da linguagem que incorpora e dialoga com todas as mudanças e transições do século XX e anteriores.

Conteúdo de *Problemas da obra de Dostoiévski (1929)*

Introdução

I Parte: O romance polifônico de Dostoiévski (apresentação do problema)

Cap. 1: As características básicas da obra de Dostoiévski e seu enfoque na crítica literária

Cap. 2: O Herói em Dostoiévski

Cap. 3: A idéia em Dostoiévski

Cap. 4: A função do enredo de aventura na obra de Dostoiévski

II Parte: A palavra (discurso) em Dostoiévski (Um ensaio em Estilística)

Cap. 1: Tipos de palavra na prosa. A palavra em Dostoiévski

Cap. 2: A palavra (o discurso) monológica do herói e a palavra (o discurso) do narrador nas novelas de Dostoiévski

Cap. 3: A palavra (o discurso) do herói e a palavra (o discurso) do narrador nos romances de Dostoiévski

Cap. 4: Diálogo em Dostoiévski

Conclusão

Conteúdo de *Problemas da Poética de Dostoiévski (1963)*

Introdução

Cap. 1 O romance polifônico de Dostoiévski e seu enfoque na crítica literária

Cap. 2 A personagem (herói) e seu enfoque pelo autor na obra de Dostoiévski

[Le personnage et l'attitude de l'auteur à son égard dans l'oeuvre de Dostoiévski]

Cap. 3 A idéia em Dostoiévski

Cap. 4 Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski

[Les particularités de composition et de genre dans les oeuvres de Dostoiévski]

Cap.5 O discurso em Dostoiévski *[Le mot chez Dostoiévski]*

1. Tipos de discurso na prosa. O discurso dostoiévskiano

[Différents types de mots dans la prose. Le mot chez Dostoiévski]

2. O discurso monológico do herói e o discurso narrativo nas novelas de Dostoiévski

[Le mot dans le monologue du héros et le mot narratif dans les nouvelles de Dostoiévski]

3. O discurso do herói e o discurso do narrador nos romances de Dostoiévski

[Le mot du héros et le mot narratif dans les romans de Dostoiévski]

4. Diálogo em Dostoiévski

Conclusão

A obra de Bakhtin e seu Círculo ganhou, a partir do final dos anos 60 até os anos 90, traduções nas mais variadas línguas, além de leituras e comentadores os mais diversos. O conjunto da obra acabou criando, em sua vida plurilíngüe, um outro universo de problemas para aqueles que queiram se aprofundar nesses estudos, tanto no que se refere à terminologia das traduções quanto ao uso dessa na obra dos principais comentadores.

Anos 70

Os anos que assistirão a morte de Bakhtin (1975) representam também aqueles em que sua obra começa a ganhar grande repercussão internacional. Mais um escritor soviético ganha o Prêmio Nobel de Literatura - Alexander Soljenítzin (1970). No ano seguinte, Soljenítzin é deportado da União Soviética. Em 1975, o Prêmio Nobel da Paz é concedido a Andrei Sakharov.

Um texto - *Smelee pol'zovat'sai vozmozhnostiami* - que aparece publicado em *Estética da criação verbal* com o título "Resposta a uma pergunta da redação de *Nóvi mir* (1970) e que, em português, é publicado como "Os estudos literários hoje"¹²; os "Apontamentos 1970-71"; as "Observações Finais" (1973) ao ensaio sobre o cronotopo escrito em 1937-38; uma resenha de livro sobre Shakespeare (1970); um artigo - *O polifonichnosti romanov Dostoevskogo* - sobre os personagens polifônicos de Dostoiévski; uma ficha de leitura (1973) do texto de Kagan "Os poemas narrativos de Púchkin" (1937) formam algumas das fontes do cronotopo público e privado do Bakhtin desse período.

Em 1993, no número 4 do periódico *Chelovek(O Homem)* aparece uma publicação de conversas entre Bakhtin e Duvakin, nesses anos 70, sobre os mais variados temas: a família e os anos de estudante, a Universidade de Petersburgo, os poetas, Nevel e Vitebsk, o Círculo Literário, e Vaginov e outros. Essas conversas acabaram sendo publicadas em livro em 1996 (Moscou, Editora Progress). Nesse

¹² Ver *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 1992:362-368).

mesmo ano, são publicadas as conversas entre Sergey Bocharov e Bakhtin no número 2 de *New Literary Review*.

Nos seus últimos anos, Bakhtin escreve os textos “A propósito da metodologia em ciências humanas” (1974), inspirado em texto de 1941 como citamos anteriormente, e “Sobre uma metodologia para os estudos literários” (1975). Qual desses será o último texto de Bakhtin? Ainda em 1975, é publicada a coletânea *Questões de Literatura e de Estética*, e postumamente, *Estética da Criação Verbal* (1979). Alguns dos livros do Círculo começam a ser divulgados e publicados em países do Ocidente com maior intensidade, principalmente na França, Alemanha e Estados Unidos, os quais se tornarão centros irradiadores dos estudos bakhtinianos e da “indústria Bakhtin”. No Brasil, é publicado sob a assinatura Bakhtin (Volochinov), a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1979). Mas o primeiro texto de Bakhtin publicado no Brasil é um fragmento de *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929), o capítulo “A tipologia do discurso na prosa”, que aparece na coletânea organizada por Luiz Costa Lima, *Teoria da literatura em suas fontes* (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975), cujos fragmentos nos ajudarão na análise da dialogicidade interna de algumas obras do Círculo.

Anos 80

Nos anos 80, Sakharov é deportado. Brezhnev, Andropov, Chernenko e Gorbachev se sucedem no comando da União Soviética. O Prêmio Nobel de Literatura de 1987 vai para Joseph Brodsky. No ano seguinte, *Doutor Jivago* é publicado pela primeira vez na Rússia. E em 1989 cai o Muro de Berlim.

Novos textos de Bakhtin e seu Círculo vão sendo descobertos e publicados. Dentre estes textos, publicados postumamente, se encontram ensaios de Bakhtin sobre a linguagem de Maiakóvski (*Den'poezii*, 1983), o cômico (*Den'poezzi*, 1986) e a arquitetônica do ato (*Sotsiologischeskie issledovaniia*, 1986); um ensaio de Pumpianskii sobre a poética de Lomonosov (*Kontekst 1982*, 1983); e notas sobre encontros de Medvedev com Adréi Biéli (1986).

É publicada, nos Estados Unidos, a biografia de Katerina Clark e Michael

Holquist - *Mikhail Bakhtin* (1984). *Problemas da poética de Dostoiévski* (1982), *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987) e *Questões de Literatura e de Estética* (1988) ganham suas primeiras edições brasileiras.

Anos 90

Nos anos 90, Mikhail Gorbachev ganha o Prêmio Nobel da Paz. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, criada em 1922, chega ao seu fim. Nesse mesmo ano (1991), Boris Yeltsin torna-se o primeiro presidente da Rússia eleito democraticamente. E São Petersburgo, cujas mudanças de nome ecoam símbolos de vários momentos da história russa - Petrogrado (o som russo), Leningrado (o líder revolucionário russo), volta a se chamar São Petersburgo (a criação de Pedro, o Grande) em 1991, carregando marcas das vanguardas, do Oriente e do Ocidente, da revolução e de seus desdobramentos em toda a vida russa e soviética. É tempo de rever, como no livro de Boris Schnaiderman, os escombros e o mito.

O “Caderno de notas preparatórias para um ensaio sobre ‘O Amor e a Consciência nas Formas Artísticas’ ” (*Literaturnaia ucheba*, 1992), e as recordações de V. D. Duvakin sobre M. M. Bakhtin (*Literaturnaia gazeta*, 1993)¹³ são algumas das fontes que aparecem em relação aos anos 90.

Estética da criação verbal tem a sua primeira edição brasileira, traduzida a partir do francês.

Anos 00

Aqui terminamos a construção de uma visão ainda muito parcial das fontes primárias do Círculo de Bakhtin, bem como do contexto histórico em que elas, publicamente ou não, dialogavam e criavam os seus próprios pontos de vista sobre a linguagem. Muitas informações ainda precisam ser checadas novamente e localizadas

¹³ Essas conversas foram publicadas em 1996, *Conversas entre Viktor Duvakin e Mikhail Bakhtin*, editada por V.

com mais exatidão. Continuaremos procurando referências aos nomes desconhecidos para nós e que compõem o painel cultural russo e soviético desse período, buscando enriquecer as relações entre o Círculo e o seu mundo, e através desse, as relações entre Bakhtin e seu Círculo e nosso mundo.

Como vimos, pelas fontes elencadas, ensaios, artigos, conferências, cartas, críticas, conversas vão constituindo um horizonte apreciativo para releitura da obra do Círculo, da relação dialógica dessa com a poesia e com a prosa, com o teatro e a música e com a filosofia e as ciências humanas. Tudo isso contribui para uma outra percepção da obra científica do período, de sua palavra, de seu discurso, de seus enunciados concretos, cujo investigação nos leva para dentro e para fora do texto, para o diálogo interno e externo (extralingüístico) da obra como um acontecimento dialógico.

Tradições dos estudos em psicologia, estética, linguagem estavam sendo reinterpretadas a partir das contribuições da filosofia marxista e dos estudos das ideologias, e Bakhtin e seu Círculo participam desse processo. O nosso objetivo é descobrir a originalidade dessa participação, que acaba se tornando uma enciclopédia das vozes da tradição e da novidade e, entre essas, complementando essa experiência histórica única com um ponto de vista particular sobre a linguagem.

É muito difícil medir o alcance das idéias do Círculo no seu tempo, apesar de termos algumas informações de tiragem de algumas obras e de críticas recebidas pelas obras. Para nós, leitores afetados pelas traduções, leituras críticas e apropriações da obra que vão sendo construídas a partir dos anos 60, num nível crescente até chegar à chamada “Indústria Bakhtin”, nos anos 90 do século passado, reconstituir historicamente a trajetória pública do Círculo é um desafio.

Por outro lado, não podemos desconsiderar essa trajetória pública quando retomamos idéias como as de uma autoria coletiva, de uma Filosofia marxista da linguagem, por exemplo. Então, que proveito podemos tirar desse excedente?

Nesse sentido, embora aceitando esse lugar excedente do leitor que pode penetrar nos “discursos interiores” de Bakhtin, não podemos, nem mesmo a partir desses textos novos, desconsiderar o valor histórico da obra no seu tempo, já que

esses manuscritos irão revelar ao autor mais atento, um real compromisso com as idéias que serão desenvolvidas publicamente pelo Círculo.

Se a obra, sem esses novos textos, já era enciclopédica, o que vamos assistir será uma expansão das idéias públicas, numa dimensão mais ampla, na qual muitos elos intermediários poderão ser recuperados no confronto entre as fontes primárias do cronotopo público e do cronotopo privado.

Para não nos perdermos na dimensão enciclopédica da obra, pretendemos ir afunilando as reflexões em torno da construção da Metalingüística, para que possamos enfrentar nossa tarefa principal, que é de buscar a especificidade e originalidade dos estudos deste Círculo no seu caminho em direção à construção dessa ciência da linguagem.

Mas essa construção só será possível a partir de um confronto de traduções da obra. Os problemas da obra na sua vida plurilingüe se distribuem fragmentariamente nos próximos capítulos, dado que eles contribuem para formar o mosaico constitutivo de nossa leitura da obra a partir do problema da construção da Metalingüística e de sua orientação filosófica.

Assim sendo, apresentamos um pequeno histórico desses problemas no capítulo seguinte, que trata justamente da tradução e enquadramento do pensamento de Bakhtin em outras tradições de estudos da linguagem, que não a russa. Como veremos, se num primeiro momento, a ciência da linguagem criada por Bakhtin era fruto de atenção de alguns comentadores, ao longo do tempo, ele foi sendo substituída pela expressão “dialogismo”.

2 - Alguns problemas de tradução na vida plurilingüe da obra

“O mundo ocidental tem tantos Bakhtines como línguas para as quais ele tem sido traduzido”.

(MONEGAL, 1980:8).

É preciso aventurar-se no universo plurilingüe de Bakhtin/Bakhtine/Bajtin e seu Círculo para tentar tatear algumas possíveis soluções para os problemas teóricos, materializados na obra desses estudiosos russos (e soviéticos) da linguagem, no que se refere à construção da Metalingüística como uma ciência da linguagem.

Colocar o problema da Metalingüística já é muito difícil, se não dotarmos a nossa reflexão sobre a obra de uma orientação plurilingüe, comparando traduções em que ela circula, embora nem sempre seja lida, no universo acadêmico, já que, infelizmente, são poucos os que podem ler e fazer suas reflexões em torno da obra em língua russa, sem que, mesmo assim, tenha que traduzi-la ou cotejá-la com o seu próprio Bakhtin, aquele publicado em sua língua.

Para nós, Bakhtin parece estar condenado a essa imersão no discurso alheio e só nos resta comparar, tentar decifrar essas várias apropriações de sua palavra, via traduções, perseguindo a idéia de que ele e seu Círculo estão propondo, de várias formas e em vários momentos, uma série de problemas de linguagem que não tiveram uma investigação adequada no seu tempo, e em certos sentidos mesmo atualmente.

Afinal, situar-se sobre fronteiras, como é o caso da natureza das investigações desses estudiosos russos nem sempre é uma posição muito confortável, se não possuímos as ferramentas para apontar essa zona complexa que envolve, como Bakhtin e seu Círculo demonstram, tantos fenômenos da linguagem e, também, tantos ângulos de seu estudo: psicológico, sociológico, lingüístico, dialógico etc.

O problema do tradutor não especialista na obra, o problema da adequação das reflexões russas aos estudos da linguagem contemporâneos (talvez na busca de uma aproximação com um possível leitor), o problema de vários tradutores do conjunto da obra numa língua dada, tudo isso dificulta o trabalho do pesquisador da obra, devido à

variedade terminológica (nem sempre proveniente de Bakhtin e seu círculo) que, em muitos casos, torna o seu estudo difícil, quase que enigmático, e cuja originalidade e coerência são desconstruídas, criando dificuldades mesmo na compreensão ativa do círculo de Bakhtin/Bakhtine/Bajtin/Baxtin no mundo ocidental, quando pesquisadores de diferentes nacionalidades começam a discutir a obra mais profundamente, a partir de seu próprio Bakhtin: aquele publicado em sua língua.

Não nos interessa aqui o confronto minucioso, como que uma crítica da tradução e dos comentadores como um todo. Na realidade, o confronto terminológico simplesmente não irá nos levar a nada. É preciso criar uma tensão entre esses termos, colocá-los em relações dialógicas para revelar as suas limitações, que nem sempre são a da obra original, é preciso torná-los participantes da obra como um todo e dos contextos em que esses termos são elaborados. É preciso isolar os sentidos de certas categorias principais para a perspectiva do Círculo, isto é, aquelas que, do ponto de vista teórico, pertencem ao seu projeto de estudos da linguagem.

No confronto de traduções, em relação a categorias importantes para o estudo da Metalingüística e de sua orientação filosófica, encontramos variantes terminológicas para quase todas as categorias. Essas variantes para uma mesma categoria, às vezes, se contrapõem na mesma obra de uma mesma língua.

Assim sendo, elaboramos uma pequena tabela com variantes de algumas dessas categorias, a começar pela própria ciência criada por Bakhtin, como elas aparecem na vida plurilingüe da obra, em busca da especificidade da ciência da linguagem desses estudiosos russos:

Quadro de variantes

Obra	Português	Francês	Espanhol	Inglês
PPD	metalingüística	translinguistique	translingüística	metalinguistics
PPD	discurso bivocal	le mot à deux voix (bivocal)	palavra bivocal	double-voiced discourse
MFL	discurso indireto livre	discours indirect libre	discurso cuasi directo	quasi-direct discourse
MFL	diversos	diversos	género	genre
DR	discurso direto impessoal	discours direct d'autrui	[habla] directa ajena	quasi-direct discourse
DR	palavra bivocal (discurso bivocal)	discours bivocal	Palabra bivocal	double-voiced discourse
PT	palavra bivocal	mot bivocal	palabra bivocal	double-voiced word
PT	discurso indireto livre	discours indirect libre	discurso indirecto libre	quasi-direct speech

Nosso objetivo é definir alguns parâmetros para compreensão dessas categorias que nos auxiliem a acompanhar a construção da Metalingüística. No decorrer do trabalho, iremos apontando fragmentos da obra, confrontando-os, no sentido de criar a tensão que possa nos ajudar na opção por alguma dessas possibilidades de tradução que circulam sob o nome de um dos Bakhtines, incluindo Volochinovs e Medvedevs.

A - Metalingüística ou Translingüística?

Como podemos ver pela tabela acima, esse problema do nome da ciência criada por Bakhtin só se revela nas edições francesa e espanhola de PPD. Nos outros ensaios - PT e Ap - em que ela é citada, os tradutores permanecerão fiéis ao autor. Então, qual é a raiz desse problema?

Em relação ao nome da ciência, nossa hipótese é que o problema esteja relacionado, dentro da recepção francesa da obra de Bakhtin, com as propostas de

Benveniste no ensaio “Semiologia da língua”(1969). Por ora, deixamos o enunciado do lingüista francês que serve como nosso argumento:

“Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralingüística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;*
- na análise translingüística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.*

Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento de outras ramificações da semiologia geral”(BENVENISTE, 1989:67).

Acreditamos que, se explicitarmos as relações entre Benveniste e Bakhtin, o que não é objeto de nossa pesquisa, poderíamos encontrar muitas outras afinidades entre esses dois teóricos da linguagem: signo e sinal, reconhecimento e compreensão, etc.

O termo usado por Bakhtin está envolvido na criação de uma nova ciência da linguagem que iria além da lingüística e que ele chama de Metalingüística. Embora muitos tradutores e comentadores tratem o termo como “Translingüística”, nós optamos por aceitar a proposição de Bakhtin, ou seja, Metalingüística, procurando no interior da obra o possível percurso que o levou a fazer essa proposição. Para tentar compreender o problema, vamos fazer uma pequena digressão histórica.

Numa de suas primeiras divulgações no Ocidente, que se deu na França via Julia Kristeva, o nome da ciência criada por Bakhtin foi mudado para *Translingüística*. Essa tese foi adotada na tradução francesa de PPD(1970), e também na tradução

espanhola (1986)¹⁴ do mesmo livro. No entanto, nem como Metalingüística nem como Translingüística essa ciência teve sua investigação incentivada dentro dos estudos bakhtinianos, o termo que prevaleceu para identificar a obra de Bakhtin e seu Círculo foi mesmo *dialogismo*.

De qualquer modo, podemos encontrar em alguns comentadores alguma atenção dada à Metalingüística (ou Translingüística). No ensaio de 1966 - “Le mot, le dialogue et le roman”, publicado, pela primeira vez em *Critique* (n. 33, 1967), Julia Kristeva, embora use em grande parte o termo *dialogismo*¹⁵, além de criar o clássico termo *intertextualidade*, apresenta assim a nova ciência da linguagem:

“Bakhtine postule la nécessité d’une science qu’il appelle *translinguistique* et qui, partant du dialogisme du langage, saurait comprendre les relations intertextuelles, des *relations* que le discours du XIXe siècle nomme “valeur sociale” ou “message” moral de la littérature” (KRISTEVA, 1969:149).¹⁶

A mesma Julia Kristeva, em “Une poétique ruinée”, que apresenta a tradução francesa da obra de Bakhtin sobre Dostoiévski - *La poétique de Dostoievski* (1970) - esclarece o porquê da escolha do termo *Translingüística*:

“La science de cette polyphonie sera donc une science du langage, mais non pas une linguistique: Bakhtine l’appelle *métalinguistique*. Ce terme étant aujourd’hui réserve pour distinguer le statut hiérarchiquement supérieur d’un langage enfin vrai sur le langage, dit “objet”, en tant que système de signes, il serait plus juste de choisir le terme de *translinguistique* pour le domaine que Bakhtine entrevoit” (KRISTEVA, 1970:13).

¹⁴ Em nota, a tradutora Tatiana Bubnova dá a seguinte explicação: “En el original de Bajtin aparece el término *metalingüística*. Para evitar confusiones con el significado tradicional de este concepto, se admite aquí la acepción (*translingüística*) dada a dicho término en la traducción francesa de esta obra, perteneciente a Tzvetan Todorov (BAJTIN, 1986:253).

¹⁵ Na conclusão do texto, Kristeva aponta, corretamente, que o princípio dialógico vai além do estudo romanesco: “Le dialogisme, plus que le binarisme serait peut-être la base de la structure intellectuelle de notre époque” (KRISTEVA, 1969:173).

¹⁶ A nossa citação é feita pela versão em *Semiotique. Recherches pour une sémanalyse* (1969).

Podemos lançar a hipótese de que o problema que o termo *metalingüística* poderia causar na tradição dos estudos franceses da linguagem, foi também um dos motivos que levaram à primazia do termo *dialogismo* sobre a ciência metalingüística, não só nesse como em outros centros irradiadores de interpretações da obra.

Alguns anos depois, V. V. Ivanov dá uma outra abordagem para esse problema. Em seu “O significado das idéias de M. M. Bakhtin sobre o signo, o enunciado e o diálogo para a Semiótica moderna”¹⁷, o semioticista russo compara as idéias de Bakhtin com as do lingüista Benveniste, aproximando-os do ponto de vista da semiótica moderna, em nota desse artigo:

“15) E. Benveniste, “Semiologie de la langue (2), Semiotica, I, 1969, no. 2, p. 134. It must be emphasized that the entire program of development of semiotics set forth in this articles is astonishingly similar to that which had been presented forty years earlier in book (5) [*Marxismo e Filosofia da Linguagem*]. There is a coincidence not only in the emphasis on analysis of the utterance as the basic unit [“A construção do enunciado”] but also in the understanding of language as the principal (“model”) object of semiotic research, and in the identification of the objectives of “metalinguistic” (according to Bakhtin, “metasemantic,” in Benveniste, p. 135) research, and so forth” (IVANOV, 1973:346).

No prefácio da edição francesa de *Esthétique de la création verbale* (1979), que saiu no mesmo ano da edição original, e que também serviu de base para a edição brasileira (1992), Todorov faz uma outra aproximação entre a ciência proposta por Bakhtin com a pragmática:

“É nos mesmos anos [do período sociológico] que Bakhtin se empenha em lançar as bases de uma nova lingüística, ou, como dirá mais tarde, “translingüística” (o termo em uso hoje seria antes “pragmática”), cujo objeto já não é mais o enunciado, mas a enunciação, ou seja, a interação verbal” (TODOROV, 1992:15).

¹⁷ Esse texto é uma revisão e ampliação de uma apresentação num encontro em homenagem aos 75 anos de

O primeiro estudo sobre a obra de Bakhtin e seu Círculo como um todo é de Todorov, *Mikhail Bakhtine. Le principe dialogique* (1981). Nesse estudo, Todorov faz algumas referências à Translingüística, que é como os comentadores franceses se referem à ciência de Bakhtin já desde 1966:

“Contrairement à ce que pensent les linguistes et les stylisticiens, l'énoncé n'est pas individuel, infiniment variable et donc impropre à la connaissance; il peut et doit devenir l'objet d'une nouvelle science du langage, à laquelle Bakhtine donnera le nom de *translinguistique*. Ainsi parviendra-t-il à dépasser la dichotomie stérilisante de la forme et du contenu, pour inaugurer l'analyse formelle des idéologies” (TODOROV, 1981:8).

Todorov recupera, também, das notas dos editores russos de *Estética da criação verbal*, S.S. Averintsev e S. G. Bocharov, referências a trabalhos iniciados mas jamais acabados por Bakhtin, dentre os quais “1) un livre intitulé *Études de translinguistique*, comportant notamment un chapitre sur le discours d'autrui comme objet des sciences humaines et un autre, consacré au rôle des contextes qui sont de plus en plus éloignés du texte initial et qui ont un effet dans l'évolution de l'interprétation de ce texte même (In: TODOROV, 1981:16).

No capítulo “Épistémologie des sciences humaines” do mesmo livro, Todorov dedica a parte final (7 páginas) às diferenças entre a Línguística e a Translingüística, reiterando que “pour éviter une confusion possible, je traduirai par *translinguistique* [le terme *metalinguistique*] (TODOROV, 1981:42), dizendo que essa ciência corresponde ao que se chama *pragmática*, “et l'on peut dire sans exagération que Bakhtine est le fondateur moderne de cette discipline” (TODOROV, 1981:42). As diferenças anunciadas no título dessa parte final, entre a Línguística e a Translingüística, só serão explicitadas algumas páginas à frente no capítulo “Théorie de l'énoncé”, no que ele

chama de uma segunda síntese da obra como um todo:

“Le cadre de référence [dessa segunda síntese] n’est plus la sociologie, comme trente ans plus tôt, mais la translinguistique, cette nouvelle discipline que veut fonder Bakhtine et à laquelle il donne pour objet l’énoncé. Les entités translinguistiques sont qualitativement différentes de celles de la linguistique... le point d’arrivée de la linguistique fournit seulement l’un des points de départ de la translinguistique, ce qui était là fin devient ici moyen” (TODOROV, 1981:78-79).

Todorov, ao construir o primeiro grande estudo sobre Bakhtin e seu Círculo, no interior da tradição francesa de estudos da linguagem, da qual ele é um participante dos mais ativos, não deixa de expressar algumas dificuldades em relação à inserção de Bakhtin nessa tradição. No capítulo 5, “Intertextualité”, esse desconforto fica bem claro quando ele dá uma definição desse termo criado por Kristeva:

“Il n’est pas, et c’est essentiel, d’énoncé sans relation aux autres énoncés. La théorie générale de l’énoncé n’est pour Bakhtine qu’une sorte de détour inévitable, qui doit lui permettre l’étude de cet aspect-là. Le terme qu’il emploie, pour désigner cette relation de chaque énoncé aux autres énoncés, est *dialogisme*; mais ce terme central est, comme on peut s’y attendre, chargé d’une pluralité de sens parfois embarrassante; un peu comme j’ai transposé “métalinguistique” en “translinguistique”, j’emploierai donc ici de préférence, pour le sens le plus inclusif, le terme d’*intertextualité*, introduit par Julia Kristeva dans sa présentation de Bakhtine, réservant l’appellation *dialogique* pour certains cas particuliers de l’intertextualité, tels l’échange de répliques entre deux interlocuteurs, ou la conception élaborée par Bakhtine de la personnalité humaine” (TODOROV, 1981:95).

O problema, em todos esses comentadores, é que Bakhtin é considerado fundador da semiótica moderna, da pragmática, mas a ciência que ele mesmo cria, a

Metalingüística, parece não conseguir alcançar uma autonomia em relação a essas outras ciências da linguagem, embora reconheçamos que Todorov coloca o problema corretamente dentro do quadro de uma Teoria do Enunciado, mas mesmo esse núcleo acaba se inserindo na categoria da *intertextualidade*, criada por Kristeva.

Talvez por isso o termo *dialogismo*, com toda a pluralidade de sentidos que acaba tendo, seja também um entrave na proposição da Metalingüística como uma ciência autônoma. E o objeto da Metalingüística, as relações dialógicas (dialogismo) acaba falando mais alto do que a própria ciência da qual ele é constitutivo. Na verdade, como veremos, o próprio objeto - relações dialógicas - aparece primeiro na obra, ligado a uma Sociologia da palavra e, só anos mais tarde, ganhará sua autonomia no interior da obra.

Beth Brait e Irene Machado, duas estudiosas brasileiras da obra de Bakhtin como um todo, também acabam seguindo essa tradição. A primeira, no artigo “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso”, publicado na coletânea *Dialogismo, polifonia e Intertextualidade* (1994), embora cite a metalingüística, “nome dado a uma disciplina geral que, ultrapassando o objeto da lingüística (a língua enquanto sistema abstrato e a análise tendo a frase como limite), teria no discurso o seu objeto e permitiria a descrição e a análise das relações dialógicas, ou seja, as relações entre enunciados que também atravessam, por dentro, os enunciados isolados” (BRAIT, 1994:24), tem o termo dialogismo como centro de seu estudo, além de estabelecer, em cursos na Universidade o mesmo diálogo entre Bakhtin e Benveniste¹⁸.

Irene Machado, em *O romance e a voz* (1995), publica um “Vocabulário crítico de M. Bakhtin”, onde dá a seguinte definição de Metalingüística:

“disciplina que estuda as relações comunicativas com base no dialogismo. Considera a enunciação comunicativa, o dito e o não-dito ou seja, todo o contexto enunciativo que extrapola o domínio puramente verbal. T. Todorov (1981), para evitar uma possível confusão entre o conceito bakhtiniano e a metalinguagem enquanto procedimento lingüístico, optou pelo termo

¹⁸ Nosso trabalho se vincula a um projeto maior de Beth Brait, nossa orientadora, que tem por título “História das

translingüística. Este contudo não existe em Bakhtin” (MACHADO, 1995:313).

Mas, para o nosso problema, talvez essa não seja a definição de Metalingüística dada nesse livro que tenha maior interesse. Na sua primeira parte - O dialogismo -, Machado também prefere ler a obra como um todo a partir do “dialogismo como ciência da relações”¹⁹, reservando o último tópico - “Metalingüística e Gêneros discursivos”- para tratar do nosso problema, estabelecendo outras relações:

“Guiando-se pelos princípios de sua Poética Histórica, Bakhtin concebe a *metalingüística* - ou translingüística, como aparece em muitas versões ocidentais - como possibilidade de examinar a estética da criação verbal a partir das relações dialógicas em ação no interior do discurso e que, conseqüentemente, determinam os traços estilísticos da prosa em geral e do romance em particular” (MACHADO, 1995:65).

Recapitulando, até aqui a Metalingüística já foi transformada em Translingüística (na tradução de Kristeva e Todorov), foi aproximada tanto à metassemântica de Benveniste e à semiótica (Ivanov), quanto à pragmática (Todorov), como precursora de outras tendências de estudos da linguagem. Do ponto de vista interior a obra como um todo, foi lida a partir da idéia geral de Dialogismo, como também como “possibilidade de examinar a estética da criação verbal”. É de se perguntar por que a ciência que Bakhtin criou suscita tanta polêmica sem que mesmo seu ponto de vista seja aprofundado e levado em conta.

Não poderíamos deixar de chamar a participar desse simpósio, algum estudioso russo que tenha se manifestado em relação a esse tema. Recuperamos, a partir de informação de terceiros, um resumo de artigo que faz parte do acervo do *Bakhtin Center*. “*Teoriia metalingvistiki v filoligcheskoi kontseptsii M. M. Bakhtina*” [“The theory

idéias lingüísticas: o pensamento de Benveniste e Bakhtin”.

¹⁹ Para ela, “tendo em vista que dialogismo é, sobretudo, um fenômeno derivado de processos de relações entre gêneros discursivos, é imprescindível considerar os estudos de Bakhtin sobre a problemática dos gêneros através da metalingüística, chave indispensável para se entender não só dialogismo como ciência das relações, como também o terreno sólido a partir do qual Bakhtin elaborou sua teoria do romance” (MACHADO, 1995:65).

of metalingüistics in Bakhtin's philological conception"] (1992), assinado por N. L. Vasiliev. O resumo de David Shepard sobre esse artigo diz o seguinte:

"Provides an account of Bakhtin's concept of metalinguistics, whose object is double-voiced discourse. The concept has some imperfections and contradictions: Bakhtin does not define precisely its borders, treating it at times as a way of examining dialogism in all language, and at others as confined to literary language; he does not make clear his views on its relationship to stylistics, semiotics, or poetics; he has nothing to say about quasi-direct discourse (*nesobstvenno-priamaia rech*), despite Voloshinov's emphasis on this in MPL [*Marxism and the Philosophy of Language*]; he does not say enough about the applicability of metalinguistic principles to history of literature; he absolutizes the polyphony of prose as opposed to poetry; and he limits himself to metalinguistic analysis of the semantics and stylistics of double-voiced discourse, whereas metalinguistic principles are clearly applicable to the generic, orthoepic, and grammatical structures of language".

Todas essas reflexões de Vasiliev nos parecem bastante justas, se isolamos a Metalingüística do conjunto da obra. Mas se, ao invés disso, procurarmos nos aprofundar nos objetos da Metalingüística - relações dialógicas e palavra bivocal, veremos que a história não é bem assim. Na realidade, é uma profunda inter-relação dialógica entre as obras que tratam desse tema que nos permite recuperar, como veremos, inclusive a relação entre palavra bivocal e o discurso quase-direto no ensaio "O problema do texto":

"Why is quasi-direct speech accepted, while an understanding of it as a double-voiced word is not?" (PT, BAKHTIN, 1994D:120).

Em 1990, aparece um outro grande estudo dedicado à obra de Bakhtin e seu Círculo como um todo. Trata-se do trabalho de Gary Morson e Caryl Emerson *Mikhail*

Bakhtin. Creation of a prosaics (1990), o primeiro a tratar de nosso problema, em quase cinquenta páginas, com maior profundidade. Na segunda parte dessa obra, os dois estudiosos escolhem, como entrada, na obra de Bakhtin e seu Círculo, o problema da autoria, dividindo-o em 3 capítulos. O primeiro - *Metalingüistics: the dialogue of authorship*; o segundo - *Psychology: authoring a self* -; e o terceiro - *Poliphony: authoring a hero*. Realmente, eles conseguiram encontrar três pontos de vista em torno do problema da autoria que são capitais na obra, separando didaticamente o que na obra está em interação orgânica. Uma compreensão aprofundada da Metalingüística deve levar em conta essas três possibilidades de autoria no interior/exterior do enunciado concreto.

No capítulo - *Metalingüistics : the dialogue of authorship* - Morson & Emerson colocam os problemas centrais da Metalingüística no contexto não só da obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, mas em relação com outras obras do Círculo, como *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, assinada por Volochinov, e os ensaios de Bakhtin “O discurso no romance”, “O problema dos gêneros do discurso” e “O problema do texto”.

Na abordagem desses problemas, nos interessa, especificamente, as distinções entre Bakhtin e Volochinov, segundo Morson&Emerson:

“First, whereas Bakhtin celebrates intense dialogization and double-voicing, Voloshinov, writing as a Marxist, describes such phenomena disapprovingly (e.g., V:MPL, pp. 158-59). The forms so central to Bakhtin’s ideas of unfinalizability and so characteristic of his prosaic approach to the cultural world are regarded by Voloshinov as symptoms of decadent “relativistic individualism”(V:MPL, p.122). Voloshinov expects and calls for the decay, if not the abolition, of these forms of speech, and he believes that the triumph of the working class is the death knell for these forms.

Second, Voloshinov changes Bakhtin’s theories by accepting his specific descriptions of language but then accounting for language so described in historical-materialist terms. Bakhtin describe language as not systematic;

Voloshinov agrees, but argues that this asystematicity only leads us to look for an external system to explain it. That system is Marxism as Voloshinov understood it. Indeed, the reformulation of Marxism was central to Voloshinov's whole enterprise, as it was not for the non-Marxist Bakhtin. (MORSON&EMERSON, 1992:124-125).

Não podemos deixar de expressar nossas discordâncias em relação as diferenças entre Bakhtin e Volochinov apresentadas pelos pesquisadores americanos. Se concordássemos com ela, já teríamos de rejeitar o próprio trabalho conjunto de Bakhtin, Volochinov e Medvedev em torno de uma mesma visão da linguagem e do enunciado, bem como os trabalhos posteriores de Bakhtin, que não abdicam de uma Filosofia marxista da linguagem conforme expressa por Volochinov em MFL.

Se os pesquisadores americanos comparassem MFL e POD, obras do mesmo ano (1929) iriam encontrar a seguinte semelhança ideológica entre Volochinov e Bakhtin:

“El triunfo de las formas extremas del estilo pictórico en la transmisión de la palabra ajena se explica, por supuesto, no por los factores psicológicos, ni por las tareas estilísticas individuales que se impone un artista, sino por una *subjetivización general y profunda de la palabra como enunciado ideológico*. Este enunciado ya no representa un monumento, ni siquiera un documento de una posición sustantiva plena de sentido, sino que se percibe tan sólo como la expresión de un estado subjetivo casual” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:208-209).

“Una voz monológica firme supone un firme apoyo social, supone la existencia de un *nosotros*, independientemente de eu si se trata de una sensación consciente o no. Para una criatura solitaria su propia voz se vuelve difusa, su propia unidad y acuerdo íterno consigo misma llega ser postulado” (POD, In: BAJTIN, 1982:197).

Em trabalho anterior, *Introdução a teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*, abordamos esse problema tomando o enunciado concreto como base material da Metalingüística, insistindo na interação entre as obras do Círculo, chegamos à seguinte hipótese:

“Podemos dizer que o que Bakhtin formula é um ponto de vista da linguagem, que leva em consideração os aspectos científicos da língua na sua generalidade, mas que insiste numa abordagem do funcionamento real da linguagem, onde podemos encontrar a “verdade” do acontecimento particular e único de um enunciado concreto. Essa linha de pensamento vai atravessar todo o desenvolvimento da obra do círculo... no sentido da construção de uma nova disciplina: a metalingüística” (SOUZA,1999:84).

Naquela ocasião, não tínhamos ainda elementos para formular o problema da construção da Metalingüística em maior profundidade. Ainda não tínhamos percebido a dialogização interna da obra no que se refere ao problema da palavra na palavra expressa tanto em MFL, quanto em POD e PPD.

Para tanto, procuraremos demonstrar que a compreensão de linguagem de Bakhtin não difere tanto assim daquele expressa na Filosofia marxista da linguagem proposta por Volochinov. Aliás, para que uma visão histórico-materialista da linguagem, da pena de Bakhtin, participe da discussão só é necessário que retomemos suas reflexões sobre as fronteiras de duas épocas - A Idade Média e o Renascimento - como uma fronteira única na história das literaturas e das línguas européias, conforme ele expressa em seu livro sobre Rabelais (1965):

“A língua popular, ao englobar todas as esferas da ideologia e ao expulsar desse domínio o latim, veiculava os pontos de vista novos, as formas novas de pensamento (mesma ambivalência), as apreciações novas. Pois essa língua era a da vida, do trabalho material e do cotidiano, a língua dos gêneros “inferiores” (*fabliaux*, farsas, “pregões de Paris”, etc., na sua maioria cômicos); ela era enfim

a língua da linguagem livre da praça pública... “ (Rab, BAKHTIN, 1993:410-411).

Ou ainda, nesse mesmo livro:

“O novo mundo e as novas forças sociais que o representavam, exprimiam-se da maneira mais apropriada nas línguas nacionais populares. Por essa razão, o processo de interorientação do latim medieval e do clássico efetua-se à luz da língua nacional e popular. As três línguas sofrem uma interação e uma interdemarcação num processo único e indissolúvel” (Rab, BAKHTIN, 1993:412).

Não há como negar que essas afirmações bakhtinianas de cunho histórico-materialista tenham em seu horizonte a filosofia marxista da linguagem exposta por Volochinov em MFL. Talvez o fundo dialógico de Morson&Emerson seja o marxismo como um todo, e não a contribuição específica de Volochinov no que se refere à necessidade de uma Filosofia marxista da linguagem, filosofia essa que se encontra no horizonte também de *Problemas da poética de Dostoiévski* e em todos os outros ensaios citados pelos pesquisadores americanos com suas bases em torno de categorias como *enunciado concreto*, *interação verbal (diálogo)*, *gêneros do discurso* e de uma visão ampla de diálogo que engloba todas as categorias anteriores.

Em seu afã de abafar o marxismo presente em Bakhtin, mesmo que uma Filosofia marxista da Linguagem, Morson&Emerson acabam apresentando a Metalingüística de modo mecânico, ou para usar a expressão que Volochinov empresta de Wolflin, num estilo linear, procurando manter as fronteiras entre eles de um modo que o marxismo de um não penetre no não-marxismo do outro.

Acreditamos que, ao final deste trabalho, as inter-relações dialógicas entre as obras se revelarão muito mais “pictóricas” do que querem alguns de seus comentadores.

Nosso problema não se resume só ao nome da ciência criada por Bakhtin e seu Círculo, mas atinge também o objeto principal dessa ciência - a palavra bivocal - bem como um dos tipos de discurso - discurso quase-direto - que, segundo Bakhtin no

ensaio “O problema do texto” (1959-1961), conforme citamos anteriormente, não havia sido considerado enquanto palavra bivocal. Consideramos que é justamente essa a chave que une a tipologia da palavra na prosa de Bakhtin (POD e PPD) à tipologia do discurso de Volochinov (MFL).

Mas para que o ponto de vista de Bakhtin e de seu Círculo se tornem mais claro é preciso que os problemas de tradução, em torno do discurso quase-direto e da palavra bivocal, participem da construção da Metalingüística.

B - Discurso quase-direto ou Discurso indireto livre?

Da mesma forma que a Metalingüística, o ponto de vista do autor - Volochinov e Bakhtin - também é traído por alguns tradutores, no sentido de adaptar a proposta de Volochinov e Bakhtin às tradições locais e certos centros irradiadores que preferem outro termo para esse mesmo fenômeno, discurso indireto livre ao invés de discurso quase-direto, problema esse que ocorre em MFL (Volochinov) e outros ensaios de Bakhtin (DR e PT).

Mas qual é o termo que preferem nossos autores? Que pistas dão os tradutores dessa variante escolhida para substituir aquela que o autor designou em sua obra?

O que parece estar em jogo aqui é o confronto entre as duas orientações filosófico-lingüísticas expostas por Volochinov em MFL. De um lado, a tendência do objetivismo abstrato - que poderíamos chamar de mais poderosa tanto nos estudos russos da linguagem como também nos franceses, brasileiros e espanhóis. E, por outro lado, a tendência do subjetivismo idealista, a qual, embora seja criticada por Volochinov, é colocada por esse no mesmo nível de investigações da linguagem que a primeira, aliás muito de suas proposições se originam mais dessa tendência e daqueles que ele coloca na sua origem e evolução: Humboldt, Vossler, Spitzer, Lerch, Lorch, Dietrich, para ficarmos nas figuras mais importantes, segundo Volochinov.

Duas edições de MFL - americana e espanhola - usam o termo de Volochinov, enquanto que a edição brasileira que segue a francesa, em sua maior parte, prefere a variante *discurso indireto livre*, embora os tradutores brasileiros façam a seguinte

observação:

” Na verdade, o termo alemão usado por G. Lerch conserva-se mais fielmente na tradução norte-americana, que usa “quasi-direct discourse”, do que no “discurso indireto livre” que a tradução francesa adota e que nós também temos empregado. A nossa escolha deve-se ao fato de termos preferido manter a expressão que já se firmou na literatura especializada em português, em vez de introduzir uma nova...” (In: MFL, BAKHTIN (VOLOCHINOV), 1986:174).

No entanto, tal alteração do termo escolhido por Volochinov acaba comprometendo toda a sua argumentação, como que desfazendo a tensão entre gramática e estilística no que se refere a esse tipo de discurso: discurso quase-direto (Lerch, subjetivismo individualista) e *style indirect libre* (Bally, objetivismo abstrato), reduzindo a uma das tendências o que Volochinov apresenta a partir de dois pontos de vista e excluindo sua opção por um deles:

“Diferentes autores propuseram diferentes termos para designar o fenômeno do discurso indireto livre. De fato, cada um daqueles que escreveram sobre esse assunto propuseram seu próprio termo. Nós temos usado, e continuaremos a fazê-lo, o termo de Gertraud Lerch *Uneigentliche direkte Rede*, como o mais neutro de todos os termos propostos, e o que implica o mínimo de teorização. Na sua aplicação ao russo e ao alemão, esse termo é irrepreensível. É apenas em francês que o seu uso pode levantar dúvidas”. (MFL, BAKHTIN (VOLOCHINOV), 1986:174).

“Para el fenómeno del discurso cuasi directo en **francês y en alemán**, los diferentes autores han propuesto varias terminologias. En realidad, cada uno de los que se habían ocupado de la cuestión propusieron su próprio término. Nosotros todo el tiempo estamos utilizando el término de Gertraud Lerch

uneigentlich direkte Rede, como el más neutral entre todos los propuestos y como uno que implica un mínimo de reflexión teórica. Es un término irreprochable al aplicarlo al ruso o al alemán. Solamente en relación con el francés puede suscitar algunas dudas (MFL, VOLOSHINOV, 1992:186).

Como Volochinov estuda, nesse capítulo de MFL - Discurso cuasi directo en francés, alemán y ruso -, o fenômeno nessas três línguas, não é no nível da tradução que devemos transpor o mesmo fenômeno para outra língua que não essas que o livro se propõe, isto é, apresentar para o leitor um fenômeno no lugar de outro, ao invés de deixar que a própria argumentação do autor se construa, pois como ele mesmo diz:

“En las diferentes lenguas empieza a modificarse, en una dirección determinada, precisamente aquel modelo que resulta más elástico justamente en este sentido. En el francés, el modelo del discurso indirecto fue el que mostró estas cualidades, mientras que en el alemán y el ruso fue el modelo del discurso directo” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:193).

Por ora, o importante para nós é fixar a opção de Bakhtin e seu Círculo pelo fenômeno do *discurso quase-direto*, para poder compará-lo com a palavra bivocal que orienta a tipologia da palavra na prosa de Bakhtin.

C - Palavra bivocal ou discurso bivocal?

Um outro problema que aparece nos livros sobre Dostoiévski (POD e PPD), assim como em outros ensaios (DR, PT) está relacionado justamente com o objeto principal da Metalingüística: palavra bivocal.

Em PPD, onde Bakhtin propõe publicamente a Metalingüística pela primeira vez, o problema do objeto principal da Metalingüística aparece da seguinte forma nas várias

línguas:

“O objeto principal de nosso exame, pode-se dizer, seu herói principal, é o discurso bivocal, que surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra. A lingüística desconhece esse discurso bivocal. Mas, achamos, é precisamente ela que deve tornar-se o objeto principal de estudo da metalingüística” (PPD, BAKHTIN, 1999:184-185).

“L’objet essentiel de notre étude, la vedette pourrait-on dire, sera le mot à deux voix (bivocal) qui nâit immanquablement lors de l’échange dialogique, c’est-à-dire dans les conditions de la vie authentique du mot. Ce mot est ignoré de la linguistique. Mais il nous semble que c’est lui précisément qui doit devenir l’un des principaux objets d’étude de la translingüistique” (PPD, BAKHTINE, 1970:242).

“The chief subject of our investigation, one could even say its chief hero, will be double-voiced discourse, which inevitably arises under conditions of dialogic interaction, that is, under conditions making possible an authentic life for the word. Linguistics does not recognize double-voiced discourse. But precisely it, in our opinion, must become one of the chief objects of study for metalingüistics” (PPD, BAKHTIN, 1994B:185).

“Se puede decir que el objeto principal de nuestro examen, su protagonista, será la palabra bivocal que se origina ineludiblemente en las condiciones de la comunicación dialógica, es decir, en las condiciones de la vida autêntica de la palabra. La lingüística no conoce esta palabra bivocal, y es precisamente ésta, según nuestro parecer, la que debe ser el objeto principal de estudio en el campo de la translingüística” (PPD, BAJTIN, 1986:258).

Conforme pode ser observado pelos fragmentos acima, a Metalingüística e a palavra bivocal se encontram no cruzamento de todos esses tradutores. Por que então palavra ao invés de discurso?

Essa escolha do termo começa a ser um problema para os tradutores a partir de ensaios e livros do período de 1925-1930. Aqui, o jogo entre palavra e discurso se torna mais complexo, visto que agora envolve outros contextos além da “lingüística da língua” e da estética da criação verbal, que eram os contextos dominantes da crítica de Bakhtin ao formalismo, nos seus primeiros manuscritos. Aos primeiros contextos se juntam as críticas de Volochinov e Medvedev à poética sociológica e à psicologia objetiva, além da elaboração de uma Filosofia Marxista da linguagem.

Na realidade, trata-se de um problema que acompanha quase toda a obra pública do Círculo, a começar pelo ensaio “Palavra na vida, palavra na arte” (Volochinov), indo até os últimos ensaios de Bakhtin, e envolvem o termo *slovo* e *retch*. O primeiro, literalmente “palavra” é usado também no sentido de “discurso”, e é nesse sentido que a maioria dos tradutores optaram na maioria dos livros e ensaios de Bakhtin. O segundo aparece nas traduções como “discurso” e como “fala”. Vochinov realiza um jogo entre esses dois termos que alguns tradutores não observam, e o jogo que seria o dos teóricos russos passa a ser de alguns tradutores, ou deixa de existir, já que tanto *slovo* quanto *retch*, são traduzidos por *discurso*.

Mas como isso não acontece em todas as obras, podemos também penetrar nesse jogo *slovo/retch* para demonstrar qual é a importância dessa discussão para o nosso problema, se é que podemos encontrar categorias abstratas e estáticas no contexto da obra de Bakhtin e seu Círculo.

Slovo v zhizni i slovo v poezii (1926) é o ensaio de Volochinov que tomamos como exemplo para essa reflexão. Embora o contexto problematizado nesse ensaio seja o método formal e o método sociológico, e nesse último, principalmente, problemas de poética teórica, todas as traduções conhecidas por nós, adotam, já no título, *discurso* para o termo *slovo*: “Discourse in life and discourse in poetry: questions of sociological poetics”; “Discourse in Life and Discourse in Art”; e “Le discours dans la vie et dans la poésie”. Essa atitude dos tradutores prevalecerá também nos ensaios do

próximo período, mas por ora, vamos nos ater ao contexto de estudos da linguagem envolvendo poética formal, poética sociológica e lingüística.

Nesse ensaio, Volochinov discute sua posição a partir do exemplo de um enunciado de uma só palavra: “Bem!”. Embora em quase todas as ocorrências de *slovo*, a variante escolhida seja *discurso* [*discourse, discours, verbal discourse*], a própria natureza do enunciado escolhido como exemplo do ensaio como um todo: um enunciado de uma só palavra - “Bem!” - faz com que, às vezes, uma ou outra das traduções se rendam ao contexto da problematização de Volochinov. Assim, temos os seguintes enunciados, onde *slovo* é traduzido por *palavra* (mot, word):

“L’essence sociale du mot apparaît ici [dans le type d’énoncé quotidien] clairement et plus nettement, et le lien qui unit l’énoncé au milieu social ambiant se prête plus facilement à l’analyse” (DVDA, VOLOCHINOV, 1981:188).

“The word is a social event, it is not sufficient in itself, like an abstract linguistic constant is; it cannot be psychologically drawn out of the subjective consciousness of the speaker taken in isolation. Precisely for that reason the formal-linguistic and psychological approaches equally miss the point: the concrete sociological essence of the word, which alone makes it the truth or a lie, base or noble, necessary or unnecessary, remains incomprehensible and inaccessible to both points of view” (DVDA, VOLOSHINOV, 1983:17).

“From the point of view of linguistics, of course, neither this event nor its living participants exist; it has to do with the abstract, naked word and its abstract elements (phonetic, morphological and so on). Therefore the *integral sense* of the word and its *ideological value* - cognitive, political, aesthetic, are inaccessible to this point of view. Just as there cannot be linguistic logic or linguistic politics, neither can there be linguistic poetics” (DVDA, VOLOSHINOV, 1983:18).

Mas e qual seria o uso de *retch* nesse ensaio? Vamos também recuperar alguns enunciados em que no original está essa categoria e cujo uso é seguido pelos tradutores. Volochinov usa *retch* em três sentidos: enquanto gênero, enquanto estrutura do discurso, e para se referir ao discurso interior:

1) *retch* para gênero:

“... ils nous faudra examiner plus précisément certains aspects de l'énoncé verbal qui ne relèvent pas de l'art - dans le discours [retch] de la vie quotidienne - , car les fondements et les potentialités de la forme artistique ultérieure sont déjà posés dans ce type d'énoncé” (DVDA, VOLOCHINOV, 1981:188).

2) *retch* para estrutura do discurso:

“We shall see below that not only intonation but also the whole formal structure of speech (retch) depends to a significant degree upon what sort of relationship the utterance is in to the implied identity of evaluations of that social milieu to which the utterance is directed” (DVDA, VOLOSHINOV, 1983:14).

3) *retch* para discurso interior:

“The point is that no act of consciousness can take place without internal speech, without words and intonation - without evaluations, and it follows, that it is already a social act, an act of intercourse” (DVDA, VOLOCOHINOV, 1983:27).

É evidente que não poderemos nos exceder na apresentação interminável das ocorrências nas várias línguas. Para nós, o mais importante é ir percebendo o jogo entre termos - palavra, discurso - e seus respectivos sentidos - tema - nos enunciados referidos.

Em *Freudismo: um esboço crítico* (Volochinov, 1927), as relações entre *slovo* e

retch não causam tanto problema. Talvez seja pela terminologia da psicanálise e da psicologia não permitirem tantas nuances entre os termos. O contexto em que as categorias são colocadas é o da psicologia objetiva, que também é tratada criticamente posteriormente em MFL. É aqui também, que Volochinov cita o artigo de 1925, de Vygotski “A consciência como problema da psicologia do comportamento”, no qual esse trata das *reações verbais* [respostas verbais, relações verbais]. E é precisamente, em torno das *reações verbais* que vamos retomar as relação da palavra com o discurso interior:

1) slovo como palavra:

“Or, à chacune des dites étapes [du contenu d’un psychisme individuel mène à un contenu de culture], notre conscience use aussi du mot, et parce que c’est en lui que la réfraction des lois socio-économiques est à la fois la plus subtile et la plus confuse, il en résulte que les réactions verbales, telles qu’on les trouve au niveau le plus primitif du quotidien, relèvent des même méthodes dont s’est doté le marxisme pour étudier les constructions idéologiques complexes, les lois de réfraction de la nécessité objective au sein du mot étant les mêmes dans les deux cas” (FEC, BAKHTINE, 1980:184)

2) *retch* como *discurso interior*

“Pour l’essentiel, les éléments mis en oeuvre par le système complexe des réactions verbales restent les mêmes quant le sujet garde “pour lui” ce retentissement au lieu de le confier à haute voix; car, du moment qu’il en a conscience, c’est qu’opère en lui un mécanisme de discours intérieur (“latent”) (puisque nous pensons, sentons, voulons à l’aide de mots et qu’il n’est rien dont nous puissions prendre conscience en nous-même sans recourir au discours intérieur); et ce mécanisme est tout aussi matériel que les discours extérieur” (FEC, BAKHTINE, 1980:102)

Convém ressaltar que na citação, no interior desse livro, do ensaio de Volochinov, “Discurso na vida, discurso na arte”, aparece aqui “A palavra na vida e a palavra na poesia” ou “Le mot dans la vie et le mot en poésie”, nas edições brasileira e francesa consultadas.

Bakhtin, ele mesmo, embora fizesse uso do termo *discurso*, achava-o um tanto vago, como diz no ensaio do cronotopo privado “O problema dos gêneros do discurso” (1952-1953):

“La vaga palabra “discurso”, que puede designar tanto a la lengua como al proceso o discurso, es decir, al habla, tanto a un enunciado separado como a toda una serie indeterminada de enunciados, y asimismo a todo un género discursivo (“pronunciar un discurso”), hasta el momento no ha sido convertida, por parte de los lingüistas, en un término estricto en cuanto a su significado y bien determinado (en otras lenguas tienen lugar fenómenos análogos)... Casi siempre tiene lugar un enredado juego con todos los significados mencionados (a excepción del último). (PGD, BAJTIN, 1985:259).

Na continuação de sua argumentação, no mesmo ensaio, Bakhtin vai mais longe:

“La falta de una definición terminológica y la confusión que reinan en un punto tan importante, desde el punto de vista metodológico, para el pensamiento lingüístico, son resultado de un menosprecio hacia la *unidad real* de la comunicación discursiva que es el enunciado. Porque el discurso puede existir en la realidad tan sólo en forma de enunciados concretos pertenecientes a los hablantes o sujetos del discurso” (PGD, BAJTIN, 1985:260).

Se Bakhtin e seu Círculo tinham alguma intenção em fazer um jogo entre

palavra e discurso, esse jogo aparece, muitas vezes, encoberto na vida plurilingüe da obra, desaparecendo justamente na obra que dá ao domínio público a Metalingüística.

A impossibilidade em escolher esta ou aquela tradução como a que realmente reflete a compreensão ativa que queremos apresentar em torno de uma ciência da linguagem e de sua construção, nos obriga a juntar os “cacos” para tentar entrever alguma luz no final do túnel. Estamos condenados a trabalhar com fragmentos da obra.

Parece-nos que, se essas variantes básicas não encontrarem um contexto que lhes dê sentido, ficaremos em círculo, em torno de determinadas escolhas: palavra ou discurso? Palavra e discurso?

Se quisermos refletir sobre a idéia de signo lingüístico, signo ideológico, parece que palavra é a variante mais apropriada para *slovo*. Se quisermos falar da lexicologia, de dicionário, é também em palavra que iremos encontrar nosso porto seguro. Se quisermos pensar num enunciado de uma única palavra, a idéia de palavra também não se afigura estranha. E se pensarmos nos vários usos da palavra: palavra na vida, palavra na arte, palavra romanesca, palavra bivocal, esses usos também não nos soarão inadequados ao conjunto da obra.

Assim como a distinção entre enunciado e enunciação, a qual já abordamos em outro trabalho, as distinções entre *palavra* e *discurso* parecem estar condenadas a trilharem grande parte do caminho teórico da vida plurilingüe da obra como se fossem sinônimas.

D - Gêneros discursivos ou Modos, registros, fórmulas... ?

No nosso ir e vir na obra de Bakhtin e seu Círculo vamos encontrando os fragmentos que possam nos ajudar a compor o mosaico que é constitutivo da própria construção da imagem da obra no universo plurilingüe. Um dos cacos indispensáveis à uma interpretação da obra é a categoria *gênero*, a qual também é fonte de desconstrução em alguns Bakthines (Volochnovs).

Podemos dizer que, em MFL, Volochinov utiliza, para expressar o seu pensamento, enunciado no sentido da realização concreta; discurso no sentido de gênero e estrutura; e palavra no sentido de material dotado de orientação social. Mas isso não impede que ele use as mesmas categorias em lugar de outras, provenientes de outras tendências dos estudos da linguagem: *parole*, *atos de fala*, *expressão* etc., compondo categorias bivocais, como *palavra-enunciado*; *discurso-enunciado*; *expressão-enunciado*. Ao situar a sua reflexão sobre fronteiras em que convivem terminologias de origens diversas, Volochinov parece, ao colocá-las em diálogo com a sua categoria principal - *enunciado* - estar convidando-as a participar de uma nova orientação aos estudos da linguagem.

Se as diferenças entre *slovo* (palavra) e *retch* (discurso) são preservadas em MFL, o mesmo não se pode dizer do problema dos gêneros discursivos. Esse, literalmente desaparece da edição francesa e brasileira do livro, podendo ser resgatada somente por outras traduções diretas do russo como a americana e a espanhola²⁰.

Como as variantes dessa categoria são inúmeras e a discussão de cada uma delas ocuparia muito espaço dentro da tese, apresentamos a seguir, uma tabela com todas as ocorrências problemas²¹, e iremos recuperando-as ao longo da tese, principalmente no capítulo que discutirmos a relação de uma Filosofia marxista da linguagem, proposta por Volochinov, com o problema do diálogo.

²⁰ Existem duas edições em espanhol de MFL. A primeira, traduzida da edição americana por R. M. Russovich, cujo título foi modificado para *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje* (Buenos Aires, Nueva Vision, 1976) e aquela que utilizamos, a tradução do russo de Tatiana Bubnova (Madrid, Alianza Editorial, 1992).

²¹ Em artigo nosso não publicado “Em busca da noção de *gêneros discursivos* em *Marxismo e Filosofia da*

Variantes da categoria “gêneros discursivos”

Português	Francês	Inglês	Espanhol
(01) <i>dialetologia social</i>	<i>dialectologie sociale</i>	<i>the problem of behavioral speech genres</i>	<i>el problema de los géneros discursivos cotidianos</i>
(02) <i>diferentes modos de discurso</i>	<i>différents modes de discours</i>	<i>little speech genres</i>	<i>los pequeños “géneros discursivos”</i>
(03) <i>gêneros lingüísticos</i>	<i>registres linguistiques</i>	<i>speech genres</i>	<i>géneros discursivos</i>
(04) <i>gênero</i>	<i>registre</i>	<i>behavioral speech genres</i>	<i>género discursivo concreto</i>
(05) <i>modos de comportamento</i>	<i>modes de comportement</i>	<i>behavioral genres</i>	<i>géneros discursivos</i>
(06) <i>registros da língua familiar</i>	<i>registres de la langue familière</i>	<i>behavioral speech genres</i>	<i>géneros discursivos cotidianos</i>
(07) <i>categorias de atos de fala</i>	<i>catégories d’actes de parole</i>	<i>genres of speech performance</i>	<i>géneros de las actuaciones discursivas</i>
(08) <i>tipos de discursos menores da vida cotidiana</i>	<i>types de discours mineurs de la vie quotidienne</i>	<i>little behavioral genres</i>	<i>pequeños géneros cotidianos</i>
(09) <i>modelagem das enunciações</i>	<i>modelage des énonciations</i>	<i>structure of the genre</i>	<i>conclusión genérica</i>
(10) <i>estereótipos no discurso da vida cotidiana</i>	<i>stéréotypes dans le discours de la vie quotidienne</i>	<i>genres of behavioral speech</i>	<i>conclusión genérica</i>
(11) <i>fórmulas estereotipadas</i>	<i>formules stéréotypées</i>	<i>genre</i>	<i>conclusión genérica</i>
(12) <i>pequenas fórmulas correntes</i>	<i>petites formules courantes</i>	<i>little behavioral genres</i>	<i>pequeños géneros cotidianos</i>
(13) <i>fórmula estereotipada</i>	<i>formule stéréotypée</i>	<i>behavioral genre</i>	<i>género cotidiano</i>
(14) <i>fórmulas da vida corrente</i>	<i>formules de la vie courante</i>	<i>behavioral genre</i>	<i>género cotidiano</i>

Vamos retomar apenas um exemplo, para que possamos recuperar a importância da categoria para uma Filosofia marxista da linguagem proposta em MFL:

Linguagem” abordamos o problema em maior extensão.

“A *tipologia* destas formas é um dos problemas vitais para o marxismo. Mais tarde, em conexão com o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos gêneros lingüísticos” (MFL, BAKHTIN (VOLOCHINOV), 1986:43).

“La *typologia* de ces formes est l’un des problèmes les plus vitaux pour le marxisme. Dans ce qui suit, en liaison avec le problème de l’énonciation et du discours, nous toucherons également au problème des registres linguistiques” (MFL, BAKHTINE (VOLOCHINOV), 1977:41)

“A *typology of these forms* is one of the urgent tasks of Marxism. Later on, in connection with the problem of the utterance and dialogue, we shall again touch upon the problem of speech genres” (MFL, VOLOSHINOV, 1993:20).

“La tipología de estas formas es una de las tareas más urgentes del marxismo. Más adelante tendremos la oportunidad de referirnos al problema de los géneros discursivos en relación com el problema del enunciado y del diálogo” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:46).

Como se pode notar no exemplo citado, ao escolher um alvo, vários outros problemas relacionados aparecem conjuntamente - *discourse/dialogue, enunciação/enunciado-*, o que só vem demonstrar a importância de um estudo comparativo da obra em sua vida plurilingüe. A relação de MFL com outras obras e ensaios do Círculo poderia ter uma compreensão responsiva mais ativa se à categoria *gênero* fosse restituída a sua função primordial dentro da proposição de uma Filosofia marxista da linguagem.

É por colocar a obra no cruzamento de orientações filosóficas, disciplinas e métodos como filosofia da linguagem, lingüística, filologia, método formal, método sociológico, que se faz necessária procurar, de algum modo, reconstruir, via

fragmentos da vida plurilingüe da obra, um certo sentido para o percurso que vai do ato ao enunciado, começando pela palavra, discurso, ato de fala, expressão e outras variantes relacionadas à linguagem que se distribuem nesse universo dialógico.

Mas se essa tensão, entre as variantes escolhidas pelos tradutores e comentadores, encobre, por um lado, as especificidades da obra de Bakhtin e seu Círculo, ela aponta, por outro lado, para algumas idéias, como por exemplo: qual é a orientação filosófico-lingüística de Bakhtin e seu Círculo? Uma Filosofia da palavra, uma Sociologia da palavra? Ou uma Filosofia do discurso, uma Sociologia do Discurso? E, ainda, como integrar a Metalingüística nesse percurso?

São muitas as questões que vem para a superfície da obra, se nos aproximamos dos contextos exteriores efetivos com os quais essas categorias estão dialogando, assim como da dialogicidade interna da obra de Bakhtin e de seu Círculo como um todo. Nosso intuito é colocar o problema, já que seu exame exaustivo demandaria uma tarefa conjunta de vários pesquisadores. Para tanto, vamos continuar nos servindo de fragmentos do horizonte plurilingüe da obra que nos ajudem a compor esse mosaico que leva à construção da Metalingüística como uma ciência da linguagem, cujo objeto são as relações dialógicas entre enunciados e, principalmente, a palavra bivocal.

II - A construção da Metalingüística

1 - Filosofia marxista da linguagem e o problema do diálogo

“A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem”

(PPD, BAKHTIN, 1997:183)

Comparando *Marxismo e Filosofia da Linguagem* com fragmentos de *Problemas da obra de Dostoiévski*, obras do Círculo do mesmo ano (1929), assinadas por Volochinov e Bakhtin, respectivamente, nos chamou a atenção as relações dialógicas entre elas em relação a certos problemas. Os problemas principais da aplicação do método sociológico à ciência da linguagem acabam não só sendo relacionados ao problema da palavra como signo ideológico, ao problema do enunciado como totalidade e ao problema dos gêneros discursivos mas, também, ao problema do enunciado no enunciado. Todos essas problemas estão em estrita relação com o problema do diálogo.

Nos propusemos, então, a fazer uma releitura da obra operando uma inversão entre a orientação sociológica e a orientação dialógica, trazendo essa última para o primeiro plano, pois no centro da proposição de Volochinov está a idéia da *interação discursiva* (o diálogo) como a realidade concreta da linguagem.

Aliás, uma leitura mais atenta, encontra um universo de expressões que, provenientes de vários planos nos quais MFL é construído, acaba por ter como fim o diálogo. São elas: *réplica, resposta, contrapalavra, compreensão, acordo/desacordo, interindividual*, entre outras. A própria compreensão da linguagem como interação e comunicação discursivas, com seus interlocutores, falantes já indicia essa orientação dialógica.

Esse caminho de interpretação da obra nos levou a trazer para o primeiro plano, sem esquecer é claro o horizonte marxista que ela apresenta na superfície - luta de classes, consciência de classe, base econômica, superestrutura, ciência das ideologias -, os problemas do marxismo, da Filosofia da linguagem e da ciência da linguagem que Volochinov articula com o problema do diálogo durante todo o livro.

Tal ponto de vista nos ajudará a elaborar uma análise comparativa de MFL com POD (obras de 1929), e acompanhar o processo de construção da Metalingüística até a sua proposição pública em 1963, na edição revisada de POD, *Problemas da poética de Dostoiévski*.

Para encaminhar essa orientação dialógica da linguagem, já presentes na Filosofia da palavra proposta por Volochinov, como um fragmento da ciência da linguagem de Bakhtin, resolvemos, retomar, dentro dessa orientação filosófica, as relações do diálogo com a palavra (signo)/discurso/enunciado, tanto interior quanto exterior.

Toda a arquitetura de MFL se elabora a partir de uma abordagem nova do problema do diálogo e de um estudo aprofundado do discurso dialógico. Em que essa visão do problema do diálogo de Bakhtin e seu Círculo se distingue de outras, como a do “discurso dialógico” desenvolvidas segundo critérios puramente lingüísticos? Como o Círculo trata do problema do diálogo?

As relações dialógicas entre ensaios que tratam do mesmo problema, na Rússia, tem como seu ponto de partida o artigo de Jakubinski, publicado em coletânea organizada pelo lingüista Scherba: “En ruso, al problema del diálogo desde el punto de vista lingüístico está dedicado tan sólo a un trabajo: L. P. Jakubinski, “Sobre el discurso dialogado”, en la compilación *Ruskaia Rech (Habla Rusa)*, Petrogrado, 1923” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:157)²².

Medvedev, ao analisar a situação do formalismo em sua época, divide-o em quatro tendências. A terceira dela, inclui Jakubinski e Tomachevski, como aqueles membros dessa corrente que se moviam em direção ao método sociológico, método esse que também faz parte da história do Círculo de Bakhtin.

²² Infelizmente não encontramos nenhuma tradução desse ensaio. Apenas fragmentos podem ser encontrados na

Segundo Ladislav Matejka, “in general, it appears that the formalist, Lev Jakubinskij, more than any other investigators of dialogue and the speech act, exercised an important impact on the Russian intellectual elite in the 1920s and early 1930s, shortly before the Marxist mechanists and reflexologists began to dominate intellectual life in the Soviet Union (MATEJKA, 1993:171). É no próprio Matejka que encontramos mais informações sobre esse texto que reproduzimos abaixo, indiretamente, para ilustrar as várias relações dialógicas entre as idéias de Jakubinski, do ângulo lingüístico e sua reacentuação, na obra do Círculo, dentro dos ângulos sociológico e dialógico:

“In Russian linguistic scholarship, the theoretical importance of the dialogue framework was outlined in modern terms as early as 1915 by Baudouin de Courtenay’s student, Lev Scerba, in his study on East-Lusatian dialects. Developing Scerba’s observations about the naturalness of dialogue and the artificiality of monologue, Lev Jakubinskij, a prominent theoretician of the Russian school of Formalism, devoted a comprehensive study to the problem of dialogue which was published in Scerba’s *Russkaja rec* [Russian Language] in 1923.

In Jakubinskij’s view, dialogue provides a natural framework for linguistic inquiry into verbal interaction, which is for him one of the most fundamental linguistic concepts. The study of dialogue implies the necessity of considering verbal communication in its social setting. The relationship of the opposing partners in the verbal interchange is shown by Jakubinskij as a basis for an adequate interpretation of utterances in semantic terms as well as for the study of incomplete sentences and their dependence on various types of antecedents. Jakubinskij’s observations about “speech by hints” dramatically revealed the insufficiencies of syntactic procedures originally developed only for the analysis of isolated, monological sentences. Phonological and morphological criteria, however sophisticated, proved to be inadequate points of departure for analysis

of the semantic consequences of verbal interaction displayed in a dialogue. Inquiry into verbal interaction shifted focus of attention to the crucial importance of intonation or, as Jakubinskij puts it, to “the communicative role played by the relationship of the dynamic, intonational, and timbre systems in the perception of speech.” To illustrate the meaningful function of intonation, Jakubinskij quotes the famous passage from Dostoevskij’s *Diary of a Writer* about the “inprintable noun” of the drunkards who suddenly made the writer realize “that all thoughts, all feelings, and even whole trains of reasoning” can be expressed by means of intonational variants in pronouncing single obscenity. Subsequently, the same passage from Dostoevskij was quoted by Volosinov in his discussion of the interrelationship between intonation and meaning....²³ (MATEJKA, 1993:171).

Ainda nesse ensaio, Jakubinski fala de “linguagens” no sentido de gênero, a partir da idéia de interação verbal, dividindo a linguagem segundo seu campo de emprego: “Jakubinskii, in his article “On Speech Dialogue,” distinguished between conversational, scientific, oratorical, and emotional language” (BAKHTIN (MEDVEDEV), 1991:97). Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volochinov se refere a Jakubinski após uma afirmação sobre a interação discursiva²⁴:

“La vida sólo empieza allí donde se encuentran un enunciado con el outro, es decir, allí donde comienza la interacción discursiva, si bien no la inmediata, “cara a cara”, sino la mediatizada, la literaria².

² Acerca de las formas inmediatas y mediatizadas de la interacción discursiva, ver el artículo mencionado de L. P. Jakubinski”. (MFL, VOLOSHINOV, 1992:192).

Convém ressaltar, ainda que Volochinov empresta desse mesmo artigo, dois termos que utiliza para estudar a relação entre o discurso interior e o discurso alheio. Trata-se dos termos *réplica interior* e *comentário efetivo*, o qual é utilizado em vários

²³ Ver referência em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 1986:132-134).

²⁴ Embora Volochinov diga que foi Otto Dietrich o primeiro a abordar o problema da interação discursiva, no âmbito da Rússia, esta mesma abordagem parece encontrar eco sempre no referido artigo de Jakubinski.

momentos de *Marxismo e Filosofia da Linguagem. Interação discursiva, diálogo e gênero* parecem respostas não só às reflexões de alguns participantes da Escola de Vossler e do “subjetivismo idealista” - Leo Spitzer, Otto Dietrich - como também ao artigo referido de Lakubinski.

Algumas categorias - signo, palavra, discurso, enunciado, discurso do outro - se intersubstituem durante toda a obra, formando como que variantes do mesmo fenômeno - a linguagem. Ao eleger como centro de reflexão uma dessas categorias - signo ideológico, palavra, enunciado, gênero discursivo e discurso do outro -, Volochinov a coloca em relação com o problema do material (sínico), o problema da forma (interação discursiva, diálogo) e do conteúdo (tema e acento). Para se ter uma idéia desses múltiplos planos em que uma mesma categoria é construída, veja os seguintes exemplos em relação ao signo e ao gênero:

“El tema de un signo ideológico y su forma están indisolublemente relacionados entre sí y, por supuesto, pueden diferenciarse solamente en abstracto. Al fin de cuentas, son las mismas fuerzas y los mismos presupuestos sociales los que suscitan el primero y la segunda” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:48)²⁵.

“Cada época y cada grupo social tiene su repertorio de las formas discursivas de la comunicación ideológica real. A cada grupo de formas homogéneas, es decir, a cada género discursivo concreto, le corresponde su conjunto de temas. Entre la forma de la comunicación (por ejemplo, la directa comunicación técnica y laboral), la forma del enunciado (breve réplica oficial) y su tema existe una indisoluble unidad orgánica” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:46).

Desde a consciência do falante (interior) até a sua expressão para outro (exterior), tudo passa por uma teoria da compreensão. Como compreendemos o enunciado interior? Como compreendemos o enunciado de outro? Como compreendemos um enunciado impresso, um livro, por exemplo?

²⁵ Dentro da vida plurilingüe da obra, escolhemos a edição espanhola, tradução do russo por Tatiana Bubnova,

Um dos problemas mais importantes da filosofia da linguagem, o signo/palavra/discurso interior não pode ser analisado segundo as categorias elaboradas pela lingüística - lexicologia, gramática, fonética - para análise do discurso exterior.

Para Volochinov, uma abordagem do signo interior enquanto problema filosófico se situa na fronteira entre a psicologia e os problemas da ciência das ideologias. A solução para esse problema deve ter por base uma Filosofia da linguagem entendida como uma Filosofia da palavra, do signo ideológico.

Desse ponto de vista, o teórico russo relaciona o discurso interior com as réplicas de um diálogo, lembrando o fato de que os pensadores mais antigos já conceptualizavam esse discurso como diálogo interior:

“Un análisis más detenido pondría de manifiesto el hecho de que las unidades del discurso interno son ciertas *totalidades*... Las totalidades mencionas no son divisibles en elementos gramaticales (no sin grandes reservas, al menos), y entre ellas, como entre las réplicas de um diálogo, no existen nexos gramaticales, aunque sí existen relaciones de outro género” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:67).

A compreensão desse diálogo interior passa, segundo Volochinov, principalmente, por um estudo mais aprofundado das formas do discurso dialógico, o qual “puede echar una luz tanto sobre las formas del discurso interno como sobre la lógica peculiar de su curso en la corriente de la vida interior” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:67). Em busca de uma análise objetiva das relações entre a palavra interior (psíquico) e a palavra exterior (ideológico), Volochinov apontará a seguinte solução:

“En cada palabra, en cada enunciado, por insignificante que sea, siempre se renueva esta viva síntesis dialéctica de lo psíquico y lo ideológico entre lo interno y lo externo. En todo acto discursivo la vivencia subjetiva se anula dentro del

hecho objetivo del discurso-enunciado, y la palabra se subjetiviza en el acto de la comprensión de respuesta, para generar tarde o temprano una réplica como respuesta” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:70).

Uma outra forma de compreensão dessa síntese dialética entre o subjetivo e o objetivo é tomá-la como uma síntese dialógica - diálogo interior e diálogo exterior. Todo o processo, do diálogo exterior face a face ao diálogo interior, são formas de compreensão dialógicas.

Volochinov situa seu pensamento sobre a linguagem no conjunto amplo da comunicação social organizada, na relação do homem com outro homem, no diálogo face a face:

“Para observar un fenómeno del lenguaje, es necesario situar al sujeto emisor y al sujeto oyente del sonido, así como el sonido mismo, en una atmósfera social. Porque es indispensable que así el hablante como el oyente pertenezca a un mismo colectivo lingüístico y a una sociedad, organizada de un modo determinado. Además, es necesario que nuestros dos individuos se reúnan en una situación social concreta, es decir, que se encuentren, como un hombre con otro hombre, sobre algún terreno determinado. Un intercambio verbal sólo puede suceder sobre una base determinada, por más general u ocasional que ésta fuese” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:74-75).

Tomando o processo lingüístico como um processo de compreensão, Volochinov examina os objetivos do falante e do ouvinte de uma determinada comunidade lingüística em relação à sua língua nativa:

“... el objetivo del hablante consiste en producir un cierto enunciado concreto... *al hablante no le importa la forma lingüística como señal estable y siempre igual a sí misma, sino como un signo siempre mutante y elástico.* Tal es el punto de vista del hablante” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:98).

Esse também é o ponto de vista do ouvinte. Em ambos, a compreensão se orienta para o contexto dado e concreto, a compreensão do signo realizado num enunciado concreto, de sua novidade e não de sua identidade normativa.

Em nota, Volochinov aponta uma particularidade da compreensão na evolução do processo lingüístico, no sentido da absorção do sinal (reconhecimento) pelo signo puro (compreensão pura). Para ele, “precisamente este tipo de la comprensión en el sentido próprio, la comprensión de la generación, se encuentra en la base de la respuesta, es decir, en la base de la interacción discursiva. No se puede trazar una frontera definida entre la comprensión y la respuesta. Toda comprensión responde, esto es, traduce lo comprendido en un contexto nuevo, en un posible contexto de la respuesta” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:100).

No seu intuito de compreender a realidade concreta da linguagem, ele apresenta o problema da compreensão no contexto da vida real:

“En la vida real, nosotros jamás pronunciamos ni oímos palabras, sino que oímos la verdad o la mentira, lo bueno o lo malo, lo importante o lo nimio, lo agradable o lo desagradable, etc. *La palabra siempre aparece llena de un contenido y de una significación ideológico o pragmática.* Así es como comprendemos la palabra, y respondemos únicamente a una palabra así: una palabra que nos afecta en una situación ideológica o vital” (VOLOSHINOV, 1992:101).

Se é assim que acontece na vida real, no diálogo face a face, o que ocorre então com um enunciado escrito e acabado? Nesse sentido, Volochinov começa a desenvolver a idéia de diálogo no sentido amplo, completando a idéia de uma análise dialógica da linguagem no seu monismo, isto é, uma inserção do enunciado oral ou escrito dentro de uma orientação dialógica:

“Todo enunciado, incluso un enunciado escrito y acabado, responde a algo y

está orientado hacia algún objeto. Representa tan sólo un eslabón en la cadena ininterrumpida de las actuaciones discursivas. Todo monumento continúa el trabajo de sus antecesores, polemiza con ellos, espera una comprensión activa, una respuesta, a la que de hecho puede anticiparse, etc. Todo monumento es una parte realmente inseparable de la ciencia, la literatura o de la vida política. Un monumento, como cualquier enunciado monológico, está orientado hacia la recepción en el contexto de la cotidianidad científica o de la realidad corriente de la literatura, esto es, en la generación de aquella esfera ideológica de la cual este monumento es una parte inalienable” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:104).

Na Filosofia marxista da linguagem de Volochinov não é possível separar o ideológico do dialógico. O enunciado é produzido no interior da evolução da esfera ideológica real, como que uma sua compreensão ideologicamente ativa, uma resposta. Aliás é essa mesma compreensão ativa, que leva Volochinov a criticar toda semasiologia europeia e sua compreensão passiva da significação e do tema do “texto”.

Volochinov analisa o “texto” enquanto um enunciado escrito, do ponto de vista da compreensão ativa de seu tema e de sua significação. A compreensão do texto “es inseparable de la necesidad de tomar una posición activa respecto de lo que se dice y se comprende” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:105).

Ao aproximar todo o tempo a sua concepção de linguagem da vida real, da língua viva, o teórico russo vai se distanciando da língua normativa e se aproximando da língua dialógica, familiar:

“La lengua materna es familiar, se siente como la vestimenta propia y común o, mejor, como la atmósfera habitual en que vivimos y respiramos. En ella no hay misterios; sólo podría convertirse en misterio en boca ajena, sobre todo en una boca jerárquicamente ajena, como la del jefe, la del sacerdote” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:107).

Compreender ativamente essa concepção de linguagem exige que façamos uma distinção entre, por um lado, uma visão de linguagem abstrata, legítima, morta e estrangeira e, por outro lado, uma visão da linguagem concreta, viva e familiar, também legítima, já que é nela em que vivemos, tomamos consciência de nós mesmos e dos outros e na qual nossos enunciados vivem na corrente da comunicação dialógica.

Para alcançar essa visão de linguagem, quando analisamos um enunciado qualquer, é necessário ultrapassar os limites do enunciado monológico, isolado, é preciso compreender o enunciado como uma totalidade e a forma dessa totalidade - o gênero discursivo no qual esse enunciado se realiza; é preciso sair dos limites do enunciado dado, ultrapassar suas fronteiras como um enunciado:

“... las formas de un enunciado total sólo pueden ser percibidas y comprendidas sobre el fondo de otros enunciados totales en la unidad de una esfera ideológica. Así, las formas de un enunciado artístico - de una obra literaria - sólo pueden ser comprendidas en la unidad de la vida literaria, en una relación indivisible con otras formas asimismo literarias” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:112).

O propósito de Volochinov é superar a ruptura existente entre uma análise lingüística da obra literária - a relação da obra com o sistema da língua - e uma análise poética da obra literária - a relação da obra com a unidade da vida literária -, isto é, o enfoque da forma da obra enquanto forma de uma totalidade literária, de um gênero discursivo determinado.

Essa superação parece ser o propósito não só de Volochinov como de todo o Círculo de Bakhtin. Por isso, assistimos no interior da obra a uma orientação em relação ao processo vivo de compreensão dos falantes, no interior de uma interação discursiva (diálogo) determinado. Como se dá a compreensão do sentido de uma palavra determinada, dentro de uma interação discursiva determinada? Mais uma vez, Volochinov faz uso do diálogo para relacionar *polissemia* e *pluriacentuação*:

“... los contextos de uso de una misma palabra a menudo se contraponen mutuamente. Un caso clásico de tal contraposición de los contextos de una misma palabra son las réplicas de un diálogo. En este caso una misma palabra figura en dos contextos opuestos en colisión. Desde luego, las réplicas de un diálogo aparecen tan sólo como un caso más representativo y evidente de contextos multidireccionales. Pero en la realidad, todo enunciado concreto en una u otra forma, en diferentes grados expresa una conformidad con algo o una negación de algo. Los contextos no permanecen uno junto al otro sin hacerse caso mutuamente, sino que se encuentran en un permanente estado de intensa e ininterrumpida interacción y lucha” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:114).

Do ponto de vista da Filosofia marxista da linguagem, é importante para a compreensão do sentido da palavra-enunciado, do seu tema, que se leve em conta o acento valorativo da palavra, já que ele muda de acordo com os vários contextos:

“en cada signo ideológico [palavra] se cruzan los acentos de orientaciones diversas. El signo llega a ser la arena de la lucha de clases. Este carácter multiacentuado del signo ideológico es su aspecto más importante” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:49).

Como solução para o problema, Volochinov, após argumentar que é a pluriacentuação da palavra que lhe dá vida, dá a seguinte:

“El problema de la pluriacentualidad debe relacionarse estrechamente con el problema de la polisemia. Los dos problemas solo pueden ser solucionados al establecerse el vínculo mencionado” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:114).

Chegamos ao capítulo “Interacción discursiva”, onde as categorias - enunciado, gêneros discursivos e diálogo, ao lado do tema -, que formam o alicerce da Filosofia marxista da linguagem proposta por Volochinov, são colocadas lado a lado. Na primera

parte do livro, o teórico russo já adiantava:

“Más adelante tendremos la oportunidad de referirnos al problema de los géneros discursivos en relación com el problema del enunciado y del diálogo” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:46).

Embora a obra em nossa língua não permita uma compreensão ativa dessa passagem para o resto da obra, no que se refere ao *gênero*, a vida plurilingüe da obra, conforme mostraremos, nos possibilitará alcançar o problema.

No capítulo citado, que poderíamos intitular, na nossa interpretação de “interação dialógica”, Voloshinov apresenta de um modo completo a construção do enunciado, desde a sua vivência interior até a esfera de comunicação discursiva a que ele responde.

Um dos postulados da Filosofia marxista da linguagem é que é a expressão que organiza a vivência. Esse ponto de vista em relação ao nosso mundo interior, ao nosso pensamento é expresso do seguinte modo:

“El mundo interior y el pensamiento de todo hombre posee un *auditorio social* estable, en cuya atmósfera se estructuran sus argumentos internos, las motivaciones y valoraciones internas, etc. Cuanto más culta es la persona dada, tanto más el auditorio en cuestión se aproxima a un auditorio normal de la creación ideológica, pero en cualquier caso el interlocutor ideal no puede salvar las fronteras de una determinada clase social y de una determinada época” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:121).

Um segundo postulado procura compreender o enunciado como totalidade. Para tanto, concorrem as condições reais de um determinado enunciado: a situação social imediata e os participantes (interlocutores):

“un enunciado se construye entre dos personas socialmente organizadas, y

aunque un interlocutor real no exista, siempre se prefigura como una especie de representante del grupo social al que el hablante pertenece. *La palabra está orientada hacia un interlocutor*, hacia la condición de éste... (MFL, VOLOSHINOV, 1992:121).

E quais são as condições concretas dos interlocutores?

- a) se pertencem a mesma classe social;
- b) qual é o grau hierárquico dos interlocutores;
- c) se estão relacionados por um vínculo social mais estreito (pai, mãe, marido, esposa, irmão, irmã, etc.).

Para Volochinov, “incluso si pretendemos a veces vivenciar y expresarnos *urbi et orbi*, en la realidad vemos “la ciudad y el mundo” a través del prisma del medio social concreto que nos abarca. En la mayoría de los casos presuponemos en esta situación un cierto *horizonte social* típico y estable, hacia el cual se orienta la creatividad ideológica del grupo social y de la época a que pertenezcamos, esto es, hacia un coetáneo de nuestra literatura, nuestra ciencia, nuestra moral, nuestro derecho” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:121).

Separaremos agora, os dois participantes, os interlocutores do enunciado: falante e ouvinte. Tal separação é importante para compreendermos justamente a orientação dialógica que complementa a orientação ideológica da Filosofia marxista da linguagem, da Filosofia da palavra como signo ideológico e como signo dialógico. Para essa orientação dialógica, é de suma importância a orientação da palavra a um interlocutor (o outro), a qual já coloca a idéia do enunciado como resposta:

“... *la palabra representa un acto bilateral*. Se determina en la misma medida por aquel a *quien pertenece* y por aquel a *quien está destinada*. En cuanto palabra, aparece precisamente como *producto de las interrelaciones del hablante y el oyente*. Toda palabra expresa a “una persona” en su relación con “la otra”. En

la palabra me doy forma a mí mismo desde el punto de vista del outro, al fin de cuentas desde el punto de vista de mi colectividad. La palabra es el puente construido entre el yo y el outro. Si un extremo del puente está apoyado en mí, el outro se apoya en mi interlocutor. La palabra es el territorio común compartido por el hablante y su interlocutor” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:121).

Se o enunciado pertence tanto ao falante quanto ao seu interlocutor, como se resolve o problema da autoria, da propriedade da palavra?

Do ponto de vista do ato fisiológico de realização do enunciado, o falante é o proprietário indiscutível da palavra, mas Volochinov acredita que a categoria de propriedade não pode ser aplicada a um ato puramente fisiológico do falante. Do ponto de vista da materialidade sígnica, o falante empresta a palavra “del acervo social de los signos existentes, la formulación individual de este signo social en un enunciado concreto se determina completamente por las relaciones sociales” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:122). Mesmo a individualização estilística do enunciado reflète as relações sociais entre os interlocutores na qual se constrói um determinado enunciado:

“La estructura del enunciado se determina - y se determina desde el interior - por la situación social más inmediata y por la situación social más englobadora” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:122).

Para acompanharmos a relação entre a situação imediata e a situação ampla, convém atentarmos para a seguinte relação na construção do enunciado, no acontecimento do enunciado:

“... el enunciado se determina de la manera más inmediata por los participantes del acontecimiento del enunciado, tanto por los presentes como por los distantes, en relación com tal o cual situación: es ésta la que formula el enunciado, le confiere una u outra entonación, al hacerlo sonar ora como exigencia, ora como súplica, bien como reclamación de un derecho o como petición de un favor, com

un estilo sofisticado o sencillo, com seguridad o timidez, etc.” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:122).

Tanto o enunciado no processo interior quanto sua expressão para o outro são determinados pelas relações sociais mais duradoras e profundas das quais os interlocutores participam:

“... todo el camino que dista entre una vivencia interior (“lo expresable”) y su objetivación externa (“lo enunciado”) se traza a través de un territorio social. Cuando la vivencia se actualiza en un enunciado acabado, su orientación social se complica por la presencia de una situación social comunicativa más inmediata y, ante todo, por la existencia de interlocutores concretos” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:126).

Tomando a *interação discursiva* como a realidade concreta da linguagem, Volochinov, dentro do monismo que caracteriza a sua Filosofia marxista da linguagem, aponta para uma compreensão ampla do diálogo que, para nós, é uma das chaves da análise dialógica da linguagem oculta na Filosofia marxista da linguagem por ele proposta, dialogizando todo o processo lingüístico. Se o diálogo, no sentido restrito, é uma das formas mais importantes da interação discursiva, o diálogo em sentido amplo acaba por incorporá-la (a interação discursiva), e o enunciado - oral ou escrito - acabam entrando na mesma engrenagem dialógica:

“El diálogo en el sentido estricto de la palabra es, por supuesto, tan sólo una de las formas, aunque la más importante, de la interacción discursiva. Pero el diálogo puede ser comprendido extensivamente, no solamente como la comunicación verbal directa y oral de las personas presentes, sino como toda comunicación discursiva, del tipo que sea” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:132).

Com essa inversão, Volochinov parece estar se desgarrando das proposições

de lakubisnki, indo em direção a uma perspectiva mais ampla do que “interação discursiva”: a própria natureza dialógica da linguagem. Tomando o postulado de que todo enunciado é uma unidade da comunicação discursiva contínua, Volochinov dá o exemplo de um enunciado ideológico - um ato discursivo impresso:

“Un libro, es decir, una *actuación discursiva impresa*, es también un elemento de la comunicación discursiva. Como tal se discute en un diálogo directo y vivo, pero además, esta comunicación discursiva está orientada hacia una percepción activa, relacionada con una elaboración y con la réplica interna, así como hacia una reacción impresa organizada en las más diversas formas creadas a propósito en una esfera dada de la comunicación discursiva (reseñas, exposiciones críticas que determinan la influencia sobre los trabajos posteriores, etc.). Además, una semejante actuación discursiva está orientada hacia las actuaciones anteriores en la misma esfera, del mismo autor o de otros, y parte de un determinado estado de un problema científico o de un estilo artístico” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:133).

Assim sendo, tanto um ato discursivo, oral ou escrito, “participa en una discusión ideológica a gran escala: responde a algo, algo rechaza, algo está afirmando, anticipa las posibles respuestas y refutaciones, busca apoyo, etc.” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:133), isto é, participa de uma esfera ideológica determinada, de uma forma discursiva determinada, enfim, de um gênero discursivo determinado.

Com essa nova concepção de diálogo, Volochinov consegue encontrar um ponto de intersecção entre os gêneros ideológicos no sentido estrito e os gêneros cotidianos (interiores ou exteriores), trazendo todos os gêneros para o acontecimento dialógico do enunciado na existência:

“*Todo enunciado*, por más terminado e importante que fuese en sí mismo, es *tan sólo un momento en la comunicación discursiva contínua* (cotidiana, literaria,

cognoscitiva, política)” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:133).

Como todo esse processo se situa num território social, a compreensão e a explicação do enunciado passa pela relação do verbal com o extraverbal numa situação concreta determinada: “en esta relación concreta con la situación, la comunicación discursiva siempre está acompañada por actos sociales de carácter extralingüístico (actos de trabajo, actos simbólicos de un ritual, de una ceremonia, etc.), siendo a menudo tan sólo su complemento y cumpliendo con una función auxiliar” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:133).

Tomando um outro postulado, que considera que “*el lenguaje vive y se genera históricamente en la comunicación discursiva concreta*”, Volochinov propõe a seguinte ordem metodológica para seu estudo:

- 1) formas y tipos de interacción discursiva en relación con sus condiciones concretas;
- 2) formas de enunciados concretos, de algunas actuaciones discursivas en estrecha relación con la interacción cuyos elementos son estos enunciados, esto es, los géneros de las actuaciones discursivas, determinados por la interacción discursiva, en la vida y en la creación ideológica;
- 3) a partir de ahí, una revisión de las formas del lenguaje tomadas en su versión lingüística habitual (MFL, VOLOSHINOV, 1992:134)

Essa metodologia é baseada na própria evolução concreta da linguagem: “*primero se genera la comunicación social (fundada sobre las infraestructuras), en ella se genera la comunicación y la interacción discursiva y, finalmente, esta generación se refleja en el cambio de las formas de la lengua*” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:134).

Volochinov dá um exemplo muito claro dessa metodologia de estudo da linguagem e de sua evolução, ao revisar as formas de transmissão do discurso do outro (discurso direto, discurso indireto e discurso quase-direto) a partir dessa nova abordagem (1929) dos fenômenos da linguagem. A história de uma dessas formas -

discurso quase-direto, é um exemplo de como se dá a evolução da linguagem da infraestrutura até às formas da língua.

Retomando a idéia de diálogo como toda comunicação discursiva, de qualquer tipo, podemos nos aproximar do problema do enunciado e do problema do gênero discursivo (do enunciado típico), ou seja, de uma teoria do enunciado concreto.

Como se coloca o problema das formas do enunciado como totalidade? Qual é sua relação com o gênero?

Em primeiro lugar, é preciso delimitar o problema da totalidade de um enunciado real. Para Volochinov, “la primera y la última palabra, el inicio y el fin de un enunciado real” colocam o problema da totalidade. Depois é preciso tomar o enunciado como unidade real da comunicação discursiva, inseparável da comunicação discursiva contínua (fluxo histórico dos enunciados):

“La totalidad se determina por sus fronteras, y éstas pasan por la línea de contacto del enunciado determinado con el medio extraverbal y con el verbal, constituido por otros enunciados” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:134).

Volochinov deixa explícita a natureza social do discurso interior e do discurso exterior, e é essa mesma natureza social que permite que ele oriente dialogicamente todo o processo discursivo desde o interior:

“El proceso discursivo entendido ampliamente, como proceso de la vida discursiva externa e interna, es, en realidad, continuo, no conoce principio ni fin. Un enunciado actualizado externo representa una isla que asoma desde un océano sin orillas que es el discurso interior; dimensiones y formas de la isla se determinan por la *situación* dada del enunciado y por su *auditorio*. La situación y el auditorio obligan el discurso interno a que se actualice mediante una expresión externa determinada, la que inmediatamente se incluye en un contexto cotidiano extraverbal; en éste la expresión mencionada se

complementa com una acción, un acto ético o una respuesta de otros participantes de la enunciación” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:134).

Na ordem metodológica de estudo da linguagem, apresentada por Volochinov, o segundo momento trata da relação dos enunciados concretos com os gêneros discursivos do qual eles são elementos, ou seja, o problema da totalidade típica.

Cada esfera de comunicação ideológica (cotidiana, trabalho, comunicação oficial, científica, artística, etc.) possui suas próprias formas de estruturação dos enunciados. Volochinov trata mais amplamente do gêneros discursivos cotidianos, dos gêneros dialógicos.

Esses gêneros cotidianos, pertencentes à zona da comunicação ideológica cotidiana - a comunicação da vida cotidiana -, aparecem em vários momentos do livro: em relação com a Psicologia social e com a ideologia cotidiana, com os gêneros interiores e exteriores. No capítulo “Interação verbal”, o teórico russo trata especificamente dos gêneros cotidianos exteriores. Ele parece fazer uma distinção entre pequenos gêneros cotidianos (menos estáveis) e gêneros cotidianos (mais estáveis). Não podemos, pelo que é apresentado, precisar se ele inclui, entre os gêneros cotidianos, os gêneros do trabalho na indústria e no comércio, visto que ele apenas afirma que estas esferas possuem suas próprias formas de construção dos enunciados:

“Una pregunta completa, una exclamación, una orden, una súplica: éstas son las totalidades típicas de los enunciados cotidianos. Todas ellas (sobre todo tales como la orden o la súplica) requieren un complemento extraverbal, así como un principio igualmente extraverbal. El mismo tipo de conclusión de estos pequeños géneros cotidianos se determina por la fricción de la palabra sobre un medio extraverbal, lo mismo que por la fricción de la palabra sobre la palabra ajena (la de otras personas). Así, la forma de una orden se define por los obstáculos que puede encontrar, por el grado de obediencia, etc. La conclusión genérica en

estos casos responde a las particularidades casuales e irrepetibles de las situaciones vitales” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:134-135).

Além desses pequenos gêneros discursivos, a comunicação na vida cotidiana possui formas de construção de enunciados mais estáveis, fixadas pelos costumes sociais em determinadas circunstâncias:

“Cualquier situación cotidiana estable posee una determinada organización del auditorio y, por consiguiente, un repertorio correspondiente de pequeños gêneros cotidianos. A un gênero cotidiano le corresponde siempre un cauce dentro de la comunicación social, siendo el gênero un reflejo ideológico de ésta en su tipo, estructura, finalidad y composición social. El gênero cotidiano es parte del medio social: de una fiesta, un rato de ocio, una conversación de salón o de taller, etc. Roza este medio, está delimitado y determinado por él en todos sus aspectos internos” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:135)

Volochinov aponta alguns tipos:

- 1) as conversas de salão: “que no obligan a nada, en las que todos pertenecen al mismo círculo [familiar] y en las que la diferenciación principal de la concurrencia (del auditorio) es según el sexo. Aquí se elaboran las formas específicas de la palabra-alusión, de la palabra callada, de reminiscencias de relatos pequeños y de antemano poco serios, etc.” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:135);
- 2) as conversas entre marido e mulher, irmão e irmã.
- 3) pessoas que se desconhecem reunidas casualmente numa fila de espera, numa instituição
- 4) as reuniões no campo,
- 5) as festas da cidade;
- 6) as conversas entre operários à hora do almoço

Quanto às formas da comunicação ideológica no sentido estrito, os gêneros ideológicos, embora tenham sido submetidos a investigações na retórica e na poética, “tales investigaciones aparecen totalmente separadas del problema del lenguaje por una parte y, por otra, de los problemas de la comunicación social” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:135-136). O problema principal dessas análises é a coisificação, reificação desses gêneros, dado que:

“... las formas de un enunciado total sólo puede ser percibidas y comprendidas sobre el fondo de otros enunciados totales en la unidad de una esfera ideológica” (VOLOSHINOV, 1992:112).

Em outro momento do livro, Volochinov disse que a tipologia dos gêneros discursivos era uma das tarefas mais importantes do marxismo. Aqui, ele dá a explicação:

“Un análisis productivo de las formas de totalidad en los enunciados en cuanto unidades reales del flujo discursivo, es sólo posible en base al reconocimiento del enunciado como un fenómeno puramente sociológico. Una filosofía del lenguaje marxista debe precisamente tomar como fundamento el enunciado en cuanto fenómeno real del lenguaje (discurso) y en cuanto estructura socioideológica” (VOLOSHINOV, 1992:136).

A compreensão ativa da Filosofia marxista da Linguagem como uma Filosofia do signo ideológico, como uma Filosofia da palavra acaba encontrando na interiorização de todos os seus problemas, o enunciado interior, o enunciado como totalidade, os gêneros discursivos, com o problema do diálogo (interação e comunicação discursivas), conforme demonstram os postulados com os quais Volochinov formula o seu ponto de vista:

1) a realidade concreta da linguagem é a interação discursiva;

- 2) el lenguaje es un proceso continuo de generación, llevado a cabo en la interacción discursiva social de los hablantes;
- 3) las leyes de la generación lingüística son sociológicas;
- 4) *la creación del lenguaje no coincide con la artística o con algún outro tipo de creación específicamente ideológica. Pero al mismo tiempo la creación del lenguaje no puede ser comprendida en una separación de los sentidos y valores ideológicos que contiene.* La generación del lenguaje, como toda generación histórica, puede percibirse como una ciega necesidad mecánica, pero puede llegar a ser una “necesidad libre”, al convertirse en una necesidad consciente y deseada;
- 5) *La estructura del enunciado es puramente sociológica.* El enunciado como tal surge entre los hablantes. (MFL, VOLOSHINOV, 1992:137).

Nesse sentido, a realidade concreta da linguagem (interação discursiva), a evolução da linguagem (comunicação discursiva contínua) e os próprios gêneros discursivos (formas de comunicação discursiva) e, principalmente a unidade real da comunicação discursiva - o enunciado concreto - além de natureza sociológica são também de natureza dialógica.

Após tratar o problema no nível do material do enunciado - palavra -, da forma do enunciado enquanto totalidade - gênero -, falta ainda a abordagem do conteúdo, do tema do enunciado e de sua compreensão, o problema da compreensão ativa do enunciado:

“Toda comprensión verdadera es activa y representa un germen de la respuesta. Sólo la comprensión activa puede abordar el tema...” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:142).

Tomando a idéia de que nosso enunciado é uma resposta ao enunciado do outro, ou seja, não somos nenhum Adão mítico, como se dá a compreensão ativa do enunciado do outro? Como essa compreensão participa da engrenagem dialógica da

comunicação discursiva contínua? Volochinov nos dá o seguinte resposta:

“Comprender un enunciado ajeno signica orientarse respecto de él, encontrarle un lugar apropiado en un contexto correspondiente. Por encima de cada palabra de un enunciado que vamos entendiendo formamos una especie de estratos formados com nuestras propias palabras de respuesta. Cuanto mayor es su número y cuanto más importantes son, tanto más profunda y sustancial es la comprensión. Así pues, todo elemento semántico aislado de un enunciado y el enunciado completo se transportan por nosotros a un contexto distinto, activo, en proceso de respuesta. *Toda comprensión es dialógica*. La comprensión se contrapone al enunciado igual como una réplica se contrapone a outra en un diálogo. La comprensión busca para la palabra del hablante una *contrapalabra*” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:142).

Mas não é só a orientação dialógica em relação ao enunciado do outro que irá nos permitir a compreensão do tema desse enunciado, é preciso, também, compreender o seu *acento valorativo*:

“Toda palabra pronunciada en la vida real nó sólo posee un tema y un significado en el sentido referencial o de contenido, sino también una *valoración*, esto es, todos los contenidos referenciales se presentan en el discurso vivo, se dicen o se escriben en relación com un determinado *acento valorativo*. No existe palabra sin un acento valorativo” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:143).

Resumindo as idéias de uma Filosofia da Linguagem marxista da linguagem, em relação à construção do enunciado, temos os seguintes elementos constitutivos:

- 1) a situação concreta;
- 2) os participantes;
- 3) o gênero;

- 4) o tema; e
- 5) o acento valorativo.

Todas essas categorias participam da compreensão ativa do enunciado concreto. Mas, Volochinov vai ainda além da proposição de uma Filosofia marxista (dialógica) da linguagem. Ele aplica essa mesma orientação filosófica aos problemas de sintaxe, reinterpretando um problema de Linguística geral, o problema do discurso do outro, do enunciado no enunciado, o qual, como veremos a seguir, se situam dentro do contexto da Sociologia da palavra (método sociológico) e da futura Metalingüística (método dialógico).

Por ora, deixamos mais um fragmento de MFL que toca no centro das investigações do Círculo e que é um dos fragmentos da obra que está na origem da Metalingüística. Justamente quando Volochinov explicita o seu caminho em relação aos vários possíveis para seguir a evolução dialética da palavra, os destinos da palavra e o destino da sociedade que a fala, ele nos dá um “elo intermediário” para a construção da Metalingüística:

“Pero existe un camino más: *el reflejo de la generación de la palabra en la palabra misma*, y dos subdivisiones de este camino: *la historia de la filosofía de la palabra* y *la historia de la palabra en la palabra*. Nuestro trabajo se sitúa en esta última dirección. Nos damos cuenta perfectamente de sus insuficiencias y sólo esperamos que el mismo planteamiento del problema de la palabra en la palabra tenga una importancia primordial. La historia de la verdad, la historia de la verdad artística y la historia de la lengua pueden ganar mucho con el estudio de las refracciones de su fenómeno principal - el *enunciado concreto* - en las construcciones de la misma lengua” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:208).

2 - Sociologia da palavra e Metalingüística

“As relações dialógicas - fenômeno bem mais amplo que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente - são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância”.

(PPD, BAKHTIN, 1997:42)

Do ponto de vista do cronotopo público da obra, a Metalingüística é lançada por Bakhtin na edição revista e ampliada da obra sobre Dostoiévski, *Problemas da Poética de Dostoiévski*, publicado em 1963. Na realidade, conforme íamos examinando todos os caminhos que levam à Metalingüística, encontramos algumas pistas de sua construção em: 1) ensaios que só conhecemos pela sua publicação posterior; 2) na primeira versão de PPD, *Problemas da obra de Dostoiévski*, publicada em 1929; e em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

Localizamos a primeira menção à Metalingüística e ao seu objeto, conjuntamente, no ensaio “O problema do texto em Lingüística, Filologia e Ciências Humanas”:

“Las relaciones dialógicas entre los enunciados que atraviesan también por dentro los enunciados aislados, competen a la metalingüística. Estas relaciones difieren radicalmente de las posibles relaciones lingüísticas entre los elementos tanto dentro del sistema de la lengua como dentro de un enunciado aislado” (PT, BAJTIN, 1985:306).

Quando nosso alvo é o objeto da Metalingüística - as relações dialógicas e a

palavra bivocal - a chave para compreender a transição de uma análise sociológica para a análise dialógica da palavra se torna mais complexa, com pistas tanto nas obras e ensaios publicados no seu tempo quanto naqueles que só conheceremos após a morte de Bakhtin.

A chave principal é o confronto entre duas obras de Bakhtin: *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963). É nesse confronto que assistimos ao surgimento da Metalingüística nessa última, transformando a orientação sociológica numa questão mais ampla: o problema da natureza dialógica da linguagem, conforme negritamos abaixo:

“... a orientação da palavra entre as palavras, a sensação diversa provocada pela palavra do outro e pelos diferentes meios de reagir a ela, talvez constituam os problemas mais cruciais da sociologia do uso da linguagem, de qualquer tipo de uso da linguagem, inclusive o artístico” (POD, BAKHTIN, 1983:482).

“... a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalingüístico de toda palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada” (PPD, BAKHTIN, 1997:202).

Essa utilização de duas orientações - sociológica e dialógica - para o mesmo estudo realizado, nos leva à origem dos estudos metalingüísticos, em sua fase sociológica. Com isso não queremos dizer que a Metalingüística dispensa a orientação de uma filosofia marxista da linguagem, que já era a orientação de POD e de outras obras e ensaios do Círculo nos anos 20, e que precedem a própria apresentação dessa orientação em MFL, mas que há uma inversão: a orientação dialógica vem para o primeiro plano.

Talvez a apresentação do problema na voz de Bakhtin nos ajude a compreender essa transição mais claramente. A Filosofia marxista da linguagem elaborada

conjuntamente pelo Círculo, e que aparece sob a assinatura de Volochinov em MFL, orienta a primeira versão da obra de Bakhtin sobre Dostoiévski. Já no prefácio de POD, Bakhtin faz a seguinte observação:

“En la base de nuestro análisis está la convicción de que toda obra literaria tiene internamente, inmanentemente, un carácter sociológico. En ella se cruzan las fuerzas sociales vivas, y cada elemento de su forma está impregnado de valoraciones sociales vivas. Por eso también un análisis puramente formal há de ver en cada elemento de la estructura artística el punto de refracción de las fuerzas vivas de la sociedad, cual un cristal fabricado artificialmente cuyas facetas se construyeron y se pulieron de tal manera que puedan refractar los determinados rayos de las valoraciones sociales, y refractarlos bajo un determinado ángulo” (POD, In: BAKHTIN, 1985:191)²⁶.

Num primeiro momento, pensávamos que se tratava de uma passagem da orientação sociológica para a orientação dialógica, mas ao reler MFL em relação com o problema do diálogo, e os fragmentos de POD que tivemos acesso, o que nos pareceu é que, num primeiro momento, devido a circunstâncias históricas, a orientação sociológica foi para o título (MFL) ou introdução (POD) da obra, enquanto que o problema do diálogo atravessava, conjuntamente, todo o interior das duas obras.

A coexistência desse ângulo sociológico com um ângulo dialógico e a inversão da categoria do diálogo de segundo para primeiro plano, levaram Bakhtin à própria criação de uma nova ciência da linguagem cujo objeto são, exatamente, as relações dialógicas na comunicação dialógica do “homem com o homem”, do “enunciado no enunciado”. A comunicação social se torna comunicação dialógica. E essa passagem pode ser vista na sobreposição de fragmentos de POD e PPD, conforme apresentamos abaixo:

“O problema da orientação da fala para um enunciado do outro [um problema

²⁶ Essa parte foi suprimida da versão de 1963.

estilístico] tem, também, um significado sociológico da mais alta ordem. A fala é, por sua natureza, social. A palavra não é um objeto tangível, mas um meio sempre móvel e alterável de comunicação social” (POD, BAKHTIN, 1983:482).

“A estilística deve basear-se não apenas e *nem tanto* na lingüística quanto na metalingüística, que estuda a palavra não no sistema da língua e nem num “texto” tirado da comunicação dialógica, mas precisamente no campo propriamente dito da comunicação dialógica, ou seja, no campo da vida autêntica da palavra. A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica” (PPD, BAKHTIN, 1997:203).

Talvez o contexto da época, onde a lingüística oficial tendia para o marrismo impossibilitasse mesmo a proposição direta dessa ciência da linguagem por um ou outro dos membros do Círculo. Entretanto, no “grande tempo” podemos afirmar com certeza que é numa Filosofia marxista da linguagem, onde o diálogo (a interação verbal) é a realidade concreta da linguagem, que a Metalingüística deita suas raízes.

O problema dos estudos estilísticos de fenômenos bivocais como a estilização, a paródia e o *skaz*, entre outros, e dos problemas novos apresentados por esses fenômenos à estilística tradicional e à estilística lingüística, acabam não deixando outra saída a Bakhtin a não ser criar uma nova ciência da linguagem que desse conta desses fenômenos.

Tanto o objeto da Metalingüística - as relações dialógicas e, principalmente a palavra bivocal - quanto a classificação dos usos da palavra a partir de um novo princípio que seria a própria existência da palavra bivocal, já estavam presentes na primeira versão do livro sobre Dostoiévski. A segunda parte de POD tinha por título “Um ensaio em Estilística”. Em POD, a única saída era orientar os fenômenos da estilização, da paródia e do *skaz*, a partir do ângulo sociológico, e a análise desses fenômenos se faz a partir de uma estilística sociológica, embora Bakhtin não se refira a ela nessa obra, o que irá acontecer no ensaio “A palavra no romance”, escrito entre 1934-1935:

“A única estilística adequada para esta particularidade do gênero romanesco [a pluridiscursividade e a dissonância penetram no romance e organizam-se nele em um sistema literário harmonioso] é a *estilística sociológica*” (DR, BAKHTIN, 1993:105-106)

“Cette singularité [la plurivocalité et le plurilinguisme entrent dans le roman et s’y organisent en un système littéraire harmonieux] commande une stylistique adéquate, *qui ne peut être qu’une stylistique sociologique* (DR, BAKHTINE, 1978:120)

“Any stylistics capable of dealing with the distinctiveness of the novel as a genre [diversity of voices and heteroglossia enter the novel and organize themselves within it into a structured artistic system] must be a *sociological stylistics*” (DR, BAKHTIN, 1994C:300).

Ao criar uma nova ciência da linguagem, Bakhtin não acaba suprimindo do seu texto a orientação filosófica marxista da sua primeira versão do livro sobre Dostoiévski, mas apenas reorientando suas reflexões sobre os fenômenos bivocais para a ciência que ele acabou criando. Poderíamos dizer que o fundo dialógico de *Problemas da poética de Dostoiévski* se constitui de uma orientação filosófica - Filosofia marxista da linguagem - e de uma orientação científica - Metalingüística. E é a essa última que passam a ser orientadas as análises estilísticas concretas da obra de Dostoiévski.

Para compreender o significado histórico dessa proposição de um mesmo problema a partir de uma orientação filosófica e de uma orientação científica, comparamos mais dois fragmentos de POD e PPD, que por si só são elucidativos:

“Qual o tipo de discurso que domina em um certo período, em uma certa situação social, quais são as formas de refração da fala e o que serve como meio de refração - todas essas questões têm a maior importância para a

sociologia da palavra artística” (POD, BAKHTIN, 1983:483).

“Que discurso domina numa determinada época e numa dada corrente, quais as formas de refração da palavra que existem, o que serve de meio de refração? Todas essas questões são de importância primordial para o estudo do discurso artístico” (PPD, BAKHTIN, 1997:204).

“Quel est le mot dominant d’une époque donnée, quelles sont son orientation et ses formes de réfraction, qu’est-ce qui fait office de milieu réfringent? Toutes ces questions ont une importance primordiale pour l’étude du mot artistique (PPD, BAKHTINE, 1970:264).

Às vezes, só damos importância a um determinado problema, ao encontrá-lo reiteradas vezes, de ângulos diferentes, desenvolvidas no interior da obra. É esse o caso do problema da palavra na palavra, do discurso no discurso, do enunciado no enunciado que atravessa a obra de Bakhtin e seu Círculo desde o final dos anos 20, chegando até o seu último ensaio.

Difícil é encontrar o fio condutor de uma obra à outra, de um autor a outro, os quais dentro do mesmo ponto de vista, perseguem seus objetos e os apresentam em ângulos complementares, mas com finalidades idênticas.

As relações dialógicas entre a obra de Volochinov (MFL) e de Bakhtin (POD), assim como a dessa última com sua versão posterior (PPD), encontram no cronotopo privado intermediário, vários fragmentos que unem os dois primeiros, bem como a obra do Círculo como um todo.

O ensaio “A palavra no romance” (1934-1935) representa um primeiro desses elos intermediários no que se refere ao objeto da Metalingüística - relações dialógicas e palavra bivocal -:

“... entre as “linguagens”, quaisquer que ela sejam, são possíveis relações dialógicas (particulares), ou seja, elas podem ser percebidas como pontos de

vista sobre o mundo. Por mais diferentes que sejam as forças sociais que produzem o trabalho de estratificação (profissão, gênero, tendência, personalidade individual), este reduz-se a uma saturação da linguagem, saturação esta (relativamente) longa, socialmente (e coletivamente) significativa, realizada por intenções e acentos determinados (e conseqüentemente restritivos” (DR, BAKHTIN, 1992:99-100).

“O plurilingüismo introduzido no romance (quaisquer que sejam as formas de sua introdução), é o *discurso de outrem na linguagem de outrem*, que serve para refratar a expressão das intenções do autor. A palavra desse discurso é uma palavra bivocal especial. Ela serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes: a intenção direta do personagem que fala e a intenção refrangida do autor. Nesse discurso há duas vozes, dois sentidos, duas expressões” (DR, BAKHTIN, 1992:127).

Nesse ensaio, o problema do diálogo já está em relação de igualdade com o problema da orientação sociológica da linguagem. Mas aqui, Bakhtin dota a estilística de uma orientação sociológica, com ênfase na “estilística do gênero” na sua concepção de uma “estilística sociológica”:

“... a estilística, desprovida de uma autêntica abordagem filosófica e sociológica para seus problemas, afoga-se em pormenores de estilo, sem sentir os grandes destinos anônimos do discurso literário, por trás dos desvios individuais ou das tendências” (DR, BAKHTIN, 1992:71).

Em ensaio posterior, também não publicado na época, “Da pré-história da palavra romanesca” (1940), Bakhtin define as tarefas básicas da estilística, apontando para uma estilística não só sociológica, como baseada também, na futura Metalingüística:

“The basic tasks for a stylistics in the novel are, therefore: the study of specific images of languages and styles; the organization of these images; their typology (for they are extremely diverse), the combination of images of languages within the novelistic whole; the transfers and switchings of languages and voices; their dialogical interrelationships” (PHDR, BAKHTIN, 1994C:50).

Esses elos intermediários nos apresentam os temas sob os quais iremos desenvolver a análise comparativa entre MFL e POD (PPD), e já apontam para a “reacentuação” desses problemas em PPD, com a inversão definitiva entre a orientação sociológica e a orientação dialógica, essa última vindo para o primeiro plano.

As relações dialógicas entre MFL e POD (PPD) não se limitam à orientação filosófica. É no contraponto de problemas específicos entre a tipologia sintático-estilística (Volochinov) e a tipologia de uso da palavra na prosa (Bakhtin) que podemos compreender o trabalho do Círculo de Bakhtin em sua especificidade. Segundo Bakhtin,

“en un artículo científico, respecto a un problema determinado, en donde aparecen opiniones de diferentes autores, ya para ser refutadas, ya, por el contrario, para ser confirmadas y completadas, nos enfrentamos al caso de una correlación dialógica entre palabras directamente significantes dentro de un contexto. Asentimiento-desacuerdo, afirmación-complemento, pregunta-respuesta, etc., son relaciones netamente dialógicas, establecidas, desde luego, no entre palabras, oraciones u otros elementos de un solo enunciado, sino entre enunciados enteros” (PPD, BAJTIN, 1992:263).

Transpondo esse ponto de vista para nossa tese, esperamos que a colocação do problema das relações dialógicas entre as tipologias de Bakhtin e Volochinov nos ajude a dar um maior relevo ao que significa para o Círculo, notadamente para Bakhtin

e Volochinov nesse caso, trabalhar sob a mesma concepção de linguagem e do enunciado e, por esse problema da palavra na palavra traçar as diretrizes de um estudo Metalingüístico do enunciado como totalidade, sem esquecer das formas desse enunciado como totalidade, isto é, dos gêneros discursivos cotidianos, literários, ou de outra natureza, onde tais problemas são abordados.

Primeiramente, é preciso esclarecer as especificidades de cada uma das abordagens, para poder ver com clareza, as inter-relações dialógicas entre as duas obras. Na realidade, nem há tantas distinções assim, se tomarmos as duas obras (MFL e POD (PPD)) como um todo. O motivo que leva os dois teóricos russos a problematizar a palavra, o discurso, o enunciado *do outro* é o mesmo: fenômenos literários de natureza bivocal. Essa relação dialógica se confirma na comparação de MFL, POD e PPD.

Na introdução de MFL, Volochinov ao apresentar o tema da terceira parte - o *problema do discurso do outro* - diz porque esse estudo transcende o estudo da sintaxe:

“Porque toda una serie de fenómenos literarios más relevantes - *discurso del héroe* (en general la estructura del personaje protagónico), *reproducción del discurso oral [skaz]*, *estilización*, *paródia* -, representan tan sólo las diversas refracciones del “discurso ajeno” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:27).

Apesar de citar esses fenômenos na introdução, eles não reaparecem na terceira parte da obra explicitamente. No entanto, em vários momentos da apresentação de sua tipologia, Volochinov aponta para as modalidades que realmente lhe interessam em relação aos modelos do discurso direto, discurso indireto e discurso quase direto: as modalidades ambivalentes, bifacéticas:

“Nos hemos de limitar a aquellas modalidades en las que tiene lugar un mutuo intercambio de entonaciones: una especie de contaminación recíproca entre el

contexto autorial y el discurso ajeno. Además, nos interesan no tanto aquellos casos en que el discurso autorial desplaza el enunciado ajeno, empapándolo con sus propias entonaciones, cuanto aquellos en los que, por el contrario, las palabras ajenas se dispersan y se diseminan por todo el contexto autorial, haciéndolo inestable y ambiguo. Por lo demás, entre estos y aquellos casos no siempre es posible trazar una frontera definida: con mucha frecuencia la contaminación suele ser precisamente recíproca” (VOLOSHINOV, 1992:176).

Na realidade, trata-se de outro nome para explicar o mesmo fenômeno da tipologia de Bakhtin: a palavra bivocal. São esses mesmos fenômenos que orientam os tipos de palavra na prosa, tanto de POD quanto de PPD, onde a palavra bivocal passa a ser considerada, em PPD, como o objeto principal da Metalingüística:

“Um conjunto de certos procedimentos verbais empregados na arte literária tem, recentemente, despertado uma atenção especial por parte dos investigadores. Este conjunto compreende a estilização, a paródia, o *skaz* (em seu sentido estrito, o relato oral de um narrador) e o diálogo” (POD, BAKHTIN, 1983:462).

“Existe um conjunto de fenômenos do discurso-arte que há muito tempo vem chamando a atenção dos críticos literários e lingüistas. Por sua natureza, esses fenômenos ultrapassam os limites da lingüística, isto é, são fenômenos metalingüísticos. Trata-se da estilização, da paródia, do *skaz* e do diálogo (composicionalmente expresso, que se desagrega em réplicas” (PPD, BAKHTIN, 1997:184).

Num primeiro momento, parece que o mesmo problema do “discurso no discurso” ou da “palavra na palavra” está sendo tratado de contextos diferentes - estilística (POD) e sintaxe (MFL). Mas, na realidade, trata-se de um tipo de estudo que se situa na fronteira entre várias disciplinas - sintaxe, lexicologia, semântica e estilística

- sendo que em POD são mais claras as relações da estilística com a poética e, em MFL, as relações da estilística com a gramática (sintaxe).

Mas, se formos ao centro do problema e elaborarmos nossa reflexão em torno das relações mútuas entre o discurso do outro e o contexto autorial, chegaremos mais perto do problema que estamos procurando e das relações dialógicas entre MFL e POD.

Em primeiro lugar, vamos recuperar a definição de “discurso de outrem”, dada por Volochinov no segundo capítulo da terceira parte - “Planteamiento del problema del ‘discurso ajeno’”. Nos orientar em relação ao interlocutor, em relação ao enunciado de outro, compreendê-lo ideologicamente e dialogicamente, este é o caminho do estudo do “homem no homem”, do “homem com outro homem”, ou do ponto de vista da linguagem, da palavra na palavra, ou ainda como Volochinov define o enunciado do outro:

“‘Discurso ajeno’ es *discurso en el discurso, enunciado dentro de outro enunciado*, pero al mismo tiempo es *discurso sobre outro discurso, enunciado acerca de outro enunciado*²⁷” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:155).

Como se dá a relação do enunciado do outro com o enunciado do autor do ponto de vista do falante, do conteúdo (tema) e da forma? Que formas o falante utiliza para transmitir o enunciado do outro na sua fala? Voloshinov responde a essas questões com os seguintes argumentos gerais:

- 1) “El ‘discurso ajeno’ se concibe por el hablante como el enunciado del *otro* sujeto, enunciado autónomo completamente y por principio, estructuralmente

²⁷ Nessa parte de MFL, as variantes terminológicas são: para enunciado (esp), enunciação (port.); para discurso autorial (esp.), discurso narrativo (port.). Por reduzir a expressão “autoral” à “narrativo” em toda as ocorrências, a distinção feita pelo autor entre essas duas expressões se perde na edição francesa e brasileira de MFL.

acabado y situado fuera del contexto próprio”.

- 2) “... siendo elemento estructural del discurso autorial, del que forma parte por cuenta propia, el enunciado ajeno al mismo tiempo aparece como el tema del discurso autorial, participa de su unidad temática justamente en cuanto enunciado ajeno, mientras que su próprio tema autónomo se manifiesta como el *tema del tema del discurso del outro*”.
- 3) “El discurso ajeno, al conservar al mismo tiempo su contenido temático y al menos algunos elementos de su completud lingüística y de su inicial independendencia estructural, se transfiere desde aquella existencia autónoma hacia el contexto autorial”.
- 4) “El enunciado autorial que admite en su composición outro enunciado, elabora normas sintácticas, estilísticas y composicionales para su asimilación parcial, para que participe de la unidad sintáctica, composicional y estilística del enunciado autorial, conservando a la vez, aunque en forma rudimentaria, la independendencia inicial (sintáctica, composicional, estilística) del enunciado ajeno, sino lo cual su plenitud sería inaprehensible” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:156).

Interessa-nos, principalmente, as relações do problema do “discurso de outrem” com o problema do diálogo. Se anteriormente, Volochinov já relacionou o enunciado interior com o diálogo - diálogo interior; o enunciado exterior com o diálogo - diálogo face a face; o enunciado exterior impresso com o diálogo - o diálogo no sentido amplo - no plano da Filosofia marxista da linguagem; agora, na última parte de MFL, ele irá abordar ainda uma outra faceta do diálogo - a dialogicidade interna do enunciado - aplicando não só o método sociológico a problemas de sintaxe, como ele diz ser seu objetivo, mas relacionando todo o seu estudo do fenômeno do discurso do outro com o problema do diálogo, abordagem essa que, como veremos, nos permitirá fazer algumas analogias entre a tipologia de discurso (MFL) com a de palavra (POD e PPD).

Aqui já não se trata apenas de problemas da Filosofia marxista da linguagem, mas da importância dessa orientação filosófica aplicada à ciência da linguagem, ou

“una revisión de las formas del lenguaje tomadas en su versión lingüística habitual” com base na ordem metodológica de estudos da linguagem apontada pelo teórico russo, a partir do problema do “enunciado no enunciado”, ou seja, da presença do enunciado do outro dentro do enunciado do autor:

“... en las formas de transmisión del discurso ajeno se expresa una *actitud activa* de un enunciado respecto del otro, y además no se expresa en un plano temático, sino en las estables formas estructurales de la misma lengua” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:156)

Embora Volochinov diga que seu objetivo é dotar o problema da transmissão do discurso do outro de uma orientação sociológica, e insista na distinção da transmissão desse discurso no contexto do autor da forma do discurso dialógico, ele acaba, principalmente quando trata do discurso quase direto, chamando a atenção para a dialogicidade interna, para as relações dialógicas entre o discurso do outro e o discurso do autor, ou seja, para o problema do palavra bivocal.

Nesse sentido, convém separar duas variedades do fenômeno do discurso do outro: a presença do diálogo no contexto do autor e a relação dialógica entre o discurso do outro e o discurso do autor. Como veremos mais tarde, todas essas variedades são objeto da Metalingüística. Por ora, vejamos a primeira variedade:

“Se nos presenta el fenómeno de la *reacción de una palabra a la otra* que, sin embargo, se distingue sustancialmente del diálogo. En el diálogo, las réplicas aparecen gramaticalmente disociadas y no se incorporan en el contexto unificado. Y es que *no están presentes las formas sintácticas que estructuran la unidad del diálogo*. Pero si el diálogo se da en un contexto autorial que lo abarca, nos enfrentamos entonces a un caso del discurso directo, esto es, a una de las variedades del fenómeno que estamos estudiando” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:157).

Anos mais tarde, Bakhtin no ensaio “O problema do texto” retoma as mesmas observações de um outro ângulo, do objeto da Metalingüística: a expressão “reação de uma palavra à outra” vira “relações dialógicas”:

“Las relaciones entre las réplicas de un diálogo semejante son un ejemplo más evidente y simple de relaciones dialógicas. Pero las relaciones dialógicas, por supuesto, no coinciden en absoluto con las relaciones que se establecen entre las réplicas de um diálogo real, por ser mucho más abarcadoras, heterogéneas y complejas” (PT, BAJTIN, 1982:317).

Se a realidade concreta da linguagem é a interação entre pelo menos dois enunciados, isto é, o diálogo, como transpor esse ponto de vista para o interior do próprio enunciado, isto é, as relações dialógicas nos limites de um enunciado completo?

“... un estudio productivo del diálogo presupone una investigación más profunda de las formas de transmisión del discurso ajeno, puesto que en ellas se reflejan las tendencias principales y constantes de la *percepción activa del discurso ajeno*; esta percepción es fundamental también para el diálogo” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:157).

Volochinov se dedica não só a colocar o problema como a desenvolver esse estudo do diálogo em relação com as formas de transmissão do discurso do outro (discurso direto, discurso indireto e discurso quase-direto, e suas modalidades). É importante ressaltar como Volochinov vê essas formas, como elas se desenvolvem historicamente. Para ele, as formas de transmissão do discurso do outro são:

- 1) “tendencias sociales fijas de la percepción activa del discurso ajeno, tendencias que se sedimentan en las formas de la lengua”;

- 2) “las formas sintácticas... son sino modelos estables de la transmisión”;
- 3) “... por una parte, estos modelos y sus modalidades sólo pudieron surgir y cincelarse orientadas hacia las tendencias dominantes de la percepción del discurso ajeno y, por outra, puesto que ya se han formado y existen en la lengua, estos modelos ejercen una influencia reguladora - estimulante o inhibitoria - sobre el desarrollo de las tendencias de la percepción valorativa que se mueven dentro del cauce marcado por las formas señaladas”;
- 4) “La lengua... refleja... las interrelaciones sociales estables de los hablantes. En diferentes lenguas, durante épocas distintas, en grupos sociales diversos, en los contextos axiológicos variables predominan una u outra forma, unas y otras modalidades de estas formas” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:158-159).

A contribuição de Volochinov aos estudos de sintaxe reside justamente nessa nova abordagem do problema do discurso do outro. Para ele, o erro das investigações anteriores do problema estava no fato de que o enunciado do outro era isolado por completo do contexto autoral:

“... el objeto auténtico de la investigación debe ser precisamente la interrelación dinámica entre estos dos factores: el discurso referido (“ajeno”) y el discurso transmisor (“autorial)” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:160).

É essa mesma inter-relação dinâmica entre dois enunciados num contexto único que Bakhtin chama, em POD, de relações dialógicas:

“Temos um exemplo de uma relação dialógica entre enunciados diretamente intencionais dentro de um único contexto, no ensaio erudito típico, em que várias afirmações de vários autores são citadas, algumas com o propósito de serem refutadas, outras com o propósito de corroboração ou de suplementação. Estas relações binárias (concordância *versus* discordância, assertiva *versus* suplementação, pergunta *versus* resposta) são de natureza puramente

dialógica” (POD, BAKHTIN, 1983:466).

Tomando a inter-relação dinâmica entre o discurso autoral e o discurso do outro, Volochinov aponta duas tendências principais e antagônicas:

- 1) la reacción activa hacia el discurso ajeno puede buscar la preservación de su integridad y autenticidad;
- 2) la lengua elabora los modos de una introducción más fina y flexible de la réplica y del comentario autoral en el discurso ajeno. (MFL, VOLOSHINOV, 1992:160,162).

A primeira tendência, Volochinov a denomina *estilo linear* de transmissão do enunciado do outro: “su tendencia principal consiste en la creación de los contornos externos nítidos en un discurso ajeno débil en su individuación. Si se logra una homogeneidad estilística plena de todo el contexto (el autor y todos sus personajes hablan un mismo lenguaje), el discurso ajeno alcanza una cerrazón máxima y una elasticidad escultórica desde el punto de vista gramatical y composicional” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:162).

Já na segunda, denominada *estilo pictórico*, “su tendencia consiste en desdibujar los nítidos contornos exteriores de la palabra ajena. En este caso el mismo discurso aparece individualizado en una medida mucho mayor; la sensación de los aspectos más diversos del enunciado del otro puede estar finamente diferenciada. Se percibe no sólo su sentido temático, la aserción que contenga, sino también todas las singularidades de su plasmación verbal” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:162).

Assim sendo, ao elaborar uma história das tendências da inter-relação dinâmica entre o enunciado do outro e o enunciado do autor, na fronteira entre a gramática e a estilística, Volochinov assinala as seguintes épocas:

“el *autoritarismo dogmático*, que se caracteriza por un estilo monumental desindividualizado y lineal en la reproducción del discurso del otro (la Edad

Media); el *dogmatismo racionalista* con su estilo aún más lineal (los siglos XVII y XVIII); el *individualismo realista y crítico, con su estilo pictórico y con la tendencia a la penetración del comentario y réplica autorial en el discurso ajeno (fines del XVIII y el XIX) y, por último, el individualismo relativista* con su desintegración del contexto autorial (en la actualidad). (MFL, VOLOSHINOV, 1992:165).

Vamos tratar especificamente do último tipo - o individualismo relativista -, comparando-o com um tipo de palavra bivocal (palavra orientada para a palavra do outro): variantes multidirecionais (POD) ou palavra bivocal de orientação vária (PPD). É precisamente, sobrepondo as explicações de Bakhtin e Volochinov em relação a esses tipos de discurso/palavra/estilo, em suas respectivas tipologias, que poderemos chegar a uma compreensão ativa da categoria polifonia.

Mas antes, vamos retomar o mesmo problema do enunciado de outro, a partir de POD, para que possamos fazer a comparação com maior propriedade. A tipologia de Bakhtin é uma tipologia de palavras na prosa e apresenta três orientações:

- 1) Palavra orientada imediatamente para o seu referente (palavra direta do autor)
- 2) palavra objetificada (palavra direta do herói)
- 3) palavra bivocal (variantes unidirecional, multidirecional e tipo ativo)

A sua tipologia do uso da palavra na prosa tem origem no próprio fato da existência de palavras duplamente orientadas (palavras bivocais), e da impossibilidade de seu estudo dentro da estilística, lexicologia e semântica de seu tempo:

“O próprio fato de que existam exemplos de um discurso [palavra] duplamente orientados, no qual é um fator essencial a relação com o enunciado de um outro, obriga-nos a realizar uma classificação completa e munuciosa dos tipos de uso da palavra de acordo com o novo princípio que sugerimos, princípio que nem a

estilística, nem a lexicologia, nem a semântica levaram em consideração. Não há problema algum em verificar que, além do uso da palavra carregada de objetivos referenciais diretos e do uso da palavra orientada para a palavra de um outro, ainda existe um terceiro tipo” (POD, BAKHTIN, 1983:463-464).

Da classificação das variantes desse terceiro tipo - variantes unidirecionais, variantes multidirecionais e tipo ativo - nos interessam as duas últimas, já que é, principalmente, com elas que Dostoiévski constrói o romance polifônico. É em busca desse princípio polifônico que nos aventuraremos nas relações entre o enunciado do autor e o enunciado do outro. Como o problema ocorre não só com fenômenos literários, dos gêneros em prosa, vamos retomar duas citações, uma de MFL e outra de POD, que abordam o problema de outro ponto de vista:

“En la comunicación dialógica viva, en el próprio momento e la transmisión de las palabras percibidas del interlocutor, las palabras a las que respondemos suelen estar ausentes. En la respuesta solemos repetir las palabras del interlocutor sólo en ocasiones peculiares y excepcionales: para corroborar que nuestra comprensión sea correcta, para cogerle las palabras, etc. Todos estos momentos específicos de la transmisión deben tomarse en cuenta” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:158).

“As palavras de um outro, quando introduzidas em nossa fala, assumem inevitavelmente uma nova significação própria, ou seja, tornam-se palavras de duas vozes. Só a inter-relação destas duas vozes pode variar. Retomar a afirmação de outro sob a forma de interrogação, já é suficiente para provocar o choque de duas significações dentro da mesma palavra, pois, não apenas questionamos a afirmativa do outro, mas a tornamos problemática. Nossa fala cotidiana está repleta de palavras de outras pessoas. Com algumas delas, nossa voz se funde por completo e esquecemos de quem eram estas palavras. Noutras, contudo, implantamos nossas intenções diversas, até mesmo

antagônicas” (POD, BAKHTIN, 1983:473).

Como já dissemos, trataremos apenas de uma relação possível entre as tipologias nas duas obras. No entanto, deixamos ao leitor um quadro com as tipologias completas dentro do enfoque plurilingüe que orienta nossa leitura:

Tipologia de discursos de Volochinov (princípio: discurso do outro)

<i>Estilo</i>	<i>MFL (p): Variantes</i>	<i>MFL (e): Modalidades</i>	<i>MFL (i) Modifications</i>
<i>linear</i>	<i>DI analisador de conteúdo</i>	<i>DI analítico-temático</i>	<i>ID referent-analyzing</i>
<i>pictórico</i>	<i>DI analisador de expressão</i>	<i>DI analítico-discursivo</i>	<i>ID texture-analyzing</i>
<i>linear ou pictórico</i>	<i>DI impressionista</i>	<i>DD impresionista</i>	<i>ID impressionistic</i>
<i>pictórico</i>	<i>DD preparado</i>	<i>DD predeterminado</i>	<i>preset DD</i>
<i>pictórico</i>	<i>DD esvaziado</i>	<i>estilo directo reificado</i>	<i>particularized DD</i>
<i>Pictórico</i>	<i>Discurso citado, antecipado e disseminado, oculto</i>	<i>Discurso ajeno anticipado y disperso, oculto</i>	<i>anticipated and disseminated reported speech</i>
<i>Pictórico</i>	<i>Discurso indireto libre</i>	<i>Discurso cuasi directo</i>	<i>Quasi-direct discourse</i>
<i>Pictórico</i>	<i>Discurso indireto sem sujeito aparente</i>	<i>Discurso cuasi indirecto</i>	<i>Quasi-indirect discourse</i>
<i>linear</i>	<i>Discurso directo retórico</i>	<i>estilo directo retórico</i>	<i>rethorical direct discourse</i>
<i>Linear</i>	<i>DD substituído</i>	<i>DD sustituido</i>	<i>substituted DD</i>

DD = discurso direto; DI = discurso indireto; ID = Indirect discourse; DD = Direct discourse

Tipologia da palavra em prosa (princípio: palavra bivocal)

<i>POD</i>	<i>PPD</i>	<i>PPD (fr)</i>	<i>PPD (ingl.)</i>	<i>PPD (esp).</i>
<i>I. Discurso direto, orientado imediatamente para seu objeto referencial</i>	<i>I. Discurso direto imediatamente orientado para o seu referente</i>	<i>I. Mot direct orienté sur son objet</i>	<i>I. Direct, unmediated discourse directed exclusively toward its referential object</i>	<i>I. Discurso orientado directamente hacia su objeto</i>

<p>II. Discurso objetivado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Com predominância de determinações sociotípicas 2. Com predominância de determinações individualmente características 	<p>II. Discurso objetificado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Com predomínio da definição sociotípica 2. Com predomínio da precisão caracterológico-individual 	<p>II. Mot objectivé</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Avec dominance de traits sociologiques 2. Avec dominance de traits caractérologiques et individuels 	<p>II. Objectified discourse</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. With a predominance of socio-typical determining factors 2. With a predominance of individually characteristic determining factors 	<p>II. discurso objetivado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Com predominancia de rasgos de tipificación social 2. Com predominancia de rasgos de caracterización individual
--	---	--	---	--

<p>III. Discurso orientado para a fala do outro (discurso de voz dupla)</p> <p>1. Variantes unidirecionais</p> <p>a) Estilização b) Relato do narrador c) Fala não objetivada de um personagem. d) <i>Ich-Erzaehlung</i></p> <p>2. Variantes multidirecionais</p> <p>a) paródia com todas as suas gradações b) narração parodística c) <i>Ich-Erzaehlung</i> parodístico d) Fala de um personagem representado parodisticamente e) Qualquer relato de uma outra pessoa com um acento alterado</p> <p>3. Tipo ativo (fala do outro refletida)</p> <p>a) polêmica velada, interna b) autobiografia e confissão polemicamente coloridas c) qualquer fala consciente da fala do outro d) réplica no diálogo e) diálogo velado f)</p>	<p>III. Discurso orientado para o discurso do outro (discurso bivocal)</p> <p>1. Discurso bivocal de orientação única</p> <p>a) estilização b) narração do narrador c) discurso não-objetivado do herói d) <i>Icherzählung</i></p> <p>2. Discurso bivocal de orientação vária</p> <p>a) paródia em todas as suas gradações b) narração parodística c) <i>Icherzählung</i> parodístico d) discurso do herói parodisticamente representado e) qualquer transmissão da palavra do outro com variação no acento</p> <p>3. Tipo ativo (discurso refletido do outro)</p> <p>a) polêmica interna velada b) autobiografia e confissão polemicamente refletidas c) qualquer discurso que visa ao discurso do outro d) réplica do diálogo velado</p>	<p>III. Mot orienté sur le mot d'autrui (mot bivocal)</p> <p>1. Mot bivocal "convergent"</p> <p>a) stylization b) récit du narrateur c) mot non objectivé du héros d) <i>Icherzählung</i></p> <p>2. Mot bivocal "divergent"</p> <p>a) parodie avec toutes ses nuances b) récit parodique c) <i>Icherzählung</i> parodique d) mot du héros parodié e) toute retransmission du mot d'autrui avec une modification d'accent</p> <p>3. Sous-groupe actif (mot d'autrui réfléchi)</p> <p>a) polémique interne cachée b) autogiographie et confession à coloration polémique c) tout mot avec un "coup d'oeil de côté" sur le mot d'autrui d) réplique du dialogue e) dialogue caché</p>	<p>III. Discourse with na orientation toward someone else's discourse (double-voiced discourse)</p> <p>1. Unidirectional double-voiced discourse</p> <p>a) stylization b) narrator's narration c) unobjectified discourse of a character d) <i>Ich-Erzählung</i></p> <p>2. Vari-directional double-voiced discourse</p> <p>a) parody with all its nuances b) parodistic narration c) parodistic <i>Ich-Erzählung</i> d) discourse of a character who is parodically represented e) any transmission of someone else's words with a shift in accent</p> <p>3. The active type (reflected discourse of another)</p> <p>a) hidden internal polemic b) polemically colored autogiography and confession c) any discourse with a sideward glance at someone else's word d) a rejoinder of a dialogue hidden dialogue</p>	<p>III. Discurso orientado hacia el discurso ajeno (palabra bivocal)</p> <p>1. Palavra bivocal de una sola orientación</p> <p>a) estilización b) relato del narrador c) discurso no objetivado del personaje d) <i>Icherzählung</i></p> <p>2. Palavra bivocal de orientación múltiple</p> <p>a) parodia com todos sus matices b) narración paródica c) <i>Icherzählung</i> paródico d) discurso de un personaje parodiado a) cualquier reproducción ajena com cambio de acentuación</p> <p>3. Subtipo activo (palabra ajena reflejada)</p> <p>a) polémica interna oculta b) autobiografía y confesión com matización polémica c) todo discurso que toma en cuenta a la palabra ajena d) réplica del diálogo del diálogo oculto</p>
--	--	--	---	--

As duas tipologias se relacionam, principalmente, com a língua russa, seja por recuperar as modalidades dessa língua, ou por aplicar à obra de Dostoiévski uma tipologia geral da palavra em prosa, do ponto de vista da palavra bivocal, palavra essa que na obra de Dostoiévski é abundante, até o limite da polifonia.

Quanto mais nos aprofundamos nas relações dialógicas entre as tipologias de Bakhtin e Volochinov, vamos percebendo as similaridades entre elas, e que o problema comum é mesmo o da palavra bivocal, de duas vozes, bifacéticas.

O cruzamento das duas tipologias poderá nos revelar outros aspectos subjacentes à ciência da linguagem de Bakhtin e seu Círculo, aos quais nem sempre estamos atentos, dada a inter-relação orgânica entre uma grande quantidade de categorias, nem sempre hierarquizadas, de modo que possamos acompanhar o desenvolvimento do percurso filosófico-lingüístico com muita clareza.

Ao abordar o dinamismo da orientação mútua entre o enunciado do outro e o aural do ponto de vista do estilo pictórico, Volochinov diz, também, que dentro desse estilo são possíveis vários tipos heterogêneos. Ele nos apresenta dois tipos:

- 1) o avanço do contexto aural sobre o discurso do outro: “el impulso activo hacia la debilitación de las fronteras del enunciado puede provenir del contexto aural que compenetre el discurso ajeno con sus propias entonaciones, con el humor, la ironía, el amor o el odio, con la fascinación o el desdén... Predomina cierto relativismo en las valoraciones sociales, que resulta muy positivo para una percepción de todos los matices lingüísticos individuales del pensamiento, de la convicción, del sentimiento”.
- 2) a desintegração do contexto aural: “la dominante discursiva se transfiere al discurso ajeno, el cual se hace más fuerte y más activo que el contexto aural que lo abarca, e incluso el discurso ajeno hace desvanecer a este último. El contexto aural pierde una gran parte de la objetividad que le es propia en comparación con el discurso ajeno. Empieza a percibirse y se reconoce en su calidad del igualmente subjetivo ‘discurso ajeno’” (MFL,

VOLOSHINOV, 1982:162-163).

Comparando-se as duas obras, poderíamos dizer que o primeiro tipo de estilo pictórico corresponderia às variantes unidirecionais (POD) e, que o segundo corresponderia às variantes multidirecionais (POD). Volochinov não chega a tornar explícito algo que corresponderia ao tipo ativo de Bakhtin, exceto a pequena referência à “réplica no diálogo” presente no contexto do autor como uma das variantes de discurso direto. Só uma análise mais criteriosa poderá nos levar à realização dessa hipótese, mas por ora, vamos tratar, especificamente, da relação do segundo tipo de estilo pictórico (MFL) com as variantes multidirecionais (POD e PPD), o qual colocará no centro da comparação um modelo novo de transmissão do enunciado do outro: o discurso quase-direto.

Se pudéssemos definir o estilo de Bakhtin e seu Círculo, certamente não seria o “estilo linear”, já que não existem contornos claros e nítidos entre as categorias. Elas se apresentam misturadas, numa interação orgânica que parecem mais efeitos caleidoscópicos, ou como numa imagem de Bakhtin, com milhares de fios dialógicos entretecidos.

A - Discurso quase-direto e palavra bivocal

As relações entre as tipologias só são possíveis se consideramos o problema do enunciado enquanto totalidade. É dentro desse todo que se desenvolvem as relações dialógicas ou a interrelação dinâmica entre o enunciado do outro e o enunciado do autor.

O discurso quase-direto é uma forma de transmissão da palavra bivocal. Levando-se em consideração esse postulado, vamos ver quais são as analogias entre a palavra bivocal e esse modelo de transmissão do enunciado do outro.

Em primeiro lugar, vamos retomar características gerais das variantes multidirecionais, principalmente a paródia, da tipologia de usos da palavra na prosa, de

Bakhtin:

- 1) “o autor emprega a fala [la palabra] de um outro, mas ... se introduz naquela outra fala [palabra] uma intenção que se opõe diretamente à original”;
- 2) “a segunda voz, depois de se ter alojado na outra fala [palabra], entra em antagonismo com a voz original que a recebeu, forçando-a a servir a fins diretamente opostos”;
- 3) “a fala [palabra] transforma-se num campo de batalha para intenções contrárias”;
- 4) “as vozes ... não são apenas distintas e emitidas de uma para outra, mas se colocam, igualmente, antagonisticamente”;
- 5) “a relação entre o projeto do autor e o da outra fala .. estão em disputa, são multidirecionais” (POD, BAKHTIN, 1983:472).

Num primeiro momento, Volochinov tratará dessa disputa entre dois projetos - do autor e do herói - a partir de um fenômeno lingüístico, pouco estudado na época (1929) - a *interferência discursiva* - no interior de uma modalidade especial - “un discurso ajeno *anticipado y disperso, oculto* en el contexto autorial, que parece irrumpir hacia un auténtico enunciado directo del personaje” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:179).

Nessa modalidade, “la preparación del discurso ajeno y su anticipación mediante la presentación de su tema, de suas valoraciones y acentos es capaz de subjetivizar y de matizar com los tonos del personaje el contexto autorial hasta tal grado que éste puede empezar a sonar a “discurso ajeno”, aunque siga incluyendo también entonacionais autoriales” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:179).

Convém ressaltar algumas características dessa modalidade especial que pode ser compreendida analogamente às variantes multidirecionais de palavra bivocal:

- 1) uma mesma palavra é “arena de un encuentro y lucha de dos entonaciones, dos puntos de vista, dos discursos”;
- 2) cada uma das palavras de um determinada narração “desde el punto de vista

de su expresión, de su tono emocional, de su posición acentual en la frase *simultaneamente forma parte de dos contextos entrecruzados*, de *dos discursos*; el discurso del autor-narrador... y el del personaje”;

- 3) o fato da palavra pertencer a dois discursos, “de orientação expresiva diferenciada, explica también la singularidad de la construcción de las frases, los “virajes sintácticos” y la peculiaridad del estilo” (VOLOSHINOV, 1992:180-181).

Do ponto de vista da sintaxe, o discurso quase direto é o exemplo mais importante de “la fusión interferente de dos discursos entonacionalmente apuntados en sentidos diversos” (VOLOSHINOV, 1992:182). Ao elegê-lo como uma forma especial, ao lado de outros modelos de transmissão do discurso do outro como o discurso direto e indireto, Volochinov vai alçar uma forma, que dentro da orientação objetivista abstrata era tratada como estilo, às tendências sociais de transmissão do enunciado do outro, como uma de suas possibilidades sedimentadas nas formas da língua:

“Para que se formara aquella substancialmente nueva percepción de la palabra ajena que tuvo su expresión en el discurso cuasi directo tenía que suceder cierto cambio, cierto movimiento dentro de la comunicación sociodiscursiva y de la orientación recíproca de los enunciados. En su proceso de generación esta forma empieza a participar en el círculo de aquellas posibilidades lingüísticas en cuyos límites sólo es posible que se determinen, se motiven y se realicen productivamente las intenciones discursivas individuales de los hablantes” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:189).

Por se tratar de um novo modelo, em russo ela aparece pela primeira vez em Púchkin, Volochinov empreende um estudo histórico, apresentando os vários nomes do modelo, assinalado pela primeira vez por Tobler, em 1887. Não vamos nos ater às variantes do modelo, incluindo *style indirect libre* (Bally).

O estudo das características desse modelo de transmissão do enunciado do outro, ao qual Volochinov dedica o último capítulo do livro, nos levará a compreender ativamente sua relação com as *relações dialógicas* e com a *palavra bivocal*, objetos da Metalingüística. Nosso intuito é resgatar algumas características formais do modelo, que Volochinov vai construindo, na medida em que critica as definições dadas ao fenômeno a partir de Tobler:

- 1) “... estamos ante... una tendencia absolutamente *nueva*, positiva, de la percepción activa de un enunciado ajeno, ante una *orientación peculiar* de la dinámica de la interrelación entre el discurso del autor y el discurso del otro” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:187);
- 2) “... su especificidad consiste justamente en que aquí hablan a la vez *tanto* el héroe *como* el autor, y que aquí dentro de los límites de una construcción gramatical se conservan los acentos de dos voces distintamente orientadas”.
- 3) “... el discurso cuasi directo es un discurso *manifiesto*, si bien bifronte, como Jano” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:190).

Pelas características citadas, já podemos entrever as analogias entre essa nova percepção da palavra do outro e as variantes multidirecionais (ou “mot bivocal divergent” como aparece na edição francesa de PPD). Em todas elas, o interior de um mesmo enunciado se transforma na arena de luta de duas vozes, dois acentos, dois pontos de vista, dois enunciados.

Do ponto de vista da dialogicidade interna entre as obras de Volochinov e Bakhtin, parece não haver luta entre duas vozes, mas sim uma relação de concordância, da qual o fragmento que apresentamos é apenas a ponta do iceberg.

Gostaríamos de finalizar essa nossa incursão nas relações entre a Sociologia e a Metalingüística, tocando em um outro problema apontado por Volochinov, relacionado com o problema do discurso quase direto e com as relações dialógicas: o problema da reprodução em voz alta do discurso do outro, revelado pelo contexto autoral. Esse problema é nodal na compreensão da passagem dos gêneros em prosa

ao registro mudo e também à própria compreensão do romance polifônico criado por Dostoiévski.

Para Volochinov, quando o discurso quase direto se tornou um fenômeno massivo da nova narrativa, a transmissão oral da interferência entre dois discursos, dois acentos dentro de um mesmo enunciado tornou-se impossível:

“el mismo desarrollo del discurso cuasi directo está relacionado con el hecho de que los grandes géneros prosísticos pasan al registro mudo. Esta afonía de la prosa puso de manifiesto el hecho de que el carácter multiplano y la complejidad de las estructuras entonacionales, que tanto caracterizan la nueva literatura, resulten irreducibles a la voz” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:205).

E por que ocorre tal fenômeno de dialogização interna entre o discurso do autor e o discurso do herói?

“Porque en este mundo individual y cerrado ya no pueden penetrar ni fluir libremente las entonaciones autoriales. Este carácter autotélico de la voz ajena y de la cara ajena hace imposible la transición paulatina del contexto autorial al discurso ajeno y a la inversa. El discurso ajeno empezará a sonar como en un drama, donde no existe un contexto abarcador y donde a las réplicas del héroe se les oponen las réplicas de otro personaje gramaticalmente desvinculadas de aquéllas. De este modo, mediante la simulación absoluta [mudança de entonação expressiva, de voz, num mundo individual e fechado onde não podem penetrar nem fluir libremente as entonações do autor], entre el discurso ajeno y el contexto autorial se establecen las relaciones análogas a las que existen entre las réplicas en un diálogo. Así el autor se sitúa en el mismo nivel que su héroe, y sus relaciones se dialogizan”.... (MFL, VOLOSHINOV, 1992:206-207).

A mesma explicação da dialogização interna do enunciado é dada por Bakhtin em relação às variantes multidirecionais:

“No caso do discurso multidirecional [*les mots à orientations divergentes*], a diminuição da objetividade e o aumento correspondente da atividade das aspirações próprias à palavra do outro levam inevitavelmente à dialogação interna do discurso [*mot*]. Em tal discurso [*mot*], o pensamento do autor já não mantém sua influência dominante sobre o pensamento do outro; perde seu autocontrole e certeza, torna-se inquieto, internamente indeciso e ambíguo. Sua fala [*mot*] não é apenas de voz dupla, mas também de duplo acento. Seria difícil dizê-lo em voz alta, porque qualquer enunciação real supermonologizaria esta fala, sem fazer justiça ao outro pensamento nela incluso” (POD, BAKHTIN, 1983:477).

A última variedade de palavra bivocal da tipologia de Bakhtin é o tipo ativo (fala do outro refletida [*mot d'autrui réfléchi*]). Não conseguimos encontrar analogias entre esse tipo, que juntamente com as variantes multidirecionais formam o alicerce do gênero romance polifônico, a não ser uma pequena referência, que já citamos, sobre a presença do diálogo no contexto autoral como uma das variedades do fenômeno do enunciado do outro. Em primeiro lugar, vejamos as características gerais do tipo ativo (fala [*mot*] do outro refletida) e o porquê dessa designação por Bakhtin:

- 1) “a fala [*mot*] do outro permanece exterior às fronteiras da fala [*mot*] do autor, mas esta fala [*mot*] a leva em conta e a ela se refere. Aqui, a fala [*mot*] do outro, em vez de ser reproduzida com uma nova significação, exerce sua ação e, de uma maneira ou de outra, determina a palavra do autor, permanecendo fora de sua fronteiras” (POD, BAKHTIN, 1983:474);
- 2) “a coloração polêmica do discurso [*mot*] também se manifesta por outros aspectos [além do semântico] puramente lingüísticos, como a entoação e a construção sintática” (POD, BAKHTIN, 1983:474);
- 3) “... a palavra do outro influencia ativamente a fala [*discours*] do autor, forçando-a a se modificar por efeito de sua influência e de sua iniciativa”

(POD, BAKHTIN, 1983:476).

- 4) “a fala [*mot*] do outro age de dentro; as formas de relação entre as duas vozes podem variar amplamente e diferentes são os graus de sua influência deformante” (POD, BAKHTIN, 1983:479).

Convém ressaltar que algumas variantes do tipo ativo, como a polêmica interna, não se limitam só ao discurso literário, tendo também presença importante no discurso cotidiano:

“A fala [*mot*] da polêmica interna - fala [*mot*] que tem consciência da palavra hostil do outro - é extraordinariamente difundida, tanto no discurso [*langue*] cotidiano, quanto no discurso literário, e tem uma enorme importância na formação do estilo. Na fala cotidiana, são exemplos de polêmicas internas todas as palavras ofensivas e as palavras empregadas como insultos. Esta categoria ainda inclui qualquer fala [*mot*]... cheia de reservas, concessões, escapatórias e assim por diante... O modo individual da construção da fala [*discours*] própria de uma pessoa é, em um grau considerável, determinada pela sensação pessoal que lhe provocou a palavra do outro e pelos meios que teve de a ela reagir” (POD, BAKHTIN, 1983:475).

Não vamos abordar o problema da réplica do diálogo enquanto uma variedade do tipo ativo. Mas não podemos deixar de fora um fragmento de POD, extraída do Capítulo “Diálogo em Dostoiévski” e que não está presente em PPD. Nele o problema do diálogo e a orientação sociológica da palavra se encontram. O problema da coisificação da palavra, com a perda de seu valor temático, cujos ideólogos, segundo Volochinov, seriam as escolas formalistas da poética, da lingüística e da filosofia da linguagem, alcança em Bakhtin um problema mais amplo, que transcende a linguagem e atinge a percepção do próprio homem:

“El diálogo analizado por nosotros del “hombre con el hombre” representa un

documento sociológico altamente interessante. Una percepción excepcionalmente aguda del otro hombre como *otro* y de su próprio yo como un yo desnudo presupone que todas aquellas definiciones que revisten al yo y al *otro* de la carne socialmente concreta (definiciones familiares, estamentales, de clase y todas sus variaciones) perdieron su autoridad y su fuerza formativa” (POD, In: BAJTIN, 1982:196).

Todos os fragmentos que recolhemos de MFL e POD, da sua concordância em relação a uma nova abordagem de fenômenos da linguagem sob várias perspectivas - sintáticas, composicionais, estilísticas - criam um fundo dialógico e ideológico para pensarmos que aqui está o germen de uma nova ciência da linguagem. O próprio objeto dessa ciência - as relações dialógicas - já estavam no centro da investigação de Bakhtin e seu Círculo. Só faltava a sua proposição, a qual esperará 34 anos até a publicação de *Problemas da poética de Dostoiévski*, em 1963, onde Bakhtin nomeia a ciência da linguagem construída por ele e seu Círculo de Metalingüística.

O objeto da Metalingüística - *relações dialógicas e palavra bivocal* - como vimos, já estavam propostos, de forma um tanto oculta ou explícita, nas obras de 1929: MFL e POD. O problema principal da Metalingüística - o estudo da palavra na palavra - já estava expresso também nessas duas obras. Mas, é do ponto da dialogização interna da obra, que assistimos a uma quase que total reacentuação das categorias principais que se sustentavam por uma Filosofia marxista da linguagem para o contexto mais amplo de diálogo:

MFL e POD (1929)	PPD (1963)
Comunicação social	comunicação dialógica
Interação social, interação verbal	interação dialógica
ângulo sociológico	ângulo dialógico
fundo aperceptivo	fundo dialógico
natureza sociológica da palavra	natureza dialógica da palavra
método sociológico	método dialógico
relações sociais	relações dialógicas

No próximo e último capítulo, retomaremos as relações entre a Metalingüística e a Lingüística, onde também completaremos nossa reflexão sobre o problema da palavra na palavra até o limite da polifonia.

3 - Metalingüística e Lingüística

“La Metalingüística abarca diversos aspectos y grados de *alienación* de la palabra ajena y diferentes maneras de enfocarla (estilización, parodia, polémica, etc.), distintos modos de segregarla de la vida discursiva...”

(AP, BAJTIN, 1985:355).

A construção da Metalingüística parece se encontrar na fronteira de uma filosofia da palavra, de onde provém sua orientação filosófica; da lingüística, em relação a qual se coloca como um estudo complementar e autônomo; e da estilística.

Vamos percorrer os vários momentos em que a Metalingüística é proposta em *Problemas da poética de Dostoiévski*, que seu objeto é definido, que seu campo de estudo é distinguido da Lingüística, assim como serve de parâmetro para os estudos estilísticos. E dentro dos estudos estilísticos, iremos contrapor os limites entre uma estilística lingüística e uma estilística metalingüística. Toda essa discussão é particularizada, em PPD, com análises concretas da obra de Dostoiévski, mas nem por isso, a Metalingüística é uma ciência que deva ser reduzida só à esse propósito específico.

Na realidade é a partir da análise da obra de Dostoiévski e dos fenômenos aí encontrados que Bakhtin vai construindo ao longo de sua obra um lugar científico para o núcleo de suas investigações sobre a linguagem e sobretudo sobre a palavra artística e nessa, especificamente, a palavra bivocal.

Desculpamo-nos pelos enunciados longos que apresentamos a seguir mas, para nós, essa parece ser a única forma de vivenciar o problema dentro da vida plurilingüe da obra, e fazer com que o leitor participe de nossas preocupações em relação a um esclarecimento teórico dos problemas encontrados.

O enunciado que recortamos, diz respeito ao primeiro embate público entre a Lingüística e a Metalingüística no interior da obra de Bakhtin e seu Círculo. A Lingüística que na época (1963) já era uma ciência consolidada, como que uma ciência modelo de estudos literários, estilísticos e dos fatos da linguagem sob vários aspectos (fonéticos, fonológicos, lexicológicos, sintáticos e semânticos), encontra em seu caminho um outro olhar sobre o mesmo fenômeno geral: a palavra (o signo lingüístico, para Saussure; ou o signo ideológico, para Volochinov):

“Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o discurso ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtida por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela lingüística, os que têm importância primordial pra os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subseqüentes não são lingüísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalingüística, subentendendo-a como um estudo - ainda não-constituído em disciplinas particulares definidas - daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam - de modo absolutamente legítimo - os limites da lingüística” (PPD, BAKHTIN, 1997:181).

“Nous avons intitulé notre chapitre “Le mot chez Dostoïevski”, car nous nous y attacherons à l’étude de la langue dans sa totalité concrète, vivante, et non pas de la langue comme objet spécifique de la linguistique, obtenu en faisant abstraction de certains côtés de la vie concrète du mot (ce qui en linguistique était parfaitement légitime et même nécessaire). Et ce sont précisément ces côtés concrets qui pour nous présentent un intérêt capital. Par conséquent, nous analyses ultérieures ne seront pas linguistiques, dans le sens exact du terme. On peut les rattacher à la translinguistique, si on entend par celle-ci une science qui ne serait pas encore strictment déterminée par des disciplines précises, bien

délimitées, et consacrée à ces aspects du mot qui sortent du cadre de la linguistique” (PPD, BAKHTINE, 1970:238).

“We have entitled our chapter “Discourse in Dostoevsky,” for we have in mind discourse, that is, language in its concrete living totality, and not language as the specific object of linguistics, something arrived at through a completely legitimate and necessary abstraction from various aspects of the concrete life of the word. But precisely those aspects in the life of the word that linguistics makes abstract are, for our purposes, of primary importance. Therefore the analyses that follow are no linguistic in the strict sense of the term. They belong rather to metalinguistics, if we understand by that term the study of those aspects in the life of the word, not yet shaped into separate and specific disciplines, that exceed - and completely legitimately - the boundaries of linguistics” (PPD, BAKHTIN, 1994B:181).

“Hemos intitulado este capítulo *La palabra en Dostoievski*, porque en el término palabra sobreentendemos la lengua en su plenitud, completa y viva, y no hablamos de la lengua como objeto específico de la lingüística, obtenido mediante una abstracción absolutamente legítima y necesaria de algunos aspectos de la vida concreta de la palabra. Para nuestros propósitos tienen capital importancia las facetas de la vida de la palabra, de las cuales se abstrae la lingüística, por eso nuestros análisis subsiguientes no son de carácter lingüístico en el sentido exacto, sino que para nuestros propósitos tienen capital importancia las facetas de la vida de la palabra, de las cuales se abstrae la lingüística, por eso nuestros análisis subsiguientes no son de carácter lingüístico en el sentido exacto, sino que más bien están relacionados con la translingüística, entendiendo por ésta el estudio de los aspectos de la vida de las palabras - todavía no encauzada a una disciplina determinada -, los cuales, con toda legitimidad, no han sido considerados por la lingüística” (BAJTIN, 1986:253).

O próprio fenômeno *palavra* é aquele que aproxima e separa as duas ciências - Lingüística e Metalingüística - do ponto de vista do ângulo e dos aspectos abordados por uma e por outra. Cada gênero, cada ciência, embora trabalhe conjuntamente, precisa ter seus limites, suas fronteiras definidas. E Bakhtin assim define a da sua ciência em relação à lingüística:

“As pesquisas metalingüísticas, evidentemente, não podem ignorar a lingüística e devem aplicar os seus resultados. A lingüística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético - o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. Na prática, os limites entre elas são violados com muita freqüência” (PPD, BAKHTIN, 1997:181).

“Il est évident que dans ses recherches, la translinguistique ne peut ignorer la linguistique et doit se servir des résultats obtenus par cette dernière. Toutes les deux étudient le même phénomène concret, infiniment complexe et multiforme: le mot, mais elles en choisissent divers aspects et les observent sous des angles différentes. Elles doivent se compléter, ne se mélanger. Dans la pratique leurs frontières sont souvent difficiles à respecter” (PPD, BAKHTINE, 1970:238).

“Of course, metalinguistics research cannot ignore linguistics and must make use of its results. Linguistics and metalinguistics study one and the same concrete, highly complex, and multi-faceted phenomenon, namely, the word - but they study it from various sides and various points of view. They must complement one another, but they must not be confused. In practice, the boundaries between them are very often violated” (PPD, BAKHTIN, 1994B:181).

“Desde luego, las investigaciones translingüísticas no pueden menospreciar a esta última [lingüística] y deben aprovechar sus resultados. Tanto la una como la

outra estudian un mismo fenómeno concreto, sumamente complejo y polifacético: la palabra, pero lo estudian en sus diferentes aspectos y bajo diversos puntos de vista. Deben completarse mutuamente sin confundirse. Pero en la práctica las fronteras entre estos enfoques se pierden con mucha frecuencia” (PPD, BAJTIN, 1986:253).

Uma segunda distinção entre a Lingüística e a Metalingüística é o ângulo sob o qual elas observam o mesmo fenômeno concreto - a palavra -, o ângulo monológico, na primeira, entendendo-se essa abstração ora não só como o uso monológico da palavra (estilística numa acepção puramente lingüística), mas também, como a própria abstração desse uso (estudo sistêmico); e o ângulo dialógico até o uso polifônico da palavra, na segunda:

“O problema não está na existência de certos estilos de linguagem, dialetos sociais, etc., existência essa estabelecida por meio de critérios meramente lingüísticos; o problema está em saber sob que *ângulo dialógico* eles confrontam ou se opõem na obra. Mas é precisamente esse ângulo dialógico que não pode ser estabelecido por meio de critérios genuinamente lingüísticos, porque as relações dialógicas, embora pertençam ao campo do discurso, não pertencem a um campo puramente lingüístico do seu estudo” (PPD, BAKHTIN, 1997:182).

“Ce qui compte, c’est non pas l’existence de certains idiolectes, de dialectes sociaux, etc., décelables à l’aide de critères purement linguistiques, mais *l’angle dialogique* sous lequel ils s’opposent ou se juxtaposent à l’intérieur de l’oeuvre. Là, les critères linguistiques sont inopérants car les rapports dialogiques, bien qu’entrant dans le domaine du mot, échappent à une étude de ce dernier purement linguistique” (PPD, BAKHTINE, 1970:239).

“For what matters here is not the mere presence of specific language styles, social dialects, and so forth, a presence established by purely linguistic criteria;

what matters is the *dialogic angle* at which these styles and dialects are juxtaposed or counterposed in the work. Yet this dialogic angle is precisely what cannot be measured by purely linguistic criteria, because dialogic relationships, although belonging to the realm of the word, do not belong to the real of its purely linguistic study” (PPD, BAKHTIN, 1994B:182).

“No se trata de la propia existencia de determinados estilos de lengua, de dialectos sociales, etc., establecidos bajo criterios puramente lingüísticos, lo que importa es bajo qué *ángulo dialógico* se confrontan o se contraponen en la obra. Aunque este ángulo no puede ser establecido mediante criterios puramente lingüísticos, porque las relaciones dialógicas, a pesar de que se refieren a los dominios de la palabra, no se relacionan con el estudio exclusivamente lingüísticos de ésta” (PPD, BAJTIN, 1986:254).

O objeto da lingüística, como bem lembra Bakhtin, é a língua. No capítulo que trata do objeto da lingüística, no *Curso de Lingüística Geral*, Saussure esclarece: “Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade - natural ou não - de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem” (SAUSSURE, 1995:18). O fato de alguns tradutores traduzirem o termo *slovo* por discurso pode ser uma influência da Lingüística da fala/do discurso prevista, mas não desenvolvida por Saussure.

A oposição entre Saussure e Bakhtin parece residir em concepções diferentes de linguagem. Para Saussure, a linguagem como língua e, para Bakhtin, a linguagem como comunicação dialógica. Parece ser nesse eixo que se distingue, a princípio, as concepções de uma e outra escola de estudos da linguagem. Como observa Bakhtin em PT: “... la lengua y la comunicación discursiva (como un intercambio dialógico de enunciados) nunca han de ser confundidos” (PT, BAJTIN, 1982:299).

Mas, como já vimos, Bakhtin e seu Círculo, ao tomar a linguagem como

comunicação dialógica e definir o enunciado concreto como sua unidade, irá abrir um campo para estudos dos fenômenos da linguagem cuja riqueza e importância heurística ainda não foi profundamente observada.

Uma das bases filosóficas desses estudos é, conforme Volochinov demonstra em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ao definir a natureza de seus estudos (e do Círculo), uma Filosofia marxista da linguagem concebida como uma Filosofia da palavra e seus estudos como um estudo da “palavra na palavra”. Isso implica em pensar que, do ponto de vista da dialogicidade interna da obra, é a palavra (Filosofia da palavra, palavra como um ato responsável, palavra como signo ideológico) que orienta as reflexões filosófico-lingüísticas do Círculo.

O átomo da investigação bakhtiniana e de seu Círculo é o enunciado concreto, mas o núcleo desse é a palavra, a qual permite que eles dialoguem com outras disciplinas lingüísticas - estilística, lexicologia, sintaxe etc. a partir de um mesmo ponto em comum. Para testar o seu método e o da lingüística, em vários momentos os estudiosos russos tomam como exemplo, um enunciado de uma única palavra, mostrando a impossibilidade de uma sua compreensão ativa do ponto de vista da lingüística.

À diferença de outras disciplinas, o real empenho de Bakhtin e seu Círculo é construir um sistema dialógico de avaliação e apreciação dos fenômenos da linguagem, o que inclui, também, uma relação de complementariedade com essas outras disciplinas. O enfoque dialógico mesmo de fenômenos monológicos, os quais são colocados na cadeia da comunicação dialógica e, desse ponto de vista, são também respostas a enunciados anteriores e apontam para enunciados futuros, ou seja, participam da mesma engrenagem dinâmica que fenômenos bivocais, aponta para uma compreensão responsiva impossível dentro de um enfoque estritamente lingüístico.

Nesse sentido, Bakhtin escolhe como objeto de sua ciência da linguagem as próprias relações dialógicas:

“As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua

própria fala) são objetos da metalingüística. Mas aqui estamos interessados precisamente nessas relações, que determinam as particularidades da construção da linguagem nas obras de Dostoiévski” (PPD, BAKHTIN, 1997:182).

“Les rapports dialogiques (y compris ceux du locuteur avec son propre mot) sont un objet de la translinguistique. Et ce sont eux, en ce qu’ils déterminent les particularités d’organisation du discours dans les oeuvres de Dostoievski, qui nous intéressent ici” (PPD, BAKHTINE, 1970:239).

Dialogic relationships (including the dialogic relationships of a speaker to his own discourse) are the subject of metalinguistics. And it is precisely these relationships, determining the characteristic features of verbal structure in Dostoevsky’s work, that interest us here” (PPD, BAKHTIN, 1994B:182).

“Las relaciones dialógicas (incluyendo la actitud dialógica del hablante en su próprio discurso) son objeto de la translingüística. Estas relaciones, que determinan las particularidades de la estructura discursiva de las obras de Dostoievski, son justamente las que nos interesan aquí” (PPD, BAKHTIN, 1986:254).

O aprofundamento do problema do diálogo, para além do discurso dialógico, nas relações entre o autor e os heróis dostoiévskianos nos leva a colocar dois planos para se pensar as relações dialógicas: o primeiro, na vida e, o segundo na arte:

“As relações dialógicas - fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente - são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (PPD, BAKHTIN, 1997:42).

No sentido acima, quase filosófico, as relações dialógicas caem como uma luva enquanto expressão do “dialogismo” de Bakhtin. Mas é na sua transposição para o enunciado artístico que reside a originalidade do gênero de romance criado por Dostoiévski:

“Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo. Apenas as relações puramente *mecânicas* não são dialógicas, e Dostoiévski negava-lhes categoricamente importância para a compreensão e a interpretação da vida e dos atos do homem... Por isso todas as relações entre as partes externas e internas e os elementos do romance têm nele caráter dialógico; ele construiu o todo romanesco como um “grande diálogo”. No interior desse “grande diálogo” ecoam, iluminando-o e condensando-o, os diálogos composicionalmente expressos das personagens; por último, o diálogo se adentra no interior, em cada palavra do romance, tornando-a bivocal, penetrando em cada gesto, em cada movimento mímico da face do herói, tornando-o intermitente e convulso; isto já é o “microdiálogo”, que determina as particularidades do estilo literário de Dostoiévski” (PPD, BAKHTIN, 1997:42).

O romance polifônico se constitui, então, em três planos:

- 1) o enunciado como totalidade: “o grande diálogo” dos heróis, incluindo o autor/narrador;
- 2) os diálogos dos heróis expressos composicionalmente;
- 3) o microdiálogo: as palavras bivocais (de duas vozes) no diálogo interior dos heróis.

As relações dialógicas, nesse “grande diálogo” do enunciado como totalidade, são relações entre vidas, pensamentos, idéias, vozes, pessoas, personalidades, consciências, ou seja, uma visão não coisificada do homem e de seu mundo.

Se Dostoiévski transfere as relações dialógicas do plano da vida para o plano da arte, ao analisar como Dostoiévski compreende o homem e seu mundo, Bakhtin procura experimentar uma outra possibilidade. Penetrando na especificidade artística do mundo de Dostoiévski, ele acaba construindo em outra esfera da comunicação dialógica -, uma ciência da linguagem - Metalingüística - na qual os vários planos em que o diálogo é problematizado - do micro ao grande diálogo - exige uma nova posição do estudioso das ciências humanas em relação ao seu objeto, e em relação ao enunciado do outro sobre o mesmo objeto.

A idéia de que Dostoiévski “tinha o dom genial de auscultar o diálogo de sua época, ou, em termos mais precisos, auscultar a sua época como um grande diálogo, de captar nela não só vozes isoladas mas ante de tudo as *relações dialógicas* entre as vozes, a *interação* dialógica entre elas” (PPD, BAKHTIN, 1997:89), serve inteiramente a uma avaliação do próprio Bakhtin. Nesse sentido, Bakhtin se confunde com seu objeto, ele dialoga com ele de vários outros pontos de vista no interior das ciências humanas: psicológicos, estudos literários, lingüísticos, sociológicos, etc. Ler Dostoiévski com Bakhtin significa ler o “homem no homem”.

Mas voltemos às observações metodológicas de Bakhtin acerca das especificidades do objeto da Metalingüística, recuperando algumas características das relações dialógicas como elas aparecem no ensaio “O problema do texto” (1959-1961) e em PPD, para depois retornar ao problema da polifonia. Quais são as características das relações dialógicas?

- 1) são relações extralingüísticas;
- 2) “pressuponen la presencia de una lengua, pero no existen en el sistema de la lengua” (PT, BAJTIN, 1982:309);
- 3) “son relaciones (de sentido) entre toda clase de enunciados en la

comunicación discursiva” (PT, BAJTIN, 1982:309);

- 4) “no coinciden en absoluto com las relaciones que se establecen entre las réplicas de un diálogo real, por ser mucho más abarcadoras, heterogéneas y complejas” (PT, BAJTIN, 1982:317);
- 5) “são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico”, embora sejam impossíveis sem essas;
- 6) as relações lógicas (negação, identidade) ou concreto-semânticas “devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem”, elas “devem materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso [*mot*], ou seja, enunciado e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa” (PPD, BAKHTIN, 1997:183-184).

Para compreender ativamente as relações dialógicas, devemos ter como “fundo dialógico” uma Teoria do enunciado, conforme expressa em MFL e outros livros e ensaios do Círculo dos anos 20. O problema do enunciado não pode ser compreendido sem o problema da autoria. O enunciado é expressão de um determinado autor e a sua materialização, bem como a própria materialização das relações dialógicas não é somente extralingüística, como também, relações personificadas na linguagem:

“... todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, como ele existe fora do enunciado. As formas dessa autoria real podem ser muito diversas. Uma obra qualquer pode ser produto de um trabalho de equipe, pode ser interpretada como trabalho hereditário de várias gerações, etc., e apesar de tudo, sentimos nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. A reação dialógica personifica toda enunciação [énoncé] à qual ela reage” (PPD, BAKHTIN, 1997:241).

A partir dessas características gerais, podemos dar uma amostra de tipos de relações dialógicas apresentadas por Bakhtin, fragmentariamente, em PT e POD. As relações dialógicas são possíveis:

- 1) entre enunciados integrais [complets], isto é, entre dois sujeitos no diálogo face a face (composicionalmente expresso) ou, num sentido mais amplo, entre duas obras de um mesmo autor, ou de autores diferentes;
- 2) entre uma palavra isolada no interior de um enunciado completo, se a vemos “como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro”;
- 3) numa palavra isolada no interior de um enunciado completo, se nela se chocam duas vozes, ou seja, a dialogicidade interna da palavra (o microdiálogo);
- 4) entre estilos de linguagem, dialetos sociais, etc. “desde que eles sejam entendidos como certas posições semânticas, como uma espécie de cosmovisão da linguagem, isto é, numa abordagem não mais lingüística”;
- 5) entre nosso próprio enunciado como um todo e suas partes, “une attitude dialogique est enfin possible vis-à-vis de notre propre énoncé dans sa totalité, ou bien de l’une de ses parties, ou même d’un mot isolé, si nous prenons du recul par rapport à cet énoncé, si nous ouvrons des parenthèses intérieures s’il y a une distanciation par rapport à lui, soit que nous restreignons, soit que nous dédoublions en quelque sorte notre paternité” (PPD, BAKHTINE, 1970:242).

Em alguns desses tipos, as relações dialógicas vão para o interior do enunciado, e correspondem, na tipologia de usos da palavra de Bakhtin, à palavra orientada para a palavra do outro, isto é, ao objeto principal da Metalingüística: a palavra bivocal. Essa última, principalmente, as variantes multidirecionais e o tipo ativo, são essenciais para

a construção do romance polifônico:

“A própria orientação do homem em relação ao discurso [*mot*] do outro e à consciência do outro é essencialmente o tema fundamental de todas as obras de Dostoiévski” (PPD, BAKHTIN, 1997:208).

Convém ressaltar que o objetivo último de Bakhtin, em PPD, é o estudo de Dostoiévski em Dostoiévski, isso é, o estudo das particularidades de sua obra que, para ele, é dialógica em todos os seus aspectos, é como que uma Filosofia dialógica da linguagem desenvolvida enquanto enunciado artístico até o limite da polifonia.

O estudo da palavra na palavra que é o centro da investigação de Bakhtin e seu Círculo se desenvolve a partir de um aprofundamento das particularidades do discurso dialógico:

“A lingüística conhece, evidentemente, a forma composicional do “discurso dialógico” e estuda as suas particularidades sintáticas léxico-semânticas. Mas ela as estuda enquanto fenômenos puramente lingüísticos, ou seja, no plano da língua, e não pode abordar, em hipótese alguma, a especificidade das relações dialógicas entre as réplicas. Por isso, ao estudar o “discurso dialógico”, a lingüística deve aproveitar os resultados da metalingüística” (PPD, BAKHTIN, 1997:183),

“La linguistique connaît évidemment la forme compositionnelle du “discours dialogique”, en étudie les particularités syntaxiques et lexico-sémantiques. Mais elle les prend comme des phénomènes purement linguistiques, c’est-à-dire sur le plan de la langue, et ne peut en aucune manière aborder la spécificité des rapports dialogiques entre les répliques. En somme, dans son étude du “discours dialogique”, la linguistique doit utiliser les résultat de la translinguistique” (PPD, BAKHTINE, 1970:240).

“Linguistics recognizes, of course, the compositional form of “dialogic speech” and studies its syntactic and lexical-semantic characteristics. But it studies these as purely linguistic phenomena, that is, on the level of language, and is utterly incapable of treating the specific nature of dialogic relationships between rejoinders in a dialogue. Thus, when studying “dialogic speech,” linguistics must utilize the results of metalinguistics” (PPD, BAKHTIN, 1994B:182-183).

“La lingüística conoce, por supuesto, la forma composicional del “discurso dialogado” y estudia sus particularidades sintácticas y léxico-semánticas, pero lo hace como fenómenos puramente lingüísticos, es decir, en el plano de la lengua, y puede no referirse en absoluto a la especificidad de las relaciones dialógicas entre réplicas. Por eso, al estudiar el “discurso dialogado”, la lingüística debe aprovechar los resultados de la translingüística” (PPD, BAJTIN, 1986:255).

Sair do plano da língua para o plano da comunicação dialógica, para além de uma ideia mecânica da comunicação verbal, onde as relações dialógicas entre enunciados, estilos e gêneros podem ser investigadas. Essa parece ser a tarefa que se propõe Bakhtin ao definir o campo de estudo da Metalingüística. Mas não é só isso, Bakhtin não está interessado só em ir além das “possibilidades” da língua, ele quer estudar efetivamente a natureza dialógica da vida da linguagem, da língua, do discurso, da palavra, seja lá qual variante escolhermos, ou seja, é o uso da palavra em gêneros, estilos e enunciados concretos:

“Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a lingüística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações

propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalingüística, que ultrapassa os limites da lingüística e possui objeto autônomo e metas próprias” (PPD, BAKHTIN, 1997:183).

“Toute la vie de celle-ci [langue], quelle que soit la zone de son emploi (langue quotidienne, d'affaires, scientifique, artistique, etc.), est sous-tendue de rapports dialogiques; mais la linguistique étudie la “langue” même avec sa logique spécifique, dans sa *généralité*, comme *ce qui rend possible l'échange dialogique*; quant aux rapports dialogiques eux-mêmes, la linguistique ne les effleure qu'en passant. Ces rapports se situent dans le domaine du mot (qui, lui, est dialogique par nature) et son, par conséquent, objet de la translinguistique” (PPD, BAKHTINE, 1970:240).

“The entire life of language, in any area of its use (in everyday life, in business, scholarship, art, and so forth), is permeated with dialogic relationships. But linguistics studies “language” itself and the logic specific to it in its capacity as a *common ground*, as that which *makes possible dialogic interaction*; consequently, linguistics distances itself from the actual dialogic relationships themselves. These relationships lie in the realm of discourse, for discourse is by its very nature dialogic; they must therefore be studied by metalinguistics, which exceeds the limits of linguistics and has its own independent subject matter and tasks” (PPD, BAKHTIN, 1994B:183).

“Toda la vida de una lengua en cualquier área de su uso (cotidiana, oficial, científica, artística, etc.) está compenetrada de relaciones dialógicas. Pero la lingüística estudia la “lengua” misma con su lógica, dentro de un carácter *general*, como algo que *vuelve posible* la comunicación dialógica, abstrayéndose metódicamente de las propias relaciones dialógicas. Éstas se ubican en el dominio de la palabra, puesto que la palabra es dialógica por naturaleza, y por lo

tanto deben estudiarse por la translingüística que trasciende los límites de la lingüística y posee un objeto y propósitos independientes” (PPD, BAJTIN, 1986:255).

O objeto principal de Bakhtin e seu Círculo não é a palavra enquanto signo lingüístico, enquanto possibilidades de atualização. Não, para ele é a palavra enquanto signo ideológico, signo dialógico, realizado concretamente na vida da linguagem, da língua, do discurso em enunciados concretos. O limite de sua ciência é a palavra. Não que não aponte para uma análise ampla das relações dialógicas envolvendo outros fenômenos não-verbais:

“Lembremos para concluir que, numa abordagem ampla das relações dialógicas, estas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria sígnica. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalingüística” (PPD, BAKHTIN, 1997:184),

“Rappelons pour conclure que des rapports dialogiques, au sens large, sont possibles entre d’autres phénomènes de signification dès lors que ceux-ci sont produits par une matière sémiotique. Les rapports dialogiques peuvent exister, par exemple, avec des images prises dans d’autres arts. Mais ce problème dépasse le cadre de la linguistique [sic]” (PPD, BAJTIN, 1970:242).

“In conclusion, we remind the reader that dialogic relationships in the broad sense are also possible among different intelligent phenomena, provided that these phenomena are expressed in some semiotic material. Dialogic relationships are possible, for example, among images belonging to different art forms. But such relationships already exceed the limits of metalinguistics” (PPD, BAKHTIN, 1997:184).

“En conclusión recordemos que en un análisis amplio de relaciones dialógicas, éstas son posibles también entre otros fenómenos interpretables, si estos fenómenos se expresan mediante alguna clase de material sígnico, por ejemplo, entre imágenes de otras artes. Pero estas relaciones sobrepasan los límites de la translingüística” (PPD, BAJTIN, 1986:258).

Em outro momento da mesma obra, Bakhtin dirá, por exemplo, que “do ponto de vista de uma estética filosófica, as relações de contraponto na música são uma mera variedade musical das *relações dialógicas* entendidas em termos amplos” (PPD, BAKHTIN, 1997:44).

Definidos os limites da Metalingüística, Bakhtin trata de tornar mais específico esse objeto relacional - relações dialógicas -, indo até o seu núcleo, seu objeto principal: a palavra bivocal:

“O objeto principal de nosso exame, pode-se dizer, seu herói principal, é o discurso bivocal, que surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra. A lingüística desconhece esse discurso bivocal. Mas, achamos, é precisamente ela (sic) que deve tornar-se o objeto principal de estudo da metalingüística” (PPD, BAKHTIN, 1997:184-185).

“L’objet essentiel de notre étude, la vedette pourrait-on dire, sera le mot à deux voix (bivocal) qui nâit immanquablement lors de l’échange dialogique, c’est-à-dire dans les conditions de la vie authentique du mot. Ce mot est ignoré de la linguistique. Mais il nous semble que c’est lui précisément qui doit devenir l’un des principaux objets d’étude de la translingüistique” (PPD, BAKHTINE, 1970:242).

“The chief subject of our investigation, one could even say its chief hero, will be double-voiced discourse, which inevitably arises under conditions of dialogic

interaction, that is, under conditions making possible an authentic life for the word. Linguistics does not recognize double-voiced discourse. But precisely it, in our opinion, must become one of the chief objects of study for metalingüistics" (PPD, BAKHTIN, 1994B:185).

“Se puede decir que el objeto principal de nuestro examen, su protagonista, será la palabra bivocal que se origina ineludiblemente en las condiciones de la comunicación dialógica, es decir, en las condiciones de la vida auténtica de la palabra. La lingüística no conoce esta palabra bivocal, y es precisamente ésta, según nuestro parecer, la que debe ser el objeto principal de estudio en el campo de la translingüística” (PPD, BAJTIN, 1986:25).

Definido o objeto principal da Metalingüística, a palavra bivocal, Bakhtin apresenta alguns fenômenos literários que são precisamente fenômenos bivocais, que já eram seu objeto de estudo em POD (1929) dentro de uma Sociologia da palavra artística e que, aqui, são reacentuados para o interior da Metalingüística:

“Existe um conjunto de fenômenos do discurso-arte que há muito tempo vem chamando a atenção de críticos literários e lingüistas. Por sua natureza, esses fenômenos ultrapassam os limites da lingüística, isto é, são fenômenos metalingüísticos. Trata-se da estilização, da paródia, do *skaz* e do diálogo (composicionalmente expresso, que se desagrega em réplicas)” (PPD, BAKHTIN, 1997:185).

“Il existe une série de phénomènes, dans le discours artistique, qui attire depuis longtemps l’attention des linguistes et des critiques littéraires. Par leur nature ces phénomènes sortent du cadre de la linguistique, autrement dit son translinguistiques. Il s’agit de la stylisation, de la parodie, du dit (*skaz*) et du dialogue (“produit” par la composition, divisé en répliques)” (PPD, BAKHTINE, 1970:242-243).

“There exists a group of artistic-speech phenomena that has long attracted the attention of both literary scholars and linguists. By their very nature these phenomena exceed the limits of linguistics; that is, they are metalinguistic. These phenomena are: stylization, parody, *skaz* and dialogue (compositionally expressed dialogue, broken down into rejoinders)” (PPD, BAKHTIN, 1994B:185).

“Existe un grupo de fenómenos artísticos discursivos que desde hace mucho tiempo atrae la atención, tanto de los analistas literarios como de los lingüistas, pero que por su naturaleza están fuera del objeto de la lingüística, es decir, son de índole translingüística. Estos fenómenos son: estilizaciones, parodia, relato oral (*skaz*) y diálogo (expresado composicionalmente, consistente en réplicas)” (PPD, BAKHTIN, 1986:258).

Se na última versão (PPD), a estilística ao abordar esses fenômenos deve basear-se na Metalingüística, àquela época (POD), conforme citamos anteriormente, e também nos anos 30 (DR), o tipo de abordagem era uma estilística sociológica.

“A estilística deve basear-se não apenas e *nem tanto* na lingüística quanto na metalingüística, que estuda a palavra não no sistema da língua e nem num “texto” tirado da comunicação dialógica, mas precisamente no campo propriamente dito da comunicação dialógica, ou seja, no campo da vida autêntica da palavra. A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra” (PPD, BAKHTIN, 1997:203).

“La stilistique doit s’appuyer *moins* sur la linguistique que sur la translinguistique, qui étudie le mot non pas dans le système de la langue ou dans un “texte”, isolé

de l'échange dialogique, mais dans la sphère même de cet échange, c'est-à-dire dans la sphère de la vie réelle du mot. Le mot n'est pas une chose mais le milieu toujours dynamique, toujours changeant, dans lequel s'effectue l' 'échange dialogique. Il ne se satisfait jamais d'une seule conscience, d'une seule voix. La vie du mot, c'est son passage d'un locuteur à un autre, d'un contexte à un autre, d'une collectivité sociale, d'une génération à une autre" (PPD, BAKHTIN, 1970:263).

"Stylistics must be based not only, and even *not as much*, on linguistics as on metalinguistics, which studies the word not in a system of language and not in a "text" excised from dialogic interaction, but precisely within the sphere of dialogic interaction itself, that is, in that sphere where discourse lives an authentic life. For the word is not a material thing but rather the eternally mobile, eternally fickle medium of dialogic interaction. It never gravitates toward a single consciousness or a single voice. The life of the word is contained in its transfer from one mouth to another, from one context to another context, from one social collective to another, from one generation to another generation" (PPD, BAKHTIN, 1994B:202).

"La estilística debe basarse no sólo y no *tanto* en la lingüística como en la translingüística, que estudia la palabra, no en el sistema de la lengua, ni en un "texto" sacado fuera de la comunicación dialógica, sino en la esfera misma de ésta que es la esfera auténtica de la vida de la palabra; la palabra no es una cosa sino el medio eternamente móvil y cambiante de la comunicación dialógica, nunca tiende a una sola conciencia, a una sola voz, sua vida consiste en pasar de boca en boca, de un contexto a outro, de una colectividad social a outra, de una a outra generación" (PPD, BAJTIN, 1986:281-282).

O fato da lingüística não levar em consideração a palavra bivocal, tem consequências para a própria estilística. Assim como, para o Círculo, uma poética

lingüística não teria condições de analisar uma obra artística na sua especificidade artística, também a estilística lingüística não pode tratar da função propriamente artística do estilo:

“Os autênticos fatores formadores do estilo ficam fora do campo de visão da estilística lingüística” (PPD, BAKHTIN, 1997:227).

Por não reconhecer a palavra bivocal, a Estilística lingüística não consegue perceber certas particularidades de estilo que ocorrem numa determinada obra, quando justamente esse tipo de palavra, essa orientação do autor para a palavra do outro, é o seu tema. Recolhemos, algumas particularidades estilísticas das análises concretas que Bakhtin faz de obra de Dostoiévski, para termos uma idéia geral do alcance de uma estilística metalingüística. Nesse sentido, a estilística lingüística não consegue perceber, entre outras, as seguintes particularidades estilísticas:

- 1) o choque e a dissonância de diferentes acentos nos limites de um todo sintático;
- 2) as relações interiormente dialógicas da palavra com a mesma palavra em um contexto de outro e em lábios outros;
- 3) as ligações dinâmicas e tensas entre os enunciados;
- 4) a orientação dialógica da narração voltada para o herói;
- 5) a relação da narração com o diálogo interior do herói;
- 6) a pluralidade de estilos numa mesma obra;

O “texto”, o “discurso”, a palavra, a voz, o enunciado, Bakhtin orienta todas essas variantes de um mesmo fenômeno enquanto unidade da comunicação dialógica, e sob o ângulo dialógico dispõe essas categorias segundo o princípio arquitetônico da relação eu/outro:

“Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como

uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. O próprio pensamento dele já encontra a palavra povoada. Por isso, a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada” (PPD, BAKHTIN, 1997:203).

“Tout membre d’une collectivité parlante trouve non pas des mots neutres “linguistiques”, libres des appréciations et des orientations d’autrui, mais des mots habités par de voix autres. Il les reçoit par la voix d’autrui, emplis de la voix d’autrui. Tout mot de son propre contexte provient d’un autre contexte, déjà marqué par l’interprétation d’autrui. Sa pensée ne rencontre que des mots déjà occupés. C’est pour cette raison que l’orientation du mot, les différentes perceptions d’autrui, les multiples façons d’y réagir, sont peut-être les problèmes essentiels de l’étude translinguistique de n’importe quel mot, et surtout du mot littéraire” (PPD, BAKHTINE, 1970:263).

“When a member of a speaking collective comes upon a word, it is not as a neutral word of language, not as a word free from the aspirations and evaluations of others, uninhabited by others’ voices. No, he receives the word from another’s voice and filled with that other voice. The word enters his context from another context, permeated with the interpretations of others. His own thought finds the word already inhabited. Therefore the orientation of a word among words, the varying perception of another’s word and the various means for reacting to it, are perhaps the most fundamental problems for the metalinguistic study of any kind of discourse, including the artistic” (PPD, BAKHTIN, 1994B:202).

“Todo miembro de una colectividad hablante se enfrenta a la palabra, no en tanto que palabra natural de la lengua, libre de aspiraciones y valoraciones ajenas, despoblada de voces ajenas, sino que la recibe por medio de la voz del otro y saturada de esa voz. La palabra llega al contexto del hablante a partir de otro contexto, colmada de sentidos ajenos, su propio pensamiento la encuentra ya poblada. Es por eso que la orientación de la palabra entre palabras, la percepción diversificada de la voz ajena y los diferentes modos de reaccionar a ella, quizá aparezcan como los problemas más importantes del estudio translingüístico de cada palabra, incluyendo el discurso literario” (PPD, BAJTIN, 1986:283).

A obra de Dostoiévski não é só a fonte como a origem de toda a reflexão de Bakhtin sobre a natureza dialógica da linguagem. É em Dostoiévski que encontramos o material concreto para explicitar a importância e complexidade da nova ciência da linguagem, como que uma ciência do diálogo e seu objeto principal - a palavra bivocal:

“A cosmovisão dialógica, como vimos, prescreve toda a obra restante de Dostoiévski, a começar por *Gente Pobre*. Por isto, a *natureza dialógica do discurso* manifesta-se nela com imenso vigor e sensibilidade marcante. O estudo metalingüístico dessa natureza, particularmente das múltiplas variedades do discurso bivocal e sua influência em diversos aspectos da construção do discurso, encontra nessa obra matéria excepcionalmente abundante” (PPD, BAKHTIN, 1997:272).

“Nous avons vu que la perception dialogique du monde traverse également tout le reste de l’oeuvre, depuis *les Pauvres Gens*. De là que la *nature dialogique du mot* se manifeste chez Dostoïevski avec tant de force et de netteté. L’étude translinguistique de cette nature dialogique, en particulier des variantes multiples du mot bivocal et de son influence sur les différents aspects structuraux du

discours, trouve dans cette oeuvre une matière exceptionnelle” (PPD, BAKHTINE, 1970:342).

“A dialogic feeling for the world, as we have seen, permeates all Dostoevsky’s other works as well, beginning with *Poor Folk*. Thus the *dialogic nature of the word* is revealed in his work with enormous force and with an acute palpability. Metalinguistic research into the nature of this dialogicality, and especially into the diverse varieties of *double-voiced discourse* and its influence on various aspects of the structure of speech, finds in Dostoevsky’s creative art extraordinarily rich material” (PPD, BAKHTIN, 1994B:265).

“La percepción dialógica del mundo impregna, como hemos visto, toda la obra de Dostoievski en su conjunto a partir de *Pobres gentes*. Es por eso que la *naturaleza dialógica de la palabra* se manifiesta en sus escritos con tanta fuerza y es tan palpable. El estudio translingüístico de esta naturaleza y en particular de las numerosas variedades de la *palabra bivocal*, con sus influencias sobre los diversos aspectos de la estructuración del discurso, encuentra en su obra un material excepcionalmente fértil” (PPD, BAKHTIN, 1986:375).

Num diálogo com as idéias de Chklovski (1957), um dos fundadores do formalismo russo, Bakhtin vai falar, pela primeira vez, da relação das *relações dialógicas*, objeto da Metalingüística, com o gênero polifônico de romance:

“De fato, o caráter essencialmente dialógico em Dostoiévski não se esgota, em hipótese alguma, nos diálogos externos composicionalmente expressos, levados a cabo pelas suas personagens. *O romance polifônico é inteiramente dialógico*. Há relações dialógicas entre todos os elementos da estrutura romanesca, ou seja, eles estão em oposição como contraponto” (PPD, BAKHTIN, 1997:42).

Considerando-se que o gênero são tipos de enunciados relativamente estáveis do ponto de vista temático, composicional e estilístico, e que o tema fundamental do romance polifônico, em Dostoiévski, é exatamente a orientação do autor/narrador em relação ao discurso do herói, quais são as características composicionais e estilísticas desse gênero?

O princípio composicional de construção do todo, na autêntica polifonia, leva em consideração não só a multiplicidade de planos, mas também uma multiplicidade de mundos e de vozes plenas nos limites de uma obra, de um enunciado completo:

“... c’est le mot divergent bivocal qui prédomine, surtout son sous-groupe actif, avec le mot intérieurement dialogisé et le mot d’autrui réfracté: polémique caché, confession teintée de polémique, dialogue caché” (PPD, BAKHTINE, 1970:264).

Compreender a categoria *polifonia* como ela é construída por Bakhtin em PPD é muito difícil. Ela não envolve apenas as relações dialógicas entre os enunciados, nem somente as palavras bivocais que se chocam dentro desses enunciados, mas atinge exatamente o âmago da compreensão do homem do próprio Dostoiévski:

“Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o “homem no homem” para outros ou para si mesmo” (PPD, BAKHTIN, 1997:256).

Se no centro do mundo artístico de Dostoiévski está situado o diálogo como fim, é esse o mesmo sentimento que tivemos ao estudar o mundo filosófico-lingüístico de Bakhtin e seu Círculo. Ao situar as relações dialógicas e a palavra bivocal como objetos de sua ciência, o problema da palavra na palavra, do enunciado no enunciado, Bakhtin quer investigar o diálogo como fim:

“ Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo da vida, o mínimo de existência” (PPD, BAKHTIN, 1997:257).

A interação discursiva, o diálogo, é a realidade concreta da linguagem. Com esse postulado e seus desdobramentos, Bakhtin e seu Círculo constróem não só uma nova ciência da linguagem, mas uma autêntica ciência humana.

Considerações Finais

“O tempo é um garoto que brinca e
desloca peões.
A ele pertence a supremacia”

Heráclito

*“La unidad de la idea en el proceso de
generación y desarrollo. De aquí cierto
carácter inconcluso **interno** de muchas
de mis ideas”.* (BAJTIN, 1985:377-378)

Parafraseando a epígrafe do conto “Orientação”, de Guimarães Rosa, podemos dizer que começamos a pesquisa que gerou esta tese, perguntando - “-Ué, ocê é o Bakhtin?”, e a terminamos, após esses anos de diálogo com a sua obra e a de seu Círculo, vivenciando as mesmas metamorfoses da heróina do conto - Xacoca; Rita Rola; Lola ou Lita; Rola; Lolalita; Rola-a-Rita; Rita a Rola; Rola, como Rita; Rita-a-Rola; enfim, Lola Lita - no seu embate com o chinês Quim chim. O que ficou para nós, nesse embate com a obra na sua vida plurilingüe, incluindo algumas incursões nos originais russos, podem ser exatas as palavras do final desse conto:

“Outr’algo recebera, porém, tico e nico: como gorgulho no grão, grão de fermento, fino de bússola, um mecanismo de consciência ou cócega...”

(Rosa, 1985:125)

A obra como um todo forma como que um caleidoscópio. Cada vez que renovamos nosso olhar, aparece um novo detalhe que a nossa compreensão anterior não tinha conseguido captar. Mas não temos outra saída, senão o de tentar explicitar algumas leituras possíveis da obra como um todo, esperando que aquela escolhida

encontre eco no horizonte de leitores e pesquisadores dos estudos bakhtinianos e de seu Círculo.

Reinserir a Metalingüística como uma das entradas mais importantes no interior da obra foi o nosso principal objetivo. Embora a construção dessa ciência da linguagem tenha sido apresentada de um modo inconcluso e, às vezes, um tanto confusa, esperamos que o problema principal - o problema da palavra na palavra - tenha conseguido ganhar um pouco de clareza.

Ao relacionar a Metalingüística com a Filosofia marxista da linguagem, proposta em 1929, conseguimos enxergar um período - 1929-1963 - de amadurecimento e transformações das investigações do Círculo de Bakhtin em relação à linguagem e ao problema do diálogo.

Poderíamos ampliar o percurso de construção da Metalingüística até outras orientações filosóficas internas à obra como uma Filosofia moral (Filosofia do Ato) e uma Filosofia Estética (Estética da criação verbal), as quais embora escritas anteriormente às obras que pavimentaram nosso caminho, apresentam contribuições importantes aos fundamentos filosóficos dessa ciência da linguagem.

O princípio arquitetônico da contraposição eu/outro (Filosofia do ato) transposta para os estudos literários - autor/herói - (Estética da criação verbal), e desse para os problemas de linguagem - o enunciado do autor e o enunciado do herói - até chegarmos ao problema mais geral, que transcende a esfera literária, que é o problema do enunciado do outro no enunciado do autor e o problema da palavra de duas vozes que se cruzam no interior de um enunciado, tanto na vida quanto na arte. Todas essas outras etapas do caminho poderiam ter enriquecido as nossas reflexões acerca da Metalingüística.

Um dos principais ensinamentos da Filosofia moral de Bakhtin é que, ao invés de tornar o objeto escravo da ciência, adaptando-o a certas concepções teóricas, façamos o caminho inverso, que tomemos o objeto como ponto de partida e que sua complexidade nos leve à construção de problemas para a ciência existente, e quando as ciências existentes não conseguem descrever o fenômeno encontrado, o caminho exige, naturalmente, a criação de uma nova ciência.

Conforme nos aprofundamos no estudo da obra, o nosso objeto, percebemos que um trabalho exaustivo em torno da obra, revelando todos os seus aspectos mais importantes, em confronto e interação, seria uma tarefa quase impossível.

Além da natureza enciclopédica da obra, todos os seus pontos principais acabam se situando no cruzamento de tantas disciplinas, se confundindo com os objetos concretos analisados, gerando uma enormidade de fios dialógicos que, muitas vezes, nos sentimos literalmente perdidos, senão pela percepção, pela própria incapacidade de gerar uma tese no meio de múltiplas teses, mesmo depois da escolha de um tema específico.

O sistema dialógico que Bakhtin e seu Círculo constróem em sua obra, o dialogismo interno da obra, a lembrança de idéias que já ouvimos em algum momento anterior da obra, tudo isso pode se revelar apenas impressões de uma compreensão ativa, daí a dificuldade na própria transformação da pesquisa para a forma escrita. Os obstáculos da vida plurilingüe da obra, com o desaparecimento de algumas categorias de algumas obras, a relação da obra de períodos diversos em relação a um mesmo tema nos lançaram num labirinto sem fim. Se o diálogo é o fim para Dostoiévski e para Bakhtin, para nós só resta o diálogo com outros pesquisadores para conseguirmos tornar mais claros os problemas aqui apresentados.

A última palavra da tese não poderia ser nossa e, por isso, concluímos concordando com Bakhtin, que diz no manuscrito sobre a reeelaboração de seu livro sobre Dostoiévski:

“La palabra viva vinculada indisolublemente a la comunicación dialógica por su naturaleza quiere ser oída y contestada. Por su naturaleza dialógica, la palabra supone también una última distancia dialógica. Recibir la palabra, ser oído. La inadmisibilidad de una solución hecha *in absentia*. Mi palabra permanece en el diálogo que continúa, en el cual será escuchada, respondida y comprendida” (PRLD, BAJTIN, 1985:342).

Bibliografia de Bakhtin e seu Círculo

- BAJTIN, M. (1982) *Estética de la creación verbal*. (1982) Cidade do México, Siglo Veintiuno Editores.
- _____. (1986) *Problemas de la poetica de Dostoyevski*. Trad. Tatiana Bubnova. México, Fondo de Cultura Económica.
- _____. (1991) *Teoría y estética de la novela*. Trad. Helena S. Kriuhnova e Vicente Cazcarra. Madri, Taurus. 2a. edição.
- BAJTIN, M. (MEDVEDEV, P.N.) (1994) *El método formal en los estudios literários*. Trad. Tatiana Bubnova. Madri, Alianza Editorial.
- BAKHTIN, M. (1983) “A tipologia do discurso na Prosa” In: LIMA, Luiz Costa. (1983) *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 2ª. edição. pp. 462-484.
- _____. (1984) *Rabelais and his world*. Trad. Helène Iswolsky. Bloomington, Indiana University Press.
- _____. (1990) *Art and answerability. Early philosophical essays by M. M. Bakhtin*. Trad. Vadim Liapunov. 2ª. edição. Austin, University of Texas Press.
- _____. (1992) *Estética da criação verbal*. Trad. do francês de Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. (1993A) *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. do francês de Yara Frateschi Vieira. São Paulo, HUCITEC; Brasília, Editora da Universidade de Brasília.
- _____. (1993B) *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Trad. do russo de Aurora Fornoni Bernardini e outros. 3ª. edição. São Paulo, UNESP.
- _____. (1993C) *Toward a philosophy of the act*. Trad. Vadim Liapunov. Austin, University of Texas Press.
- _____. (1994A) *Problémi Tvorchestva Dostoiévskovo; Problémi poétiki Dostoiévskovo*. Kiev, Next.
- _____. (1994B) *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Trad. do russo Caryl Emerson. Minneapolis. University of Minnesota Press.

- _____. (1994C) *The dialogic imagination. Four essays by M. M. Bakhtin*. Trad. do russo de Caryl Emerson e Michael Holquist. 9^a. edição. Austin, University of Texas Press.
- _____. (1994D) *Speech genres & other late essays*. Trad. Vern W. McGee. 5^a. edição. Austin, University of Texas Press.
- _____. (1995) *Art and answerability. Early philosophical essays by M. M. Bakhtin*. Trad. Vadim Liapunov. 2^a. edição. Austin, University of Texas Press. pp.257-325.
- _____. (1996) *Sobraniiie Sotsienieni T.5 Raboti 1940-kh - nachala 1960-kh godov*. (Eds.) Bocharov e Gogotishvili. Russia slovari, Institutu Mirovai literaturi.
- _____. (1997) *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2^a. edição. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária.
- BAKHTIN, M. / MEDVEDEV (1991) *The formal method in Literary Scholarship. A critical introduction to sociological poetics*. Trad. Albert J. Wehrle. Baltimore e London, The Johns Hopkins Press.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) (1986) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3^a. edição. São Paulo, Hucitec.
- BAKHTINE, M. (1968) “L'énoncé dans le roman” In: *Voprosy Literatoury*, 1965 (no.8). Tradução para o francês In: *Langages*, no. 12, dec/68.
- _____. (1970) *La poétique de Dostoïevski*. Trad. Isabelle Kolitcheff. Paris, Éditions du Seuil.
- _____. (1978) *Esthétique et Théorie du Roman*. Trad. Daria Olivier. Paris, Gallimard
- _____. (1979) *Esthétique de la création verbale*. Trad. A. Aucouturier. Paris, Gallimard.
- _____. (1980) *Le Freudisme*. Trad. Guy Verret. Lausanne, L'Age d'Homme.
- BAKHTINE, M. (V.N. VOLOCHINOV) (1978) *Le marxisme et la philosophie du langage*. Trad. Marina Yaguello. Paris, Les Éditions de Minuit.
- MEDVEDEV, P. (1983A) “Sociologism without sociology (On the methodological works of P. N. Sakulin)” In: SHUKMAN, Ann (ed.) (1983) *Bakhtin School Papers*. (Russian Poetics in Translation, vol. 10). Oxford. pp. 67-74.
- _____. (1983B) “The formal (morphological) method or scholarly salieri-ism” In: SHUKMAN, Ann (ed.) (1983) *Bakhtin School Papers*. (Russian Poetics in Translation, vol. 10). Oxford. Pp. 51-66

- _____. (1983C) "The immediate tasks facing literary-historical science" In: SHUKMAN, Ann (ed.) (1983) *Bakhtin School Papers*. (Russian Poetics in Translation, vol. 10). Oxford. pp. 75-92.
- VOLOSHINOV, V. N. (1981A) "Discourse in life and discourse in poetry" In: SHUKMAN, Ann (ed.) (1983) *Bakhtin School Papers*. (Russian Poetics in Translation, vol. 10). Oxford. pp. 31-50.
- _____. (1981B) "Le discours dans la vie et le discours dans la poésie" In: TODOROV, Tzvetan. *Mikhaïl Bakhtine. Le principe dialogique. suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris, Éditions du Seuil. pp. 181-215.
- _____. (1981C) "Les frontières entre poétique et linguistique" In: TODOROV, Tzvetan. *Mikhaïl Bakhtine. Le principe dialogique. suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris, Éditions du Seuil. pp. 243-285.
- _____. (1981D) "Stylistique du discours artistique. 2. La structure de l'énoncé" In: TODOROV, Tzvetan *Mikhaïl Bakhtine. Le principe dialogique. suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris, Éditions du Seuil. pp. 287-316.
- _____. (1983A) "Literary Stylistics" In: SHUKMAN, Ann (ed.) (1983) *Bakhtin School Papers*. (Russian Poetics in Translation, vol. 10). Oxford. pp. 93-152.
- _____. (1983B) "The latest trends in linguistic thought in the west" In: SHUKMAN, Ann (ed.) (1983) *Bakhtin School Papers*. (Russian Poetics in Translation, vol. 10). Oxford. pp. 31-50.
- _____. (1992) *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Trad. Tatiana Bubnova. Madrid, Alianza Editorial.
- VOLOSINOV, V. N. (1972) *Marxism and the philosophy of language* (edição do original russo). Paris, Mouton.
- _____. (1986) *Marxism and the philosophy of language*. Trad. Ladislav Matejka e I. R. Titunik. Cambridge, Massachusetts; London, England, Harvard University Press.
- _____. (1987) *Freudianism. A critical sketch*. Trad. I. R. Titunik. Indiana, Indiana University Press.

Bibliografia Geral

- AMORIM, Marília (1996) *Dialogisme et alterité dans les sciences humaines*. Paris, L'Harmattan.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. e Fiorin, José Luiz. (orgs.) (1994) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo, EDUSP.
- BENVENISTE, Émile "Semiologia da língua" In: BENVENISTE, Émile. (1989) *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, Pontes. pp. 43-67.
- BERMAN, Marshall. (1986) *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e outros. São Paulo, Companhia das Letras.
- BERNARD-DONALS, M. F. (1994) *Mikhail Bakhtin. Between phenomenology and marxism*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BOCHAROV, Sergey (1994) "Conversations with Bakhtin" In: *PMLA - Publication of the Modern Language Association of America*. New York, PMLA. pp. 1009-1024.
- BRAIT, Beth. (1996) *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- BRAIT, Beth (org.) (1997) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, HAROLDO; e SCHNAIDERMAN, Boris. (1985) *Poesia russa moderna*. São Paulo, Brasiliense.
- CASADO, José. (1992) *Púchkin. Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- CASSIRER, E. (?) *Filosofia das Formas simbólicas. Parte 1. Linguagem.....*
- CHIPP, H. B. (1993) *Teorias da arte moderna*. Trad. Waltensir Dutra e outros. 2ª. edição. São Paulo, Martins Fontes.
- CHKLOVSKI, Viktor (1973) *Sur la théorie de la prose*. Trad. Guy Verret. Lausanne, L'Age d'Home.
- CLARK, Katerina.(1995) *Petersburg. Crucible of cultural revolution*. Cambridge, Ma. and London, England, Harvard University Press.
- CLARK, Katerina e HOLQUIST, Michael (1984) *Mikhail Bakhtin*. Cambridge, Massachusetts; London, England, Harvard University Press. Trad. J. Guinsburg

- (1998). São Paulo, Perspectiva.
- CONIO, Gerard (org.) (1975) *Le formalisme et le futurisme russes devant le Marxisme*. Lausanne, L'Age d'Homme.
- DEPRETTO, Catherine (ed.) (1997) *L'héritage de Mikhaïl Bakhtine*. Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux.
- DOSSE, François (1993) *História do estruturalismo, v.1: o campo do signo, 1945-1966*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Ensaio; Campinas, Editora da UNICAMP.
- _____. (1994) *História do estruturalismo, v.2: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias*. trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Ensaio; Campinas, Editora da UNICAMP.
- DOSTOIÉVSKI, F. (s/d). *Os Irmãos Karamázovi*. Trad. Natália Nunes e Oscar Mendes. Rio de Janeiro, Ediouro.
- ERLICH, Victor (1981) *Russian formalism*. New Haven and London, Yale University Press.
- EMERSON, Caryl (1995) "Bakhtin at 100: Looking back at te very early years" In: *The Russian Review*, vol. 54, Janeiro/1995, The Ohio State University Press. p. 107-114.
- _____. (1997) *The first hundred years of Mikhail Bakhtin*. Princeton, Princeton University Press.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C.; e CASTRO, G. de (orgs.) (1996) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba, Ed. da UFPR.
- FARACO, C. A. e outros (1988) *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba, Hatier.
- GARDINER, M. (1992) *The dialogics of critique. M. M. Bakhtin & the theory of ideology*. London, Routledge.
- GUINSBURG, J. (1985) *Stanislavski e o Teatro de Arte de Moscou*. São Paulo, Perspectiva.
- HIRSCHKOP, K. e SHEPHERD, D. (eds.) (1989) *Bakhtin and cultural theory*. Manchester and New York, Manchester university Press.
- HITCHCOCK, Peter (1998) *Bakhtin/"Bakhtin": studies in the archive and beyond*. (The South Atlantic Quarterly. Volume 97 number 3 / 4). Durham, Duke University Press.
- HOLQUIST, Michael (1990) *Dialogism. Bakhtin and his world*. Londres, Nova York, Rotledge.

- IVANOV, V. V. (1974) "The Significance of M. M. Bakhtin's Ideas on Sign, Utterance, and Dialogue for Modern Semiotics" In: BARAN, Henrik (ed.) (1976) *Semiotic and Structuralism: Readings from the Soviet Union*. New York, White Plains. pp. 310-367.
- KOTHE, Flávio R. (1977) "A não-circularidade do círculo de Bakhtine" In: *Tempo Brasileiro* 51, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda. pp. 17-33.
- LENIN, Vladimir (1937) *Sur la littérature et l'art*. Trad. Jean Fréville. Paris, Éditions Sociales Internationales.
- LOTMAN, Iuri M. e outros (1981) *Ensaio de semiótica soviética*. Trad. de Victória Navas e Salvato Teles de Menezes. Lisboa, Livros Horizonte Ltda.
- MACHADO, Irene A. (1989) *Analogia do dissimilar. Bakhtin e o formalismo russo*. São Paulo, Perspectiva.
- _____. (1995) *O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin*. Rio/São Paulo, Imago/ FAPESP.
- MATEJKA, Ladislav (1993) "On the First Russian Prolegomena to Semiotics" In: VOLOSINOV, V. N. (1986) *Marxism and the philosophy of language*. Trad. Ladislav Matejka e I. R. Titunik. Cambridge, Massachusetts; London, England, Harvard University Press.
- MONEGAL, Emir Rodrigues (1980) "Carnaval, Antropofagia, paródia" In: *TEMPO BRASILEIRO* 62, Julho-Setembro de 1980. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda. pp. 6-17.
- MORSON, Gary Saul e EMERSON, Caryl (eds) (1989) *Rethinking Bakhtin. Extensions and challenges*. Evanston, Northwestern University Press.
- MORSON, Gary Saul e EMERSON, Caryl (1990) *Mikhail Bakhtin: creation of a prosaics*. Stanford, Stanford University Press.
- PEYTARD, Jean (1995) *Mikhail Bakhtine: Dialogisme et analyse du discours*. Paris, Bertrand-Lacoste.
- PLEKHANOV, Guiorgui (1945) *Sociologia da arte*. Trad. Edmundo Rossi. São Paulo, Cultura.
- _____. (1976) *Ensaio sobre o desenvolvimento da concepção monista de história*.

- Trad. Fernando M. da Costa. Lisboa, Horizonte.
- _____. (1977) *Arte e vida social*. Lisboa, Moraes.
- _____. (1978) *Os princípios fundamentais do marxismo*. São Paulo, Hucitec.
- POMORSKA, K. (1973) *Formalismo e futurismo*. São Paulo, Perspectiva.
- PÚCHKIN, Aleksandr (1999) *A Dama de espadas. Prosa e poemas*. Tradução de Boris Schnaiderman e Nelson Ascher. São Paulo, Editora 34.
- REIS FILHO, Daniel A. (1985) *Rússia (1917-1921). Anos vermelhos*. São Paulo, Brasiliense.
- RIPELLINO, Angelo Maria (1970) *Sobre literatura rusa. Itinerário a lo maravilloso*. Barcelona, Barral Editores.
- _____. (1971) *Maiakovski e o Teatro de Vanguarda*. São Paulo, Perspectiva.
- _____. (1996) *O Truque e a alma*. Trad. Roberta Barni. São Paulo, Perspectiva.
- ROSA, João Guimarães (1985) *Tutaméia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- ROSALES, Maria A. G. (1994) *Proyección crítica de Bajtín: la articulación de una contrapoética*. Granada, Universidad de Granada.
- SAUSSURE, Ferdinand (1995) *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini e outros. 20ª edição. São Paulo, Cultrix.
- SCHNAIDERMAN, Boris (1971) *A poética de Maiakóvski*. São Paulo, Perspectiva.
- _____. (1983) *Turbilhão e semente. Ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo, Duas Cidades.
- _____. (1997) *Os escombros e o mito. A cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SHUKMAN, Ann (ed.) (1983) *Bakhtin School Papers*. (Russian Poetics in Translation, vol. 10). Oxford.
- SILVA, Benedicto (coord.) (1986) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio, Fundação Getúlio Vargas.
- SOUZA, Geraldo Tadeu (1999) *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP.
- _____. (1999) "O percurso teórico do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev: 1919-

- 1929” In: *Estudos Lingüísticos. (GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo)*. São Paulo, UNESP/São José do Rio Preto. pp. 232-237.
- TERRAS, Victor (ed.) (1985) *Handbook of russian literature*. New Haven and London, Yale University Press.
- TODOROV, T. (1981) *Mikhaïl Bakhtine. Le principe dialogique. suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris, Éditions du Seuil.
- TODOROV, T. (apresentação) (1987) *Teoria da literatura - I. Textos dos formalistas russos*. Lisboa, Edições 70.
- _____. (1978) *Teoria da literatura - II. Textos dos formalistas russos*. Lisboa, Edições 70.
- _____. (1992) “Prefácio” In: BAKHTIN, M. (1992) *Estética da criação verbal*. Trad. do francês de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo, Martins Fontes. pp. 1-21.
- TROTSKY, Leon (1977) *História da revolução russa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- VOLKOV, Solomon (1998) *São Petersburgo. Uma história cultural*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro, Record.
- WALL, Anthony ((1998) “A Broken Thinker” In: *Bakhtin/”Bakhtin”*: *Studies in the Archive and Beyond*. (The South Atlantic Quarterly. Volume 97 number 3 / 4). Durham, Duke University Press. Pp. 669-698.
- WÖLFFLIN, H. (1984) *Conceitos fundamentais da história da arte*. Trad. João Azenha Jr. São Paulo, Martins Fontes.
- ZAVALA, Iris M. (1996) *Bajtin y sus apócrifos*. Barcelona, Anthopos/Editorial de la Universidad de Puerto Rico.